



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – NPGA**

IURI ALBERTO DE JESUS SACRAMENTO

**GERAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: AS CLASSIFICAÇÕES DE GERAÇÕES NO
MUNDO E OS ESTUDOS GERACIONAIS BRASILEIROS**

**SALVADOR
2025**

IURI ALBERTO DE JESUS SACRAMENTO

**GERAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: AS CLASSIFICAÇÕES DE GERAÇÕES NO
MUNDO E OS ESTUDOS GERACIONAIS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao PPGA Acadêmico – Programa de Pós-graduação em Administração Acadêmico, EAUFBA – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Profª. Dra. Diva Ester Okazaki Rowe.
Coorientadora: Profª. Dra. Andrea Valéria Steil

Linha de pesquisa: Estudos Organizacionais

SALVADOR
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Escola de Administração - UFBA

S123 Sacramento, Iuri Alberto de Jesus.

Gerações contemporâneas: as classificações de gerações no mundo e os estudos geracionais brasileiros / Iuri Alberto de Jesus Sacramento. – 2025.

120 f.: il.

Orientadora: Profª. Drª. Diva Ester Okazaki Rowe.

Coorientadora: Profª. Drª. Andrea Valéria Steil.

Dissertação (mestrado): Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2025.

1. Gerações - Classificação. 2. Cultura e globalização. 3. Relações entre gerações - Aspectos sociais. 4. Valores sociais. 5. Diferenças individuais. 6. Memória coletiva. 7. Identidade social. I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração. II. Título.

CDD – 305.2

ATA Nº 01

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (NPGA), realizada em 28/03/2025 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO no. 1, área de concentração ADMINISTRAÇÃO, do(a) candidato(a) IURI ALBERTO DE JESUS SACRAMENTO, de matrícula 2023105900, intitulada GERAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: AS CLASSIFICAÇÕES DE GERAÇÕES NO MUNDO E OS ESTUDOS GERACIONAIS BRASILEIROS. Às 10:30 do citado dia, Videoconferência, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. DIVA ESTER OKAZAKI ROWE que apresentou os outros membros da banca: Prof. ANDREA VALÉRIA STEIL, Prof. Dr. ADALBERTO MOREIRA CARDOSO e Profª. Dra. KELY CESAR MARTINS DE PAIVA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora APROVADO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

gov.br Documento assinado digitalmente
ADALBERTO MOREIRA CARDOSO
Data: 28/03/2025 16:17:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. ADALBERTO MOREIRA CARDOSO, UERJ
Examinador Externo à Instituição

gov.br Documento assinado digitalmente
KELY CESAR MARTINS DE PAIVA
Data: 28/03/2025 17:08:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. KELY CESAR MARTINS DE PAIVA, UFMG
Examinadora Externa à Instituição

 ANDREA VALERIA STEIL, UFSC
ANDREA VALERIA STEIL, UFSC
Examinador Interno - Coorientadora

gov.br Documento assinado digitalmente
DIVA ESTER OKAZAKI ROWE
Data: 28/03/2025 15:44:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. DIVA ESTER OKAZAKI ROWE, UFBA
Presidente

gov.br Documento assinado digitalmente
IURI ALBERTO DE JESUS SACRAMENTO
Data: 30/03/2025 14:19:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

IURI ALBERTO DE JESUS SACRAMENTO
Mestrando(a)

Aos meus pais, Carlos e Antonia, *in
memoriam*, que guardo com amor para sempre.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação representa não apenas o encerramento de uma jornada acadêmica, mas também a materialização de sonhos, esforços e aprendizados acumulados ao longo de um intenso período de dedicação. Ao olhar para trás, vejo que este trabalho é fruto não só do meu empenho, mas também do apoio, incentivo e colaboração de muitas pessoas que, direta ou indiretamente, tornaram possível a realização deste projeto.

À Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao Programa de Pós-Graduação em Administração, meu sincero agradecimento pela oportunidade de crescimento acadêmico e pelo suporte institucional que possibilitou a concretização deste estudo. A todos os professores que, com sua dedicação e competência, me proporcionaram um ambiente fértil para a construção do conhecimento, deixo minha gratidão.

À minha orientadora Profª. Dra. Diva Rowe, que, com paciência, sabedoria e rigor acadêmico, conduziu-me pelos caminhos da pesquisa científica, e à minha coorientadora Profª. Dra. Andreea Steil, que também acompanhou com atenção e cuidado as etapas desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos. Suas orientações precisas e encorajadoras foram fundamentais para meu amadurecimento pessoal e profissional, bem como da dissertação desenvolvida. Obrigado por acreditarem no meu potencial, e por me motivarem a seguir adiante, mesmo diante dos desafios.

Agradeço também aos professores Dr. Lindomar Silva, Dra. Tânia Benevides, Dr. Genauto França Filho pelo acolhimento, presença e relevância no processo de formação acadêmica e de desenvolvimento na pesquisa. À diretoria do curso, na figura da Profa. Dra. Andreia Ventura pelo profissionalismo e suporte. Aos membros da secretaria do curso, a Ernani, sempre sorridente, amigável e prestativo, e especialmente a secretária Anaélia, a quem sou muito grato por todo cuidado, receptividade e atenção, sem vocês esse curso nem aconteceria. Às bibliotecárias do curso de administração, especialmente a Selma da Silva, pela atenção e apoio técnico, nas estratégias de levantamento nas bases.

À Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), minha gratidão pela carreira profissional, história de tantos anos, e pelo apoio institucional, indispensável para a realização deste mestrado. Sem este respaldo, muitos dos passos dados neste percurso não seriam possíveis.

Aos colegas e amigos que compartilharam comigo os momentos de incerteza e entusiasmo, de dúvida e descoberta, deixo minha profunda gratidão. A Péricles, também orientando da Profa Diva, pela parceria e apoio durante o curso. A Manuela e Paloma pelas

dicas e estímulos ainda na fase de projeto. A turma do doutorado cuja troca foi sempre gratificante e enriquecedora. A turma do mestrado, Carina, Geise, Isabela, Ademildes, Rodrigo, Rafael, Robert e Luan, o convívio acadêmico com vocês foi um constante estímulo e aprendizado, cheio de boas energias, uma satisfação, obrigado.

Agradeço muito à minha família, por compreenderem as minhas ausências e apoiarem incondicionalmente cada etapa desta caminhada. A minha irmã Iris, sempre presente em minha história, sou grato por todo afeto e amor.

Agradeço especialmente a minha esposa, Vivian, parceira inestimável e o acalento necessário para que eu me mantivesse no caminho. Seu amor, carinho, companheirismo, amizade e compreensão foram a base sobre a qual pude me apoiar para enfrentar os desafios deste percurso.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais sincero muito obrigado. E principalmente, gratidão ao meu Deus, minha força, minha fonte de vida.

GERAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: AS CLASSIFICAÇÕES DE GERAÇÕES NO MUNDO E OS ESTUDOS GERACIONAIS BRASILEIROS

RESUMO

Esta dissertação tem como tema central as gerações contemporâneas: suas classificações no contexto global e estudos no Brasil. Destaque-se a importância acadêmica e social de compreender especificidades culturais e históricas na classificação geracional. Historicamente, a classificação das gerações foi amplamente influenciada pelo modelo norte-americano, com limitada adequação ao contexto brasileiro. A produção acadêmica internacional recente tem crescentemente criticado as imprecisões e falta de robustez metodológica na aplicação deste modelo. Nesse sentido, esta pesquisa objetivou mapear e avaliar as classificações geracionais no contexto global e as especificidades dos estudos sobre gerações brasileiras. Metodologicamente, adotou-se duas revisões de escopo intituladas "Generational Classifications In Societies: A Scoping Review." e "Nossas Gerações: Uma revisão de escopo sobre estudos das gerações brasileiras". Foram seguidas as recomendações do Manual JBI e os check lists PRISMA. Foram utilizadas as fontes de dados Scopus, Web of Science e SciELO. Não houve limite temporal inicial na primeira revisão, utilizou-se limite inicial de 2013 na segunda, e com limite final em novembro de 2024 para as duas. Dentre os resultados, além da centralidade dos fatores históricos, a pesquisa identificou seis dimensões presentes nas análises dos estudos encontrados e de notória relevância: política, econômica, social, tecnológica, cultural e natural. Demonstrou-se a necessidade de uma abordagem que integre as dimensões mencionadas de forma sistemática e foi proposto um modelo estrutural-dinâmico multimensional para classificação de gerações. Além disso, demonstrou-se a inadequação da aplicação universal das classificações geracionais em contexto diversos daqueles para os quais foram concebidas. Isto inclui a aplicação da classificação norte americana ao Brasil. Este estudo também propôs a valorização das singularidades brasileiras nas futuras classificações geracionais. A análise dos estudos brasileiros revelou predominância de métodos quantitativos, escassez crítica de abordagens qualitativas e longitudinais, e importantes lacunas conceituais e metodológicas. As conclusões apontam para a necessidade de desenvolvimento, validação e uso de instrumentos adaptados ao contexto brasileiro. Além disso, há demanda de estudos comparativos inter-regionais e ampliação das análises comparativas internacionais, especialmente na América Latina. Ademais, ressalta-se o potencial transformador desse conhecimento, com implicações práticas em políticas públicas, gestão organizacional e estratégias de marketing, dentre outras, reforçando uma perspectiva otimista sobre o papel crítico da pesquisa acadêmica para uma sociedade inclusiva e coesa.

Palavras-chave: Gerações, Classificações geracionais, Estudos geracionais, Gerações sociais mundiais, Gerações brasileiras.

CONTEMPORARY GENERATIONS: GENERATION CLASSIFICATIONS IN THE WORLD AND BRAZILIAN GENERATIONAL STUDIES

ABSTRACT

This dissertation focuses on contemporary generations: their classifications in the global context and studies in Brazil. It is important to highlight the academic and social importance of understanding cultural and historical specificities in generational classification. Historically, the classification of generations has been largely influenced by the North American model, with limited suitability to the Brazilian context. Recent international academic production has increasingly criticized the inaccuracies and lack of methodological robustness in the application of this model. In this sense, this research aimed to map generational classifications in the global context and investigate the specificities of studies on Brazilian generations. Methodologically, two scoping reviews were adopted, entitled "Generational classifications in societies: a scoping review" and "Our Generations: A scoping review on studies of Brazilian generations". The recommendations of the JBI Manual and the PRISMA checklists were followed. The data sources used were Scopus, Web of Science and SciELO. There was no initial time limit in the first review, and an initial time limit of 2013 in the second, and a final time limit of November 2024 for both. Among the results, in addition to the centrality of historical factors, the research identified six dimensions present in the analyses of the studies found and of notable relevance, namely: political, economic, social, technological, cultural and natural. The need for an approach that integrates the dimensions mentioned in a systematic way was demonstrated, and a multidimensional procedural model for classifying generations was proposed. In addition, the inadequacy of the universal application of generational classifications in contexts other than those for which they were designed was demonstrated. This includes the application of the North American classification to Brazil. This study also proposed the valorization of Brazilian singularities in future generational classifications. The analysis of Brazilian studies revealed a predominance of quantitative methods, a critical shortage of qualitative and longitudinal approaches, and important conceptual and methodological gaps. The conclusions point to the need for the development, validation and use of instruments adapted to the Brazilian context. Furthermore, there is a demand for inter-regional comparative studies and an expansion of international comparative analyses, especially in Latin America. Furthermore, the transformative potential of this knowledge is highlighted, with practical implications for public policies, organizational management and marketing strategies, among others, reinforcing an optimistic perspective on the critical role of academic research for an inclusive and cohesive society.

Keywords: Generations, Generational classifications, Generational studies, World social generations, Brazilian generations.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Estrutura: objetivos e estudos | 18 |
| Figura 2 - Gerações x Ciclo de vida x Coorte etária | 26 |
| Figura 3 – Flowchart of the study survey | 37 |
| Figura 4 - Number of published articles per year | 38 |
| Figura 5 - Number of publications per country | 38 |
| Figura 6 - Empirical approaches flow | 42 |
| Figura 7 - Structural-dynamic model for generational classification | 48 |
| Figura 8 - Estrutura da revisão do escopo | 66 |
| Figura 9 - Fluxograma Prisma de levantamento dos estudos | 71 |
| Figura 10 - Artigos publicados por ano | 76 |
| Figura 11 - Temática dos estudos | 77 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 – Generations – United States of America | 32 |
| Tabela 2 – Eligibility criteria for articles in the review | 35 |
| Tabela 3 - Generation classifications, parameters and dimensions | 39 |
| Tabela 4 - Methodological approach, analysis technique and data collection instruments of the studies | 41 |
| Tabela 5 - Critical evaluation of qualitative studies - checklist CEBMa | 44 |
| Tabela 6 - Critical evaluation of quantitative studies - checklist CEBMa | 44 |
| Tabela 7 - Critérios de elegibilidade..... | 69 |
| Tabela 8 - Descritivo geral das análises | 73 |
| Tabela 9 - Abordagem metodológica, técnica de análise e instrumento de coleta de dados | 78 |
| Tabela 10 - Avaliação crítica da pesquisa qualitativa checklist CEBMa..... | 80 |
| Tabela 11 - Avaliação crítica da pesquisa quantitativa checklist CEBMa | 81 |
| Tabela 12 - Matriz: variáveis x especificidades geracionais | 84 |
| Tabela 13 - Características divergentes a literatura internacional | 86 |
| Tabela 14 - Principais críticas quanto ao uso da classificação norte-americana no Brasil | 87 |
| Tabela 15 - Descritivo geral dos estudos analisados | 116 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------------|---|
| ACP | Análise de Componentes Principais |
| ANCOVA | Análise de Covariância |
| ANOVA | Análise de Variância |
| APC | Age, Períod e Cohort |
| CEBMA | Center for Evidence-Based Management |
| COO | Country of Origin |
| CUSUM | Gráfico de Controle de Soma Cumulativa |
| EUA | Estados Unidos da América |
| EVS | Estudo de Valores Europeus |
| GAM | Generalized Additive Models |
| GAMM | Generalized Aditive Mixed Models |
| GI | Geografic Indication |
| GRH | Gestão de Recursos Humanos |
| JBI | Joanna Briggs Institute |
| LP | Lean Production |
| MANCOVA | Análise Multivariada de Covariância |
| MEE | Modelagem de Equações Estruturais |
| MeSH | Medical Subject Headings |
| NLM | National Library of Medicine |
| PCC | População, Conceito e Contexto |
| PRISMA | Preffered Reporting Items for Systematic Review |
| PVQ | Questionário de Valores de Retratos |
| RIS | Information Systems Research |
| SEA | Single European Act |
| SEM | Modelagem de Equações Estruturais |
| SVS | Schwartz Value Survey |
| TRA | Teoria da Ação Racional |
| UE | União Europeia |
| WOS | Web of Science |
| WVS | World Values Survey |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| REFERENCIAL TEÓRICO | 20 |
| Introdução ao conceito de gerações como uma construção sociocultural | 20 |
| Bases teóricas: Entre Mannheim e outros clássicos às teorias contemporâneas | 20 |
| Gerações x Ciclo de vida x Coorte etária | 26 |
| a. Ciclo de vida..... | 27 |
| b. Coorte etária | 27 |
| c. Gerações | 27 |
| d. Relações entre os conceitos | 28 |
| RESULTADOS DA DISSERTAÇÃO..... | 29 |
| ESTUDO 1 - GENERATIONAL CLASSIFICATIONS IN SOCIETIES: A SCOPING REVIEW..... | 29 |
| INTRODUCTION | 29 |
| THEORETICAL FRAMEWORK..... | 30 |
| METHOD | 33 |
| Planning | 33 |
| Development..... | 33 |
| Writing..... | 36 |
| Results | 36 |
| Classification of Generations, Parameters and Dimensions | 38 |
| Methodological Aspects by Approaches | 41 |
| Critical Analysis of Empirical Studies | 42 |
| DISCUSSION..... | 45 |
| The necessary multidimensionality: gaps, implications, recommendations and model..... | 46 |
| FINAL CONSIDERATIONS | 49 |
| REFERENCES | 51 |
| ESTUDO 2 - NOSSAS GERAÇÕES: UMA REVISÃO DE ESCOPO SOBRE ESTUDOS DAS GERAÇÕES BRASILEIRAS..... | 57 |
| INTRODUÇÃO | 58 |
| REFERENCIAL TEÓRICO | 60 |
| Gerações no contexto brasileiro: especificidades culturais, históricas e socioeconômicas do Brasil..... | 60 |
| Outras considerações para os critérios de elegibilidade deste estudo | 63 |
| Temática | 63 |

| | |
|--|------------|
| Contexto | 64 |
| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 66 |
| Planejamento | 66 |
| Desenvolvimento | 67 |
| Redação | 70 |
| APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS..... | 71 |
| Especificidades brasileiras..... | 83 |
| DISCUSSÃO | 89 |
| Iniciativas de classificação geracional brasileiras | 91 |
| Lacunas | 93 |
| Limitações do estudo | 94 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 95 |
| REFERÊNCIAS | 96 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO | 102 |
| REFERÊNCIAS DA INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO | 106 |
| APÊNDICES | 108 |
| APÊNDICE A - Protocolo Prisma P – Estudo 1 | 108 |
| APÊNDICE B - Protocolo Prisma P – Estudo 2 | 112 |
| APÊNDICE C - Relato de Impactos da Dissertação | 116 |
| APÊNDICE D - Descritivo geral dos estudos analisados no estudo 1 | 118 |

INTRODUÇÃO

As construções sociais da realidade são alvo de investigações científicas com diferentes propósitos desde os primórdios do conhecimento. A sociedade como um todo é marcada por eventos históricos, ela se molda conforme o enredo dos acontecimentos. Dentre as formas de olhar para a sociedade em coortes, a classificação geracional é uma das que possibilita compreendê-la. Ela tem sido alicerce e instrumento para desdobramentos múltiplos de estudos em vários ramos do conhecimento.

Gerações são grupos de pessoas que nasceram e formaram sua identidade no mesmo espaço épico, geopolítico e sociocultural (Mannheim, 1952; Peretz et al., 2022). Compreende-se assim que compartilharam experiências e memórias e, por conseguinte, partilham características comportamentais, valores, atitudes, percepções da realidade, dentre outras coisas (Costanza et al., 2021; Mannheim, 1952; Schröder, 2024; Strauss & Howe, 1991).

A teoria geracional liga-se ao entendimento de que grandes eventos históricos ocorridos têm potencial para remodelar os contornos sociais e a apreensão da realidade pelos indivíduos. Neste sentido, os acontecimentos funcionam como âncora para fixação da memória coletiva e impactam majoritariamente aqueles que na ocasião estejam no período chamado como de socialização, ou seja, de alcance a maioridade (Alwin & Krosnick, 1991; Inglehart, 1997; Ryder, 1965; Schuman & Scott, 1989; Schewe & Meredith, 2004).

Classificação de gerações significa o processo dinâmico e estruturado pelo qual são estabelecidas coortes de uma sociedade, constituídas de pessoas nascidas em um determinado intervalo de tempo (Costanza et al., 2023). Tal processo perpassa a apuração dos impactos históricos sobre a coletividade. Assim, são concebidos agrupamentos lógicos com rótulos. O resultado do processo é comumente chamados de classes ou coortes geracionais (Parry & Urwin, 2021).

Posteriormente, estas classes podem servir de base para investigações de padrões delas derivados. Entretanto, sociedades diferentes podem experimentar cenários diversos em um mesmo intervalo cronológico (Lyons & Kuron, 2014; Parry & Urwin, 2011). Isto representa um desafio para os cientistas. Embora haja similaridades, não se pode ignorar as diferenças.

Em outras palavras, os eventos históricos dos países também divergem, como em: enfrentamento de guerras, implantação de regimes políticos diferentes, crises econômicas, e difusão de tecnologias. Desconsiderar tal diversidade pode gerar conclusões científicas

equivocadas ou distorcidas, bem como, reverberar equívocos nas decisões que nelas se apoiarem (Shaikh et al., 2021).

Essas distinções se acirram na medida em que cada país promove políticas públicas específicas para lidar com suas demandas econômicas e sociais. Assim como, há os legados dos sistemas de governo e perspectivas por eles condicionadas. Se compararmos países como Brasil e África do Sul, ou Estados Unidos da América - EUA e China, por exemplo, haverá manifestos contrastes de desenvolvimento e de contexto (Brug & Rekker, 2020; Cardoso, 2015; Duh & Struwig, 2015; Egri & Ralston, 2004; Fernández-Durán, 2016).

Acerca dos contrastes, internos e externos, o Brasil é um exemplo deles frente ao mundo globalizado. Isto é, um desafio, principalmente se consideradas as dimensões continentais do país, caracterizado pela complexa e diversa composição demográfica e cultural (Milhome & Rowe, 2020). A sua população foi inicialmente composta de índigenas nativos e imigrantes das mais diversas etnias.

A múltipla ancestralidade brasileira se conduziu por uma distribuição territorial não regulada, traduzida inclusive em acentuadas diferenças socioculturais entre as regiões do país (Codato, 2005). Tal singularidade se assevera quando considerada as históricas diferenças entre classes (Rocha-de-Oliveira et al., 2012). Essas peculiaridades são presentes ainda na atual conjuntura e se constituem como um rico objeto de pesquisa.

Neste contexto, este estudo parte da compreensão teórica de que a classificação de gerações deve ser concebida conforme cada sociedade (Peretz et al., 2022). Entretanto, os estudos acadêmicos mundiais do campo, realizados até a contemporaneidade, em sua maioria, têm tomado como base a classificação geracional concebida para o contexto sócio-histórico norte-americano (Benítez-Márquez et al., 2022, Ravid, Costanza & Romero, 2024, Twenge, 2010).

Contudo, há críticas severas quanto a esta generalização, bem como quanto a precisão e rigor metodológico na aplicação do modelo (Costanza et al., 2021; McKercher, 2023; Rudolph et al., 2021). A literatura científica ainda carece de estudos no mundo que se arvoram a retratar outras propostas de classificação com enfoque em sociedades distintas (Lyons & Kuron, 2014, Ravid et al., 2024).

Novos trabalhos que tratem sobre isto podem colaborar significativamente, inclusive amparando comparativos internacionais com maior propriedade. Para além do aspecto teórico, uma classificação geracional pautada nas particularidades de uma sociedade possibilita suporte para políticas de gestão mais assertivas. Organizações disporão de maiores *inputs* para definir seus públicos-alvo, dialogar com eles e assistir às suas demandas.

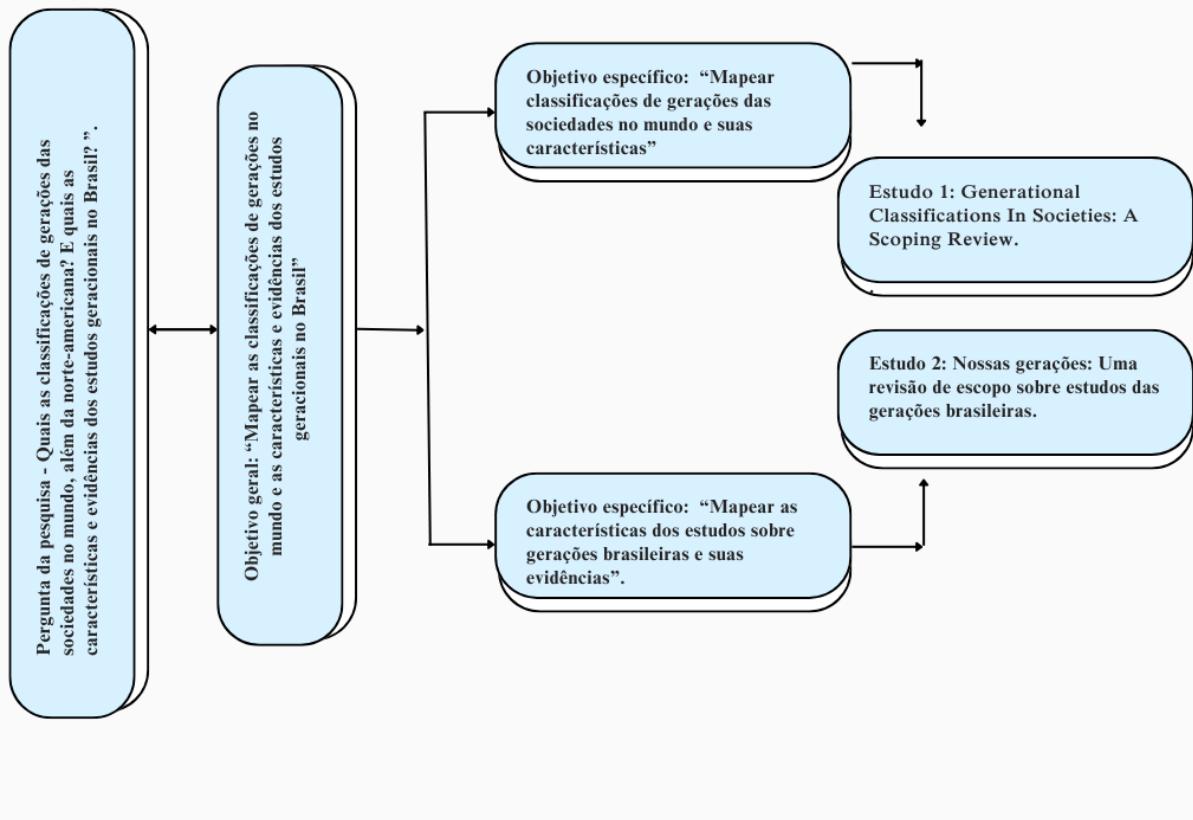
Ademais, oportuniza-se uma gestão de pessoas mais acurada, que concilie os propósitos, e considere com maior precisão as singularidades dos trabalhadores.

Outros ramos do conhecimento podem compartilhar os frutos de modo a gerar impactos benéficos à sociedade. No caso do campo da saúde, estratégias de medicina preventiva poderão maximizar seus resultados ao aprimorar o conhecimento sobre o comportamento dos pacientes (Costa Júnior & Couto, 2015).

Por outro lado, o melhor conhecimento das gerações poderá dar suporte a políticas públicas mais eficientes e efetivas. Tal como na educação, que leva em consideração as peculiaridades geracionais advindas das especificidades sociais para auxiliar o planejamento e o desenvolvimento de técnicas que amplificam o engajamento, o aprendizado e a formação dos estudantes (Fei et al., 2023).

Assim, o presente trabalho colabora com insumos para instrumentalizar e amplificar este debate teórico e, por conseguinte, contribui para a redução das lacunas e possíveis equívocos decorrentes do uso inadequado desse parâmetro. Desta forma, debruçou-se sobre a seguinte questão de pesquisa: “Quais as classificações de gerações das sociedades no mundo, além da norte-americana? E quais as características e evidências dos estudos geracionais no Brasil?”.

Conforme demonstrado na estrutura da Figura 1, o delineamento deste trabalho teve como objetivo geral: “Mapear as classificações de gerações no mundo e as características e evidências dos estudos geracionais no Brasil”. Por conseguinte, se propôs os seguintes objetivos específicos: “Mapear classificações de gerações das sociedades no mundo e suas características” e “Mapear as características dos estudos sobre gerações brasileiras e suas evidências”.

Figura 1*Estrutura: Objetivos e estudos*

Fonte: Elaboração pelo próprio autor

Para o alcance dos objetivos, este trabalho gerou dois estudos. O primeiro foi intitulado: **"Generational Classifications In Societies: A Scoping Review"**. Neste estudo buscou-se atingir o objetivo específico 1. Optou-se pela revisão de escopo devido a sua adequação para mapear evidências em contexto exploratório, cuja pergunta de pesquisa tem caráter amplo (Aromataris et al., 2024).

Como fontes de informação utilizaram-se as bases de dados Scopus e Web of Science - WOS, e a biblioteca de documentos Scielo. Não houve delimitação de filtro para idiomas, contemplando todos. O período de publicação utilizado foi sem data de limite inicial e limite final em 06 de novembro de 2024.

Neste sentido, foram mapeadas evidências em análises como: enquadramento temático, as principais contribuições, principais lacunas, principais limitações dos trabalhos, e possíveis agendas futuras apresentadas nos artigos. A fim de alcançar inferências sistêmicas,

foram analisados elementos como: abordagens, metodologias e instrumentos, detalhamento dos estudos, convergências e divergências.

Buscou-se mapear as dimensões e parâmetros utilizados pelos estudos como critérios para as delimitações das coortes geracionais. Adicionalmente, este trabalho refletiu sobre o conteúdo teórico para classificar gerações, e propôs um modelo estrutural-dinâmico multimensional para classificação de gerações.

O segundo estudo foi intitulado: "**Nossas gerações: Uma revisão de escopo sobre estudos das gerações brasileiras**". Este estudo teve o propósito de atingir o objetivo específico 2. Para tanto, também foi empregada revisão de escopo. Como fontes utilizou-se as bases de dados Scopus e Web of Science, e a biblioteca de documentos Scielo. Não houve delimitação de filtro para idiomas. O período de publicação utilizado foi de 2013 a 09 de novembro de 2024.

Foram realizadas análises como: enquadramento temático, principais contribuições, as principais lacunas, as principais limitações dos trabalhos, e as possíveis agendas futuras. A fim de alcançar inferências sistêmicas, também foram analisados elementos como: base teórica, abordagens, metodologias e instrumentos, detalhamento dos estudos, convergências e divergências.

Assim, este trabalho refletiu sobre o conteúdo teórico decorrente dos estudos examinados e sintetizou as evidências. Com base nas análises, aponta-se inconsistências e inadequações conceituais referentes à utilização da classificação de gerações norte-americana no Brasil. Deste modo, foi recomendado seu desuso para estudos futuros neste país. Bem como, incentiva-se a adoção, desenvolvimento e aprimoramento de uma classificação concebida a partir do contexto brasileiro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta e discute as principais abordagens e estudos que fundamentam a compreensão das gerações enquanto fenômeno social. Para isso, são exploradas diferentes perspectivas teóricas que analisam como os grupos geracionais são constituídos, quais fatores influenciam suas identidades coletivas e de que maneira se diferenciam ao longo do tempo.

Introdução ao conceito de gerações como uma construção sociocultural

O conceito de gerações tem suas raízes em abordagens sociológicas e comportamentais que buscam compreender como grupos de pessoas, unidos por experiências históricas compartilhadas, desenvolvem valores, comportamentos e perspectivas coletivas (Mannheim, 1952). As gerações não são apenas divisões etárias, mas são também construções sociais que refletem as dinâmicas de épocas específicas.

Essa perspectiva destaca o papel de fatores históricos, culturais e econômicos na formação de identidades geracionais. No contexto das ciências sociais, a ideia de gerações vai além da delimitação cronológica, envolvendo análises das interações entre contexto histórico e experiências individuais e coletivas (Peretz et al., 2022).

Bases teóricas: Entre Mannheim e outros clássicos às Teorias Contemporâneas

Karl Mannheim é amplamente reconhecido como pioneiro e um dos principais teóricos na discussão sobre gerações. Nascido em Budapeste, Hungria, no ano de 1893, obteve formações acadêmicas na Alemanha e na Áustria, e atuou principalmente nas áreas de sociologia do conhecimento e teoria das gerações, tornando-se um sociólogo de destaque. Seu principal trabalho "O Problema das Gerações", originalmente publicado em 1928 na língua alemã como "Das Problem der Generationen" e posteriormente traduzido para o inglês em 1952 (Mannheim, 1952).

Ele propôs que as gerações são formadas não apenas por fatores biológicos ou etários, mas principalmente pela participação de indivíduos em experiências históricas significativas durante fases cruciais de suas vidas. Essa perspectiva introduz a ideia de "unidade geracional", que ocorre quando grupos são influenciados de maneira semelhante por eventos históricos e sociais, criando uma consciência coletiva que distingue uma geração de outra.

Por volta de 1959, Norman Ryder expandiu o conceito de geração ao introduzir o termo "coorte demográfico" em seu trabalho "The Cohort as a Concept in the Study of Social Change". Ryder (1959) propôs que coortes são formadas por indivíduos que vivenciam eventos históricos significativos dentro de um intervalo temporal específico durante suas fases formativas, particularmente na transição para a vida adulta.

Sua abordagem destacou como essas experiências compartilhadas criam padrões comportamentais distintos entre diferentes coortes, influenciando mudanças sociais ao longo do tempo (Ryder, 1959). Essa contribuição foi fundamental para conectar aspectos sociológicos e demográficos no estudo das gerações.

Com o passar do tempo, outros estudos contribuíram para expandir os conceitos de Mannheim ao incorporar dimensões como a econômica. Tal é o caso, por exemplo, das obras de Ronald F. Inglehart (1977, 1990, 1997). Este cientista político americano utilizou abordagens metodológicas baseadas em pesquisas de opinião pública longitudinal para desenvolver e dar suporte à sua teoria. Ele liderou estudos como o World Values Survey (WVS), que é um dos mais abrangentes e contínuos levantamentos sobre valores e atitudes em sociedades ao redor do mundo (World Values Survey, 2025).

Em particular, sua obra "The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics" (1977) introduziu uma perspectiva inovadora sobre a mudança de valores intergeracionais. Inglehart demonstrou como a transição de uma sociedade baseada na escassez para uma de maior prosperidade econômica resultou na emergência de valores pós-materiais, como autoexpressão, qualidade de vida e maior engajamento político.

Essa mudança, influenciada por eventos históricos como a prosperidade do pós-guerra, foi interessante para compreender as diferenças entre gerações e como as experiências compartilhadas de um período histórico impactam o comportamento e as prioridades coletivas. O nome atribuído à teoria de Inglehart é "Teoria da Mudança de Valores Intergeracionais" ou simplesmente "Teoria dos Valores Pós-Materiais".

Mais a frente, Inglehart (1997) viria a expandir sua teoria. Nessa obra, ele aprofundou sua análise sobre como o processo de modernização transforma valores culturais, econômicos e políticos. Inglehart destacou a transição de valores materiais (focados em segurança econômica e sobrevivência) para valores pós-materiais (autoexpressão, qualidade de vida e direitos humanos), especialmente em sociedades que alcançaram maior prosperidade.

Usando dados do World Values Survey, ele identificou tendências globais em 43 sociedades, demonstrando que mudanças de valores são lideradas por gerações mais jovens, cujas prioridades refletem contextos de maior segurança material e avanços sociais. A obra

também explorou como essas mudanças culturais impactam padrões políticos, atitudes democráticas e estruturas de governança ao redor do mundo.

Schuman e Scott (1989), em contrapartida, colaboraram ao apresentar um estudo que explorou como eventos históricos moldam memórias coletivas e identidades geracionais. Eles reforçaram que a experiência de eventos marcantes durante os anos formativos de uma pessoa desempenha um papel crucial na formação de suas atitudes e valores.

A pesquisa deles demonstrou que indivíduos de diferentes coortes geracionais tendem a reter memórias distintas de eventos históricos significativos, criando um senso de identidade coletiva. Essa abordagem destaca a importância de considerar o impacto de fatores contextuais e temporais na compreensão de gerações, reforçando a complexidade das relações entre história, memória e comportamento coletivo.

O modelo desenvolvido por Howe e Strauss (1991), por sua vez, elabora uma proposta para compreender como padrões de comportamento podem se repetir ou evoluir ao longo do tempo. Sua obra é creditada como uma das principais responsáveis pela popularização das coortes geracionais predominantes na literatura, como *Baby Boomers* e Geração X, bem como a Geração Y, popularizada como *Millenials* (Howe & Strauss, 2000).

Tal classificação alcançou notoriedade e reconhecimento global passando a figurar como paradigma, e sendo utilizada como base para estudos derivados com diversos enfoques pelo mundo, muito embora também tenha sido criticada pelo que poderia ser uma simplificação exagerada das variáveis a serem consideradas (Joshi et al. 2010). Assim, o trabalho de Howe e Strauss (1991) colaborou para o debate ao introduzir uma abordagem cíclica, propondo que eventos históricos e culturais moldam padrões comportamentais previsíveis entre diferentes coortes.

Eles apresentaram um modelo composto por quatro "turnings" (fases) e quatro arquétipos geracionais (Heróis, Artistas, Profetas e Nômades), que se alternam em ciclos de aproximadamente 80 a 100 anos, conhecidos como "*saeculum*". Cada *turning* representa uma transformação social: Alta (reconstrução pós-crise), Despertar (revoluções culturais), Desconstrução (declínio da ordem social) e Crise (eventos de grande impacto que reestruturam a sociedade).

A obra destaca como as gerações são influenciadas por eventos compartilhados em momentos cruciais de formação, criando padrões distintos de comportamento e valores. Essa abordagem oferece um quadro para analisar tanto as interações entre gerações quanto as tendências culturais e sociais futuras.

Estudos mais recentes passaram a explorar impactos como o da globalização e das tecnologias de comunicação na formação de gerações. Nesse contexto, por exemplo, o trabalho de Meredith et al. (2002) em "Defining Markets, Defining Moments" desenvolve a ideia de "momentos definidores" como eventos históricos compartilhados que moldam valores e comportamentos coletivos durante os anos formativos (17-23 anos), muito embora o intervalo definido aos anos formativos ainda não seja um consenso na literatura até hoje.

Eles coadunam a concepção de que esses momentos, ao serem amplamente experienciados por um grupo, criam "coortes geracionais" com valores profundamente enraizados que permanecem consistentes ao longo da vida. Os autores também aplicaram esses conceitos ao campo do marketing, destacando como "momentos definidores" que podem ser usados para segmentar consumidores com base em seus valores formados durante os anos de transição para a vida adulta.

Essa abordagem proporciona conectar marcas aos consumidores. Já o core conceitual contribui para a compreensão de como eventos globais, como o surgimento da Internet, podem sincronizar valores em nível global. Ao mesmo tempo, enfatiza a importância de contextos culturais específicos para a formação de identidades regionais.

Além disso, ocorreu interesses em compreender especificidades regionais, como é o caso das gerações brasileiras, que refletem os desafios e peculiaridades do contexto local. Schewe e Meredith (2004) apontam como a segmentação por coortes geracionais oferece insights sobre o comportamento do consumidor. Eles também exploram aplicações globais, como a tentativa de identificar coortes em outros países, como Rússia e Reino Unido.

No Brasil, por exemplo, o estudo revelou seis coortes distintas, entre elas a "Era Vargas", moldada por um contexto autoritário e nacionalista, e os "Anos de Ferro", marcados pela ditadura militar. Essas classificações destacam a influência de contextos culturais e históricos locais na formação de gerações, reforçando a importância de compreender essas especificidades para desenhar estratégias de marketing eficazes.

Outros estudos colaboraram para ampliar o debate a respeito da necessidade de explorar estes contextos distintos ao americano. Por exemplo, Egri e Ralston (2004) exploraram como valores organizacionais e práticas de liderança variam entre diferentes contextos culturais e geracionais, destacando as implicações para estudos comparativos de gerações. Este trabalho comparou o cenário chinês com o americano.

Deste modo, há uma corrente teórica que avalia uma possível tendência de que a globalização, a tecnologia da informação e as redes sociais, além de eventos como as guerras mundiais, possam estar conduzindo para conciliação do contexto global e, por conseguinte,

para gerações globais (Lyons & Kuron, 2014; Schuman & Scott, 1989; Twenge et al., 2019). A pandemia de Covid 19 vem sendo citada como exemplo recente desses eventos.

No entanto, com o passar dos anos, uma corrente antagônica defende a prevalência de contornos regionais, e sua indispensável consideração. Outros trabalhos foram surgindo com a tentativa de estudar gerações considerando os cenários específicos de determinadas sociedades, como: Duh e Struwig (2015), que investigaram gerações sulafricanas; Fernández-Durán (2015), que investigou gerações mexicanas, e Shaikh et al.,(2021), que investigaram gerações paquistanesas.

Esta tendência vem reforçando o argumento de que uma classificação geracional pautada no contexto de uma sociedade dificilmente poderia respaldar o conhecimento desenvolvido em outra, devido às diferenças de contexto cultural, econômico e social, dentre outras. Neste cenário, a academia contemporânea tem ponderado a respeito dos rumos do conhecimento científico sobre gerações, refletindo sobre as concepções teóricas, e se há assertividade dos conceitos, e eficácia das abordagens.

Aboim e Vasconcelos (2013) revisitam a teoria de gerações de Karl Mannheim, propondo uma reformulação do conceito para abarcar um entendimento mais amplo de "gerações sociais". Os autores argumentam que o modelo clássico de Mannheim, em seu âmago, enfatizou excessivamente a agência política e intelectual como condição para a formação geracional, negligenciando dimensões sociais e culturais mais abrangentes.

Em sua análise, eles defendem que as gerações não devem ser concebidas apenas como grupos concretos, mas como "formações discursivas" no sentido foucaultiano. Nesse modelo, as gerações são narrativas culturais dominantes às quais os indivíduos se conectam para construir sua autoidentificação.

Os autores apontam que, ao substituir o conceito de "unidades geracionais" por "ideias dominantes", gerações podem ser vistas como categorias discursivas que transcendem os limites cronológicos e biológicos tradicionais. Eles reforçam que as diferenças geracionais são produzidas por meio de disputas simbólicas e narrativas que modelam identidades ao longo do tempo.

Essa perspectiva inovadora contribui ao abordar gerações como construtos culturais dinâmicos, enfatizando a importância de narrativas de diferença e reconhecimento mútuo entre grupos. O trabalho preconiza a ampliação da relevância do conceito de gerações para além de conflitos políticos, situando-o como um mecanismo fundamental para compreender transformações sociais e culturais mais amplas.

Rudolph et al. (2020), por sua vez, fazem uma análise crítica sobre os mitos em torno das diferenças geracionais no contexto organizacional. Os autores questionam a validade de generalizações amplamente difundidas e argumentam que muitas das abordagens comuns carecem de base empírica robusta.

Em vez de tratar as gerações como categorias homogêneas, eles defendem uma perspectiva mais contextualizada, que considere tanto as experiências históricas quanto as especificidades individuais no ambiente de trabalho. O estudo também propõe novas direções para a pesquisa geracional, sugerindo que os pesquisadores adotem abordagens mais rigorosas, como métodos longitudinais e análises contextuais, para examinar as interações entre gerações e organizações.

Parry e Urwin (2021) apresentam uma crítica incisiva à utilização de categorias geracionais como base para pesquisas e práticas em gestão de recursos humanos (GRH). Os autores destacam que a dependência exclusiva de coortes baseadas em anos de nascimento é inadequada para compreender as diferenças nos valores, atitudes e comportamentos entre gerações.

Eles argumentam que essas categorizações ignoram as experiências individuais e contextuais, como gênero, classe social, etnia e educação, que também influenciam significativamente as diferenças geracionais. Essa simplificação, segundo os autores, perpetua estereótipos e pode levar a práticas discriminatórias no ambiente organizacional.

O trabalho propõe uma abordagem alternativa baseada em análises contextuais e estudos longitudinais mais flexíveis, que permitam identificar tendências e mudanças nos valores ao longo do tempo sem depender de categorias fixas e a priori. Eles defendem que a pesquisa geracional deve focar nos impactos de fatores históricos, sociais e culturais específicos, ao invés de se basear unicamente em coortes cronológicos. Essa perspectiva mais dinâmica busca oferecer uma compreensão mais ampla das transformações intergeracionais e evitar os riscos de generalizações excessivas.

Estas apreciações teóricas das obras ora mencionadas apresentam convergências em alguns aspectos. Os autores destacam que muitas tentativas acadêmicas de "testar" gerações envolvem a aplicação inadequada de conceitos teóricos, e apesar do uso disseminado, por vezes há simplificações excessivas de fenômenos sociais complexos. Assim, apontam um aumento no número de estudos que questionam a validade empírica das diferenças geracionais.

Neste sentido, segundo Parry e Urwin (2021), têm ocorrido inconsistências nas características atribuídas às gerações. Além disso, a distinção entre efeitos de idade, período e

coorte é uma sensível questão metodológica em que ocorre frequente confusão conceitual. Muitos estudos presumem que diferenças de comportamento são causadas por fatores geracionais, mas falham em comprovar isso.

Além dessas críticas metodológicas, argumenta-se que o foco nas categorias geracionais baseadas apenas no ano de nascimento é inadequado e insuficiente, o que reforça a importância de elementos como as experiências e o contexto social na formação de atitudes e valores. Assim, há um desestímulo ao uso de categorias fixas, desconectadas das nuances e peculiaridades geográficas, e desatentas à complexidade e dinamicidade das mudanças sociais.

Gerações x Ciclo de vida x Coorte etária

Esta seção busca oferecer um esclarecimento conceitual essencial para o entendimento das gerações, articulando as diferenças e interseções entre os conceitos de ciclo de vida, coorte etária e gerações. Ela é baseada e respaldada pela fundamentação teórica discutida anteriormente, a qual enfatiza a necessidade de delimitar esses termos para evitar confusões conceituais que possam comprometer a análise científica. Ao longo da seção, serão explanadas particularidades de cada conceito e suas relações.

Figura 2

Gerações X Ciclo de Vida X Coorte etária



Fonte: Elaboração pelo próprio autor

a. Ciclo de Vida

O ciclo de vida compreende as etapas biológicas e sociais pelas quais as pessoas passam, abrangendo infância, juventude, vida adulta e velhice. Trata-se de um conceito que não se vincula diretamente a eventos ou períodos históricos específicos, embora cada etapa seja moldada por questões biológicas e culturais. Através dessa lente, é possível compreender a dinâmica da vida humana como um processo em constante evolução.

Além disso, o ciclo de vida pode ser analisado a partir de configurações sociodemográficas, como gênero, escolaridade, presença e quantidade de filhos, faixa de renda, religião e pertencimento étnico, dentre outras. Essas variáveis influenciam as experiências vividas em cada fase, demonstrando que, apesar de universais, as etapas do ciclo de vida são profundamente afetadas pelo contexto social e cultural no qual as pessoas estão inseridas. Cabe salientar que este processo é variável ao nível do indivíduo, de modo que a combinação dos elementos envolvidos tende a assumir configurações únicas para cada sujeito conforme sua história.

b. Coorte Etária

Coorte etária refere-se à segmentação de grupos com base exclusivamente na idade cronológica, desconsiderando contextos épicos, sociais, culturais ou demográficos. Em outras palavras, sua natureza conceitual está dissociada da localização histórica e espacial. Por exemplo, um indivíduo de 30 anos é identificado por esse intervalo de tempo entre seu nascimento e determinada data posterior, independentemente de onde, quando e como viveu.

Apesar de sua simplicidade, o conceito de coorte etária é uma ferramenta analítica potencial, podendo ser associada a outros modelos para realizar comparações entre grupos populacionais em estudos demográficos e estatísticos. Sua utilização pode permitir identificar padrões comportamentais, preferências de consumo ou tendências sociais relacionadas a faixas etárias específicas, contribuindo para análises comparativas em diversos contextos.

c. Gerações

As gerações são grupos sociais definidos por experiências compartilhadas em um mesmo contexto histórico. O conceito de gerações inclui fatores sociais, econômicos, culturais e geográficos que influenciam a formação de valores e comportamentos, em âmbito coletivo. Esse conceito, conforme desenvolvido até a contemporaneidade, enfatiza a dimensão

histórica das vivências coletivas, possibilitando compreender como eventos marcantes de um período específico influenciam grupos etários diferentes, os marcando com atributos compartilhados, criando um senso de identidade compartilhada e um horizonte de experiências comum. Ou seja, a identificação de uma geração está ancorada à determinada época e espaço, de modo que não se pode replicar tal geração em cenários anteriores ou futuros.

d. Relações Entre os Conceitos

Coorte Etária x Ciclo de Vida: Ambos os conceitos possuem natureza quantitativa e são relacionados ao tempo cronológico, mas apresentam finalidades analíticas distintas. Enquanto a coorte etária segmenta indivíduos exclusivamente pela idade, o ciclo de vida aborda as etapas biológicas e sociais vividas ao longo do tempo.

Gerações x Ciclo de Vida: Do ponto de vista conceitual, as gerações podem incluir indivíduos em diferentes estágios do ciclo de vida, mas seu agrupamento lógico é decorrente da apreciação das experiências compartilhadas de eventos históricos. Assim, apesar de passarem por estágios biológicos diversos, bem como fases da vida e configurações sociodemográficas diversas, os indivíduos de uma mesma geração compartilham um pano de fundo histórico que transcende estes aspectos.

Gerações x Coorte Etária: As gerações refletem vivências compartilhadas em um período histórico específico, enquanto as coortes etárias são definidas apenas pela idade. Essa distinção é essencial para compreender as diferenças entre conceitos meramente quantitativos e aqueles com componentes dimensionais mais abrangentes.

Assim, tais discussões e a eficácia da perspectiva geracional em explicar fenômenos sociais ainda não estão totalmente resolvidas na literatura, necessitam de atenção acadêmica. Este estudo então aborda a concepção das gerações com reflexões teóricas nos estudos que seguem nas próximas seções.

RESULTADOS DA DISSERTAÇÃO

ESTUDO 1

GENERATIONAL CLASSIFICATIONS IN SOCIETIES: A SCOPING REVIEW

ABSTRACT

Generational classification is a tool for understanding social and organizational dynamics. However, the universal application of the North American model has been criticized, making it necessary to examine classifications proposed in different societies. In this context, the purpose of this article is to map the characteristics of generational classifications in societies around the world through a scoping review. Studies using the concept of generations in the social and behavioral sciences were included. Articles published in peer-reviewed journals in the data sources Scopus, Web of Science and SciELO, theses and dissertations in the sources ProQuest and Capes, and references of the pre-selected studies were searched. The methodological design followed the JBI manual and the PRISMA checklists (P and SCR). The blind screening identified 19 generational classifications. Six dimensions were identified: political, economic, social, technological, cultural and environmental. In addition, the universal application of generational classifications in contexts other than those for which they were designed was found to be inappropriate. There were also gaps in specific tools for classifying generations. Above all, the need for a systematic integration of the dimensions was demonstrated, and the article culminates with the proposal of a multidimensional structural-dynamic model for classifying generations.

Keywords: Generations, Generational classifications, World social generations.

Introduction

Social constructions of reality are a subject of constant scholarly interest because societies, shaped by historical events, are constantly changing. One of the strategies used to understand them is the analysis of cohorts, such as sociodemographic, age, and life-cycle segmentations. In this scenario, generations stand out as a tool for studying social structures and dynamics. Generations are cohorts born at specific times (Mannheim, 1952; Peretz et al., 2022). These groups share experiences, memories, and influences. They also may share traits like values and behaviors (Costanza et al., 2021; Schröder, 2024).

The classification of generations involves identifying them by surveying historical events relevant to a community (Costanza et al., 2023). Geopolitical spaces experience unique scenarios at the same time, making generational classification challenging. Contrasts and complexities are caused by various factors: education, scientific and technological development, geography, income distribution, and public policies (Parry & Urwin, 2011). Ignoring this diversity may lead to erroneous scientific conclusions and inappropriate practical decisions (Shaikh et al., 2021).

Scientifically examining these particularities can help public and private organizations develop strategies that could benefit everyone. This also helps strengthen our understanding of the field overall. However, most studies comparing and contrasting different generations are still using the classification based on the social and historical framework in the United States (Joshi et al., 2010; Tang et al. 2024; Twenge, 2010).

While most studies use US classifications, there is little research on other classifications (Parry & Urwin, 2021). This suggests the need for a discussion of generational classifications. There is also criticism of the methods used in generational conceptions and their application (Ravid et al., 2024; Rudolph et al., 2021).

However, different countries haven't yet systematically studied and analyzed emerging generational classifications to understand their extent and scope, so there's a need to map and synthesize the existing evidence to advance theory and methods in the field. This work broadens the theoretical debate and fills existing gaps. The research question is: How have generational classifications of societies around the world been carried out, except in the US? The PCC model (Peters et al., 2020) has P as the world population (people), C as the concept of generations (classification), and C as the context of societies.

To answer this question, this article aims to map the characteristics of generational classifications in societies around the world. Specifically, it sought to: a) identify the generational classifications that exist in different societies around the world in addition to the North American one; b) identify the dimensions and parameters used to define generational classifications; c) map the approaches, techniques, and tools used; and d) synthesize the evidence and propose methodological recommendations. Due to the breadth of the questions posed, we conducted a scoping review, a type of review to map investigations, approaches and concepts (Munn et al., 2018), which is detailed in the methods section.

Theoretical Framework

Mannheim's pioneering work (1952), a seminal classic, provided the conceptual basis for later abstractions and scholarly developments on generations. It established the concept of generations as a group of people who share experiences, memories, and behavioral characteristics, among other things (Mannheim, 1952; Strauss & Howe, 1991).

This concept is linked to the understanding that major historical events have the potential to reshape social contours and individual perceptions of reality. They act as an anchor for collective memory, especially for those in the period close to adulthood (socialization) between the end of adolescence and the beginning of adulthood (Costanza et

al., 2023; Joshi et al., 2010; Parry & Urwin, 2021; Peretz et al., 2022; Schewe & Meredith, 2004).

The content of formal and informal education gradually changes as knowledge and the world change, with each age group absorbing different content (Benítez-Márquez et al., 2022). On the other hand, intergenerational value transitions are permeated by the human journey, so it is inconsistent to consider these constructs separately (Fitzenberger et al., 2022; Inglehart, 1997; Luo & Hodges, 2020).

Thus, classifying generations means establishing cohorts of a society made up of people born in a certain common time interval. Logical groupings are created with labels (Grasso, 2014; Rudolph et al., 2021). People leave behind idiosyncratic traces of their experiences. According to theories by Ryder (1965) and Schuman and Scott (1989), cohorts are used to study societal changes (Costanza et al., 2017).

They enable observation and allow extrapolation of the cross-sectional view by following the flow of social groups over their lifetimes and through their stages (Costanza et al., 2021; Rudolph et al., 2019; Twenge, 2010). The concept of cohorts, such as those born in the same year, differs from generational cohorts, which are defined by birth years and shared interactions (Costanza et al., 2023; Fannon & Nielsen, 2023).

Schewe and Meredith (2004) say that for cohort formation to work in different countries, tracked milestone events must meet certain requirements: coming of age; mass communication; literacy; and social consequences. There's ongoing disagreement on the definition of socialization age, which varies in different studies. One study suggests it's between 17-23 years old (Schewe & Meredith, 2004), while others say 15-25 years old (Bartels & Jackman, 2014). Costanza et al. (2012) report variations in intervals and start and end dates between studies.

Another question is the size of the intervals and the boundaries, since births are continuous (Bell, 2020). It seems foolhardy to define generational cohorts with more or less extensive time coverage (Fosse & Winship, 2019; Rudolph et al., 2019). Studies should define and report parameters based on well-founded criteria, including cohorts with intervals of 10 or fewer years and those with more than 25 years (Tang et al., 2017; Wong et al., 2017).

Regarding the length of generational gaps, there is a trend that suggests about 20 years (Noble & Schewe, 2003). Their argument is that generations need time to develop physically and socially, including their capacity for discernment. This development implies the exercise of relevant activities, rights, work, and economic activity.

In this way, they would eventually produce offspring, in other words, a possible new generation. But this tendency for standardization doesn't line up with the current understanding of the cohort's length as flexible based on its motivations for creation, without a rigid time frame (Ravid et al., 2024). The debate has also prioritized discursive formations, dominant narratives and self-identification as determinants (Aboim & Vasconcelos, 2014; Parry & Urwin, 2021).

Certainly, the generational classification initially proposed in the socio-historical context of the United States has established paradigms and remains the basis of most generational studies today (Benítez-Márquez et al., 2022; Ravid, et al., 2024), as can be seen in recent studies (Baran & Sypniewska, 2024; Escalonilla et al., 2022; Martínez-Estrella et al., 2023; Piccerillo et al., 2025). The North American cohorts commonly used as reference are shown in Table 1.

Table 1

Generations – United States of America

| GENERATIONS | TIME PERIOD | SUMMARY OF HISTORIC EVENTS |
|-------------------------------|-------------|---|
| <i>Lost Generation</i> | 1883-1900 | World War I, Spanish flu pandemic |
| <i>Greatest Generation</i> | 1901-1927 | Great Depression, World War II |
| <i>Silent Generation</i> | 1928-1945 | End of World War II, Korean War, beginning of the Cold War |
| <i>Baby Boomers</i> | 1946-1964 | Civil Rights Movement, Vietnam War, height of the Cold War |
| Generation X | 1965-1980 | End of the Cold War, advent of the internet, rise of neoliberalism |
| Generation Y (Millennials) | 1981-1996 | September 11 attacks, growth of globalization, technological advances |
| Generation Z | 1997-2012 | Global economic recession, rise of social media, COVID-19 pandemic |
| Generation Alpha | 2013 - 2025 | Digital innovations, COVID-19 pandemic |

Source: Adapted from Costanza et al. (2012); Dimock (2019); McCrindle and Fell (2021); Strauss and Howe (1991); Schewe and Meredith, (2004).

The field continues to face serious criticism regarding the scientific support for its findings (Costanza et al., 2021). Its conclusions lack maturity and cannot be proven valid or accurate (Rudolph et al., 2021). Variations in patterns are better explained by age and period than by rigid generational groups (McKercher, 2023; Schröder, 2024). Respected institutions agree that traditional classification is not universal or generalizable (Pew Research, 2023).

In the face of these uncertainties, a whole universe of possibilities opens up for exploration. Should generational classes be abandoned? Don't they allow us to take a broader

view of societies? Are they not applicable to the study of social phenomena? Or have the processes of generational classification been designed and carried out in a wrong or incomplete way?

Method

This article is characterized as descriptive research. A scoping review was conducted to map research approaches and concepts in a systematic way (Munn et al., 2022). This approach allows exploration of the literature to inform future research and offers a comprehensive summary of the collection (Munn et al., 2018). The methodological design was conceived in three phases: planning, development, and writing.

Planning

The methodological design of this review followed the recommendations of the Joanna Briggs Institute (JBI) to achieve greater transparency, reproducibility and reduction of bias (Aromataris et al., 2024). Accordingly, we used the checklists: Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis Protocols (PRISMA-P) statement to develop the review protocol and PRISMA for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) to guide the writing of the report and the presentation of the review results (PRISMA-P Group, 2015; Tricco et al., 2018).

Planning involved defining the team, researching the topic, identifying the gap and justifications for the work, and drafting the question and objectives. Eligibility criteria, search strategies, information sources, data management tools, and results synthesis were defined. The planning ended with the review protocol details.

To support the consolidation of the protocol, a preliminary search was conducted on May 13, 2024, using the same strings as the final search. No similar reviews were found, supporting the continuation of the search. The authors planned the search, librarians helped with strategies, filters and screens, and all were involved.

Development

This phase involved the implementation of the protocol. Tasks such as survey and screening of studies, data extraction and analysis were carried out. The Scopus and Web of Science (WOS) databases and the Scielo document library were used to search for articles. These sources were chosen because they index high-impact factor journals in the humanities

and social sciences. Theses and dissertations from ProQuest and CAPES were retrieved to broaden the scope. References of the selected studies were also examined.

There were no language limitations. The publication period had no initial limit and ran until April 14, 2025. As for areas of knowledge, the following filters were applied: Business Economics or Psychology or Education Educational Research or Sociology or Social Sciences Other Topics or Anthropology or Demography or Communication or Ethnic Studies or Public Administration or Behavioral Sciences or Family Studies or Cultural Studies or Social Issues.

To establish the descriptors, we used the controlled vocabularies Medical Subject Headings (MeSH) and Emmtree, through which we verified the use of nomenclatures related to classification such as: "cohort" and "taxonomy" (DeCS/MeSH, n.d.; Embase, n.d.). The Cambridge Thesaurus tool was used to search for synonyms of the term "classification" (Cambridge Dictionary, n.d.).

We decided to apply the descriptor lines to the TITLES of the studies. The TITLES were linked using the Boolean operator AND, as follows:

- STRING 1:
 - “generation*”.
- STRING 2:
 - “class*”or“group*”or“categor*”or“arrang*”or“grad*”or“organiz*”or“order*”or“cod*”or“label*”or“taxonom*”or“assort*”or“disposit*”or“division*”or“section*”or“designat*”or“rank*”or“serie*”or“kind*”or“sort*”or“type*”or“cohort*”or“ident*”.

Here is an example of a WOS search line: (TI=(“generation*”)) AND TI=(“class*”or“group*”or“categor*”or“arrang*”or“grad*”or“organiz*”or“order*”or“cod*”or“label*”or“taxonom*”or“assort*”or“disposit*”or“division*”or“section*”or“designat*”or“rank*”or“serie*”or“kind*”or“sort*”or“type*”or“cohort*”or“ident*”).

The search results were exported to Rayyan software with all the metadata. It was used to automatically exclude duplicate occurrences and sort. The team underwent a calibration and alignment procedure, followed by a screening of references by two researchers.

First, titles and abstracts were evaluated and studies were excluded if they met the eligibility criteria. The full texts of the remaining studies were then reviewed. Disagreements between researchers at the end of each stage were resolved with the third researcher's vote. Eligibility criteria are outlined in Table 2.

Table 2*Eligibility criteria for articles in the review*

| Features | Inclusion Criteria | Exclusion Criteria |
|--------------------------------------|--|---|
| Theme | Embraces the concept of generations in the social sciences and humanities | For example, borrow concepts/meanings from generations in other industries: <ul style="list-style-type: none"> • Technology levels/phases, examples: 4G internet • Creation or production, examples: energy generation • Biology and genetics, for example: cell mutation, generations of disease, such as covid 19. • Addressing specific contexts, for example: • In education: First- and second-generation students (the first members of a family to attend college). • In ethnic studies: first-generation immigrants (people who moved to another country) and second-generation immigrants (children of immigrants who were born in the destination country). • In business studies: first generation entrepreneurs (business founders) and second generation entrepreneurs (heirs taking over the ownership/leadership of their parents' business). |
| Context | <p>It addresses the context of societies in the broadest sense.</p> <p>Example: Brazilian society, English society, etc.</p> | |
| Scope | Studies proposing to classify generations in societies | <ul style="list-style-type: none"> • Studies that do not discuss the topic • Studies that rely solely on biological/genetic parameters to attempt to classify people into generations, such as laboratory analyses of genetic samples from a given age group. • Studies that use an existing classification to analyze derived situations. For example: Study of Gen X behavior and values in the workplace |
| Approach | All types | There wasn't |
| Quality criteria/type of publication | <ul style="list-style-type: none"> • Peer-reviewed scientific articles • Theses and dissertations | Other types of publications. |
| Sample | All types | There wasn't |
| Collection site | All types | There wasn't |
| Unit of analysis | All available | There wasn't |

Source: Elaborated by the author

Word, Excel, and Zotero software were used to process the data. The categorization suggested by Creswell and Creswell (2017) was adapted to organize the data. After data extraction, summarization, and analysis, the studies' main contributions, gaps and limitations, methodological approaches, and convergences and divergences were analyzed to identify the dimensions and parameters used to identify generational cohorts.

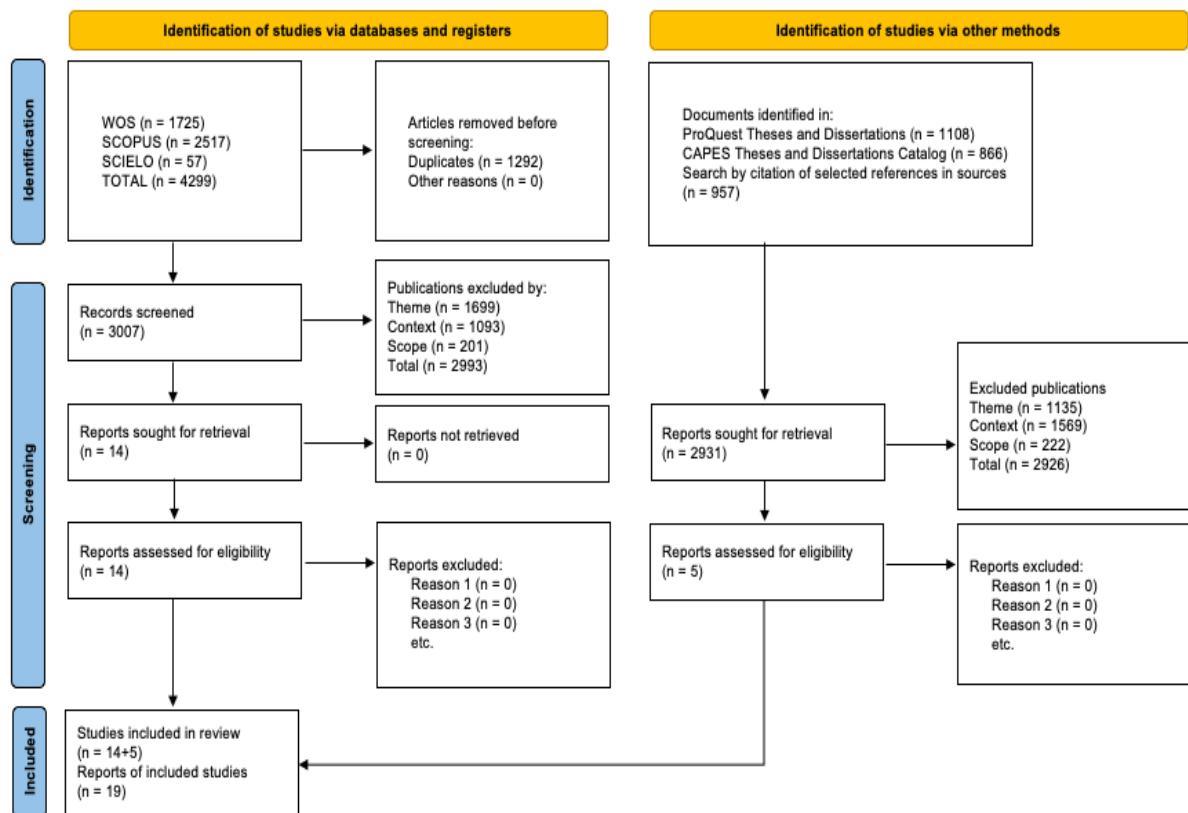
According to the PRISMA-SCR recommendation, a critical appraisal of the selected studies was performed. The checklists prepared and provided by the Center for Evidence-Based Management (CEBMA) were used to analyze the qualitative (CEBMA, 2014a) and cross-sectional (CEBMA, 2014b) studies.

Writing

The final phase was the process of consolidating and writing up the study. The contents were structured and presented according to PRISMA-SCR. This work presented evidence and reflections on the classification of generations, proposing insights and recommendations.

Results

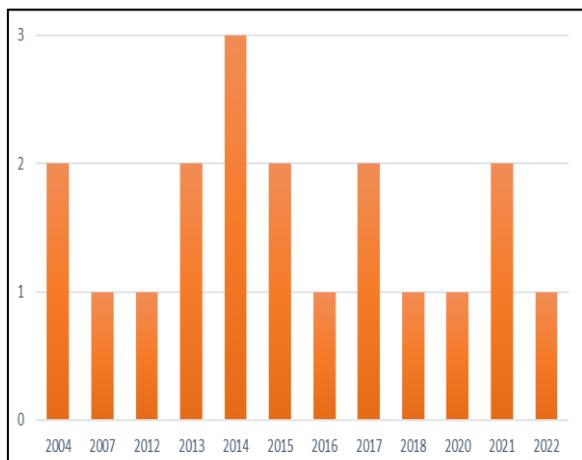
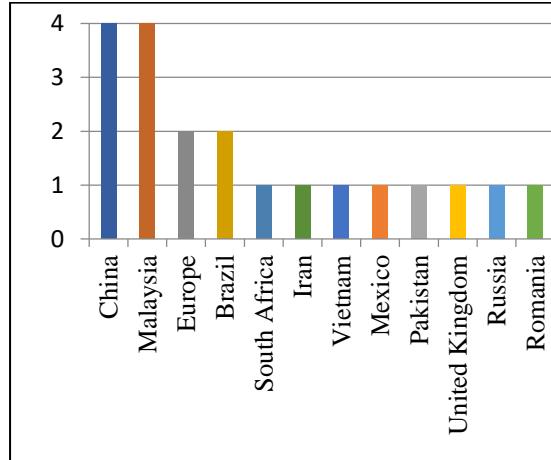
This section presents surveys and analyses to understand the knowledge area under review. The screening process is shown in Figure 3 (Page et al., 2021), using the flowchart recommended by PRISMA 2020 for reviews. The review included 14 studies from the WOS, Scopus and Scielo searches, 1 thesis from the ProQuest and CAPES searches, and 4 articles from the references of the pre-selected studies, for a total of 19.

Figure 3*Flowchart of the study survey*

Source: Elaborated by the author based on PRISMA (Page et al., 2021)

Classification of generations was part of the scope of all studies included in the review. Sometimes this was a secondary goal. The classification of generations has been used to study personal and work values, consumer behavior, organizational conflicts, and political engagement.

In terms of time distribution, the studies took place between 2004 and 2021, with a peak in production in 2014, as shown in Figure 4. In terms of distribution by continent, there was 1 study in Africa, 10 in Asia, 5 in Europe, and 3 in the Americas. Figure 5 shows a comparison of frequency by society/country, with China and Malaysia standing out with four studies each.

Figure 4*Number of published articles per year***Figure 5***Number of publications per country*

Source: Elaborated by the author

Classification of Generations, Parameters and Dimensions

The articles listed verify different historical events and generational characteristics and attitudes that contradict the North American generational classification. Table 3 shows a summary of the generational classifications found, the parameters and dimensions used to define them, organized by continent, country, and year of publication.

The intervals in parentheses correspond to the birth year cutoffs in the cohorts. Two studies presented age ranges, and two used non-original nomenclature to facilitate comparison between contexts. These were kept in the sample because they reported time limits of the cohorts. The survey of historical events as one of the parameters is something that the studies have in common. However, there's no uniformity in how they're approached when doing historical surveys and data extraction for verification.

Table 3*Generation classifications, parameters and dimensions*

| Reference/Country | Generational classifications | Parameters used to define cohorts | Study dimensions | | | | |
|---|--|---|------------------|--------|------------|-----------|---------------|
| | | | Cultural | Social | Economical | Political | Technological |
| Duh and Struwig (2015) South Africa | <i>Baby Boomers (1945 - 1964); Post-World War II; Generation X (1965-1976); Apartheid cohort; Generation Y (1977-1994); Post-apartheid cohort</i> | Experience of significant historical events during formative years (17-23 years)/recorded in literature | x | x | x | x | |
| Egri and Ralston (2004) China | <i>Republican (1930 - 1950); Consolidation (1951 - 1960); Cultural Revolution (1961 – 1970); Social Reform (1971 – 1975)</i> | Significant historical and socioeconomic context/differing personal values across generations | x | x | x | x | |
| Hung, Gu and Yim (2007) China | <i>Red Guards (1951–1964); Modern Realists (1965–1973); Global Materialists (1974–1984)</i> | Edisruptive historical winds and institutional change/comparative review of consumption patterns | x | x | x | | |
| Tang, Wang and Zhang (2017) China | <i>Pre-Reform (born before 1978); Reform (1978 - 1989); Post-Reform (after 1989)</i> | Economic milestones/comparing values applied to the working environment | x | x | x | x | |
| McKercher et al. (2020) China | <i>Republicans (antes de 1940), Lost generation (1940–1960), Transition Generation (1970s), Post-80s Generation (após 1990)</i> | Major historical events (wars, Cultural Revolution, economic reforms, one-child policy), reviewing values and perceptions | x | x | x | x | |
| Akhavan Sarraf et.al. (2016) Iran | <i>Generation A (1936 – 1960); Generation B (1961 – 1975); Generation C (1976 – 1985); Generation D (1986 – 1995); Generation E (Post 1996)</i> | Historical events socialized/verified by the opinions of academics and managers | x | x | x | x | |
| Run and Ting (2013) Malaysia | <i>Neoteric heirs (21 years old or younger in 2013); Prospectors (22-35 years old), Social strivers (36-51 years old); Idealistic fighters (52-70 years old), Battling lives (71 years old or older)</i> | Events and instruments from the formative years are studied, including memories and attitudes toward advertising. | x | x | x | x | x |
| Tung and Comeau (2014) Malaysia | <i>The Seekers (Pencari) - 1943–1960; The Builders (Pembina) - 1961–1981; The Developers (Pemaju) - 1982–2004; Generation Z (Generasi Z) – from 2005 onwards</i> | Historical events, demographic transitions, public policies, economic growth, access to education. Document review. | x | x | x | x | x |
| Ting et. al (2017) Malaysia | <i>Battlers (Before 1942); Reformers (1943-1961); Strivers (1962-1977); Pursuers (1978-1991); Inheritors (Post-1992)</i> | Historical and social events during formative years / Survey of memories, justifications and patterns | x | x | x | x | x |
| Mustafa et.al (2021) Malaysia | <i>Pre-Merdeka (pre 1944); Merdeka (1945 - 1964); Reformists (1965-1984); Internet (post 1985)</i> | Historical and socio-cultural events over 17-25 years / quality verification of collective memory structures | x | x | x | x | x |
| Shaikh, Jamal e Iqbal (2021) Pakistan | <i>Baby Boomers Pakistani (1942-1961); Generation X Pakistani (1962-1981); Millennials Pakistani (1982-2001)</i> | Historical events/spontaneous recall and checking for similarities and approximations | x | x | x | x | x |
| Cox, Hannif and Rowley (2014) Vietnam | <i>Resilience (pre-1975), Adaptability (1975–1986), Arrival (post-1986)</i> | Local historical events and reviewing patterns of collective values and experiences | x | x | x | x | |
| Gavreliuc (2012) Romania | <i>G50 (Average age 56); G35 (Average age 41); G20 (Average age 26)</i> | Predominant experience in communism or democracy/examining differing standards and values | x | x | | x | |
| Down and Wilson (2013) Europe | <i>Pre-Integration (pré 1938); Post-Integration (1939-1951); Fusion (1952-1971); SEA (1972-1977); Maastricht (1978 – 1986); EMU (pós 1987)</i> | Historical and institutional milestones of the EU/statistical cross-classification of data for cluster formation | x | x | | x | |
| Grasso (2014) Western Europe | <i>Pre-WWII Generation – (1909–1925); Post-WWII Generation - (1926–1945); 60s–70s Generation - (1946–1957); 80s Generation - (1958–1968); 90s Generation - (1969–1981)</i> | Categorization by historical context of socialization (formative years: 15-25 years)/patterns of citizens' political engagement | x | | x | | |
| Grasso et. al (2018) United Kingdom | <i>Pre-WWII (1910-1924); Post-WWII (1925 -1944); Wilson/Callaghan's (1945-1958); Thatcher's (1959-1976); Blair's (1977-1990)</i> | Adolescent/early adulthood socialization/patterning political engagement and participation | x | | x | | |

| | | | |
|--|--|--|-------------|
| Schewe and Meredith (2004) Russia | <i>Collectivization</i> (1912–1923), <i>Great Patriotic War</i> (1924–1936), <i>Thaw</i> (1937–1952), <i>Stagnation</i> (1953–1968), <i>Perestroika</i> (1969–1974), <i>Post-Soviet</i> (1975 e após) | Transition to adulthood (17-23 years); exposure to historical events with social implications | x x x x x |
| Schewe and Meredith (2004) Brazil | <i>Vargas Era</i> (1913–1928), <i>Post-War</i> (1929–1937), <i>Optimism</i> (1938–1950), <i>Iron Years</i> (1951–1962), <i>Lost Decade</i> (1963–1974), <i>Be on Your Own</i> (1975 e após) | Transition to adulthood (17-23); exposure to historical events with social impact | x x x x x |
| Milhome (2022) Brazil | Nationalist Generation (1910-1929), Pre-dictatorship (1930-1943), Repressed (1944-1958), Direct (1959-1968), Hyperinflation (1969-1978), Social (1979-1991) and 4.0 (1992-2004). | Macro-socialization period (17-24 years, on average): significant historical events and recollection of events | x x x x |
| Fernández-Durán (2015) Mexico | <i>Patriotic</i> (1911-1932), <i>Conservative</i> (1933-1943), <i>The Sixties</i> (1944-1953), <i>First Progressive</i> (1954-1965), <i>Pop Achievers</i> (1966-1977), <i>Liberation from PRI</i> (1978-1983), <i>Fox 9/11 Freedom</i> (1984-1988), <i>Drug War and Internet Boom</i> (1989-1991), <i>Flu Pandemic Crisis</i> (1992 -...) | Significant historical events and analysing homogeneous groups, mainly related to consumption | x x x x x x |

Source: Elaborated by the author

Based on aspects related to the scope and objectives of the studies, and mainly parameters for historical and empirical data collection, six core dimensions present in the studies were identified: cultural, social, economic, political, technological and environmental.

Methodological Aspects by Approaches

The choice of methodological approach was not homogeneous, as can be seen from Table 4, which describes the study design. By comparing this statement with Table 3, it is possible to observe the dimensional range according to the methodological designs.

Table 4

Methodological approach, analysis technique and data collection instruments of the studies

| Paper | Methodological Approach | Analysis technique | Data collection instruments |
|-------------------------------|-------------------------|---|---|
| Tung and Comeau (2014) | THEORETICAL | Interpretative analysis with secondary data | Documents, official data and historical literature/secondary data |
| Duh and Struwig (2015) | | Historical and sociopolitical analysis | Literature review survey/secondary data |
| Egri and Ralston (2004) | QUANTITATIVE | MANCOVA, post hoc tests | <i>Schwartz Value Survey (SVS)/ primary data</i> |
| Hung, Gu and Yim (2007) | | Factor analysis, ANCOVA, logistic regression | Structured questionnaires from various validated scales focusing on consumption such as Novelty Seeking and Shopping Attitudes / Primary data |
| Gavreliuc (2012) | | ANOVA, Post Hoc Tests | Structured questionnaires, Schwartz Values Survey (SVS), Self-Construal Scale, Rosenberg Self-Esteem Scale, Locus of Control Scale and Self-Determination Scale/ primary data |
| Down and Wilson (2013) | | Crossed random effects models | Eurobarometer questionnaires/secondary data |
| Grasso (2014) | | Multilevel models, Generalized Additive Mixed Models (GAMMs) | European Values Study (EVS) database with applied questionnaires/secondary data |
| Fernández-Durán, (2015) | | CUSUM; Logistic regressions | ENVUD2010 Survey Database, which used structured face-to-face questionnaires/secondary data |
| Tang, Wang and Zhang (2017) | | CFA, hierarchical regression, ANOVA | Adjusted version of Schwartz's Portrait Values Questionnaire (PVQ)/primary data |
| Grasso et.al (2018) | | APC (Age-Period-Cohort) and GAM models | BSAS database, which used face-to-face questionnaire/secondary data |
| De Run, and Ting (2013) | MIXED | Content analysis, regression, ANOVA / Pollay and Mittal model | Open interviews and structured questionnaires/primary data |
| McKercher et al. (2020) | | Descriptive statistical analysis (ANOVA, Chi-square) and thematic content analysis. | Structured questionnaire with open and closed questions |
| Schewe and Meredith (2004) | QUALITATIVE | Qualitative analysis, with thematic organization and interpretation. | Documents, interviews with experts, focus groups in Brazil and Russia |
| Cox, Hannif and Rowley (2014) | | Thematic analysis | Semi-structured interviews, focus groups and non-participant observation. |
| Akhavan Sarraf, et. al (2016) | | Not specified | Structured interviews and documentary analysis/primary data |
| Ting et.al (2017) | | Content analysis | Open interviews/primary data |
| Milhome (2022) | | Content analysis | Open questionnaire (Survey Monkey)/ primary data |
| Mustafa et.al (2021) | | Content analysis | Focus group/primary data |
| Shaikh, Jamal e Iqbal (2021) | | Thematic analysis | Focus groups and semi-structured interviews/primary data |

Source: Elaborated by the author

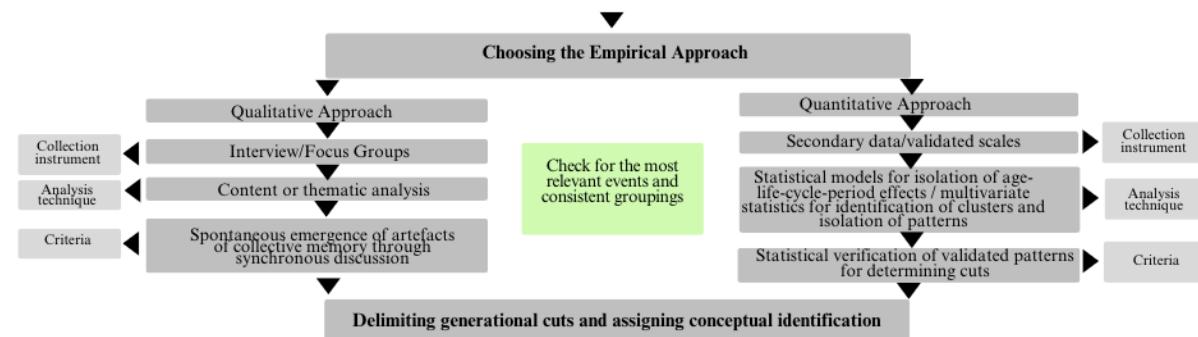
Qualitative and mixed studies covered more dimensions, with an average of five, indicating a broader approach to generational analysis. This may be due to greater freedom to capture spontaneous information and explore more elements.

Quantitative studies covered fewer dimensions. The average of 3.25 dimensions suggests that they are more focused, prioritizing robust statistical analyses with fewer key variables. This may indicate a lack of comprehensiveness, possibly due to the difficulty of operationalizing multiple dimensions in statistical analyses. Theoretical studies addressed a reasonable number of aspects, occupying an intermediate position with four dimensions. Other dimensions were not reported, despite focusing on documentary data and historical literature.

Possible empirical routes are shown in Figure 6. It can be seen that qualitative studies verified the relevance of historical events through collective memory or expert opinion on the impact of the events and the homogeneity of their scope. Quantitative studies verified the relevance of historical references through groupings and patterns related to values (social, personal, work, institutional) and attitudes (political, consumption), with validated scales or secondary data from robust research.

Figure 6

Empirical approaches flow



Source: Elaborated by the author

Critical Analysis of Empirical Studies

Tables 5 and 6 provide a critical assessment of the empirical studies. Qualitative studies presented the research question and context clearly and coherently. The results were credible and justified. The findings can be used in other contexts, but not in the same study or population/society.

De Run and Ting's (2013) study is the most rigorous, receiving a 'yes' to all methodological questions. The others showed adequacy but limitations in reproducibility (Q5). For example, Mustafa et al. (2021) and Shaikh et al. (2021) did not report whether the analysis was reviewed by more than one researcher (Q7: not reported), and Akhavan Sarraf et al. (2016) did not meet Q4 and Q6.

All quantitative studies answered Q1, Q2, Q3, Q7, Q8, Q9 in the affirmative. This shows a good method and the use of the right statistics. But only Down and Wilson (2013) and Grasso et al. (2018) gave confidence intervals (Q10) and none of the studies reported how big the samples were (Q6). All studies acknowledged the possibility of bias and/or misinterpretation (Q11). Q12 is about the study's representativeness and whether the results can be extrapolated to similar contexts and the study population. However, there is a caveat that it does not apply to other populations/societies/countries. De Run and Ting (2013) again stand out with positive answers to almost all questions.

Table 5

Critical evaluation of qualitative studies - checklist CEBMa

| REFERENCE | Q1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 | Q6 | Q7 | Q8 | Q9 | Q10 |
|------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|--------------|-----|-----|-----|
| Schewe and Meredith (2004) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Não | No | Yes | Yes | Yes |
| De Run and Ting (2013) | Yes | Yes | Yes | Yes |
| Cox et al. (2014) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Not reported | Yes | Yes | Yes |
| Akhavan Sarraf et al. (2016) | Yes | Yes | Yes | Não | No | Não | No | Yes | Yes | Yes |
| Ting et al. (2017) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes |
| McKercher et al. (2020) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | No | Yes | Yes | Yes |
| Milhome (2020) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Not reported | Yes | Yes | Yes |
| Mustafa et al. (2021) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Not reported | Yes | Yes | Yes |
| Shaikh et al. (2021) | Yes | Yes | Yes | Yes | Noo | Yes | Not reported | Yes | Yes | Yes |

Note: Q1. Does the study address a clearly focused question or problem? / Q2. Is the research method (study design) appropriate for answering the research question? / Q3. Was the context clearly described? / Q4. How was the fieldwork conducted? Was it described in detail? Were the data collection methods clearly described? / Q5. Could the evidence (field notes, interview transcripts, recordings, document analyses, etc.) be independently inspected by others? / Q6. Are the data analysis procedures reliable and theoretically justified? Were quality control measures used? / Q7. Was the analysis repeated by more than one researcher to ensure reliability? / Q8. Are the results credible, and if so, are they relevant to practice? / Q9. Are the conclusions justified by the results? / Q10. Are the study findings transferable to other contexts?

Source: Elaborated by the author based on *checklist do Center for Evidence Based Management (2014)*

Table 6

Critical evaluation of quantitative studies - checklist CEBMa

| REFERÊNCIA | Q1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 | Q6 | Q7 | Q8 | Q9 | Q10 | Q11 | Q12 |
|-------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|--------------|-----|-----|-----|--------------|-----|-----|
| Egri e Ralston (2004) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Not reported | Yes | Yes | Yes | Not reported | Yes | Yes |
| Hung, Gu e Yim (2007) | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Not reported | Yes | Yes | Yes | Not reported | Yes | Yes |
| Gavreliuc (2012) | Yes | Yes | Yes | No | Yes | No | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes |
| Down e Wilson (2013) | Yes | Yes | Yes | No | Yes | No | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes |
| De Run e Ting (2013) | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes |
| Grasso (2014) | Yes | Yes | Yes | No | Yes | No | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes |
| Fernández-Durán (2015) | Yes | Yes | Yes | No | No | Not reported | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes |
| Tang et al. (2017) | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Not reported | Yes | Yes | Yes | Not reported | Yes | Yes |
| Grasso et al. (2018) | Yes | Yes | Yes | Não | Yes | No | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes |
| McKercher et al. (2020) | Yes | Yes | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes | Yes | No | Yes | Yes |

Note: Q1. Does the research address a clearly defined question/problem? / Q2. Is the research method appropriate to answer the research question? / Q3. Is the method of subject selection clearly described? / Q4. Could the way in which the sample was obtained introduce selection bias? / Q5. Is the sample representative of the population to which the results will be reported? / Q6. Was the sample size based on prior considerations of statistical power? / Q7. Was a satisfactory response rate achieved? / Q8. Are the measures (questionnaires) likely to be valid and reliable? / Q9. Has statistical significance been assessed? / Q10. Have confidence intervals been provided for the main results? / Q11. Could there be risk factors for bias and/or misinterpretation that have not been considered? / Q12. Can the results be applied to your organization?

Discussion

From the earliest days of generational theory, Manheim (1952) argued that generational unity implies a great homogeneity of historical experience in certain social groups. His discussion centred on the "non-contemporaneity of contemporaries", where continuous births resulted in people of different ages living together. This meant that a cohort could only be defined in an arbitrary way.

A recent critique of the applicability of generational parameters has focused on the problem of arbitrary birth cohort definitions, i.e. the process of generational classification (Costanza, et al., 2023). It is argued that these limits have been set and used without the necessary methodological robustness to support and validate them, especially for the North American classification.

There has also been a lack of homogeneity of results and a failure to reduce intragenerational variability across studies (Costanza et al., 2021). Generational effects are more likely to be caused by natural and historical changes (Mckercher, 2023; Ravid, Costanza & Romero, 2024; Schröder, 2024).

These inconsistencies may arise from inadequate generalization of cohorts designed for a heterogeneous context. The analyses in this review show that the traditional American generational classification is flawed and its conclusions are unreliable. The concept of generations has a promising holistic potential for understanding society, but this has been overlooked. Has the concept been disproven? Not yet.

This review indicates that a generational classification process must be guided by its concept and linked to the context for which it was conceived. If these precepts have not been fully observed, there is not enough evidence to deny them. This study agrees that generational classification should be based on the context of each society (Peretz et al., 2022). This approach does not align with the global generation formation trend.

Attempts to make the concept of generations apply to all are likely to weaken its core. The more people involved, the more contradictory and imprecise it will be. However, a classification that works in theory and in practice needs a lot of effort, which is difficult to achieve through short research projects with small teams and few resources.

The concept of generations is not the best way to explain how society works, but it cannot be dismissed. Its comprehensive approach can help us understand social constructs. But first, the process of classifying generations needs to be rethought, extended and improved.

The necessary multidimensionality: gaps, implications, recommendations and model

The authors emphasize the importance of avoiding generational biases, highlighting diversity as a strength for organizations and society. Academia must therefore mitigate determinations with low robustness. This review identified studies in twelve societies, but the academic literature lacks geographic coverage and longitudinal studies.

Another observation is that the fact that classifying generations is sometimes not the main objective of studies can lead to **purposive bias**. This means the wrong effects could be attributed to certain variables. So, a study classifying generations should focus on this. A study focusing on one dimension can create a **dimensional bias**, where effects from other dimensions are attributed to it. This risk decreases as more dimensions are considered.

There is a consensus on the need for a prior historical survey of each society. Studies rarely detail how the literature and documents were reviewed, how the sources were identified and the methods used to evaluate them. The path taken should be clearly explained and is strongly recommended by institutions such as Cochrane and JBI.

Quantitative studies indicate the feasibility of testing to validate cohorts with historical surveys. But, these perspectives isolate dimensions and limit results. It is difficult to quantify multiple dimensions, but this challenge must be overcome. The instruments used in these approaches were not designed to classify generations. There is a gap in the literature for a validated scale to mitigate possible biases.

Adopting a multidimensional approach is recommended. This means considering all dimensions in Table 4, even if it increases complexity and difficulty. This approach can assess which dimension predominates in a generational cohort, without "turning a blind eye" to the others, and direct complementary studies.

The social dimension was present in all the studies in this review. It encompasses milestones of transition in the social order, such as social revolutions or the implementation of laws, for example: women's right to vote in Mexico (Fernández-Durán, 2015), women in the labor market in Pakistan (Shaikh et. al., 2021), and the one-child policy in China (McKercher et al., 2020).

The political dimension refers to the impacts of political regimes, state ideologies, institutional decisions and power structures. It emerges during regime changes, public policy implementation and institutional reform, for example the European Union (Grasso, 2014) and Brazil's military dictatorship (Milhome, 2022; Schewe & Meredith, 2004).

The environmental dimension relates to nature, environmental disasters and climate issues. Earthquakes, floods, droughts or pandemics affect material living conditions, as well as social values, security, trust in institutions and collective responsibility. But it has been less frequent, as seen in studies of tsunamis in Aceh and Japan (De Run & Ting 2013) and Mexico City's 1985 earthquake (Fernández-Durán, 2015).

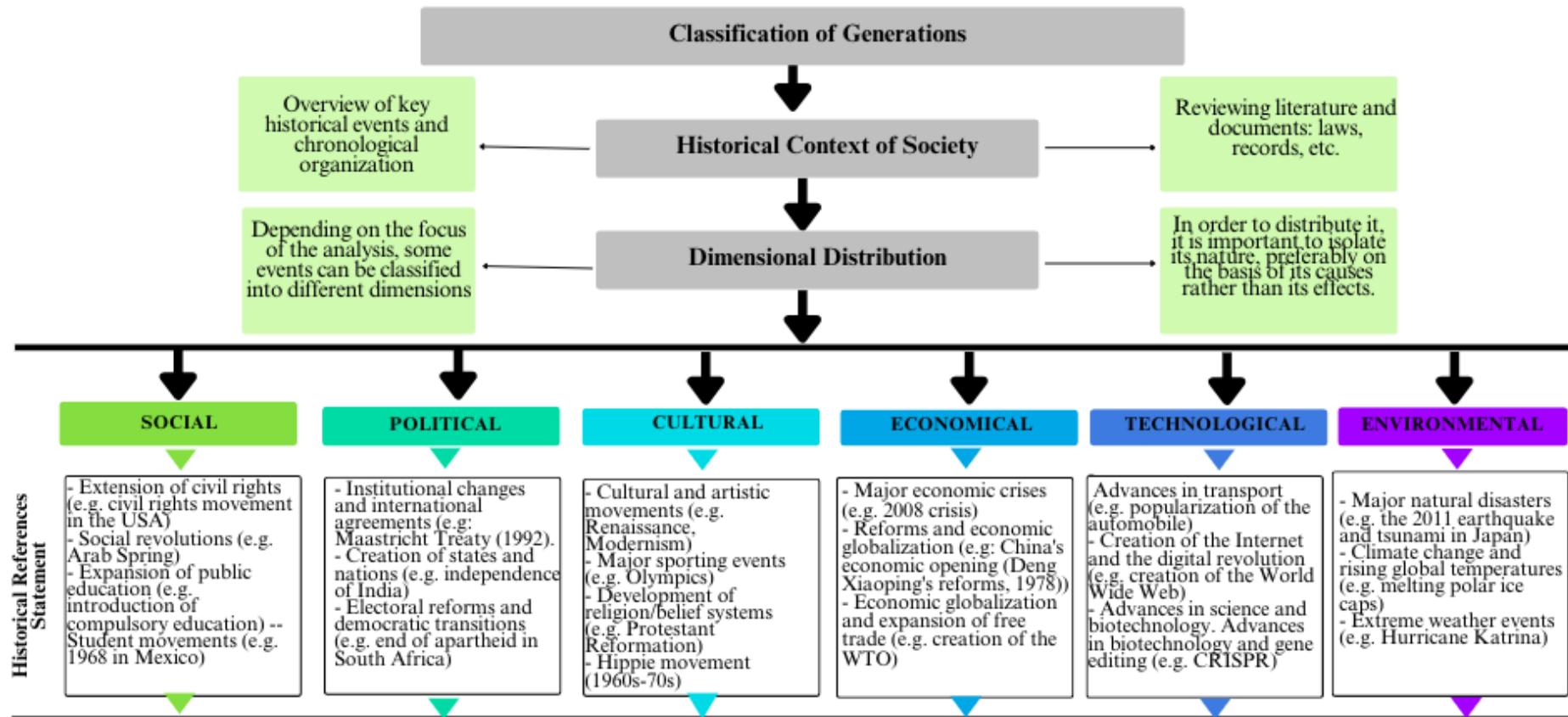
The technological dimension includes advances caused by disruptive innovations, as observed in nine articles, such as the "Internet" Generation in Malaysia, which examines social media, smartphone and application use (Mustafa et al., 2021). Communication technologies stand out, but those in other areas seem to be little or not explored at all.

The cultural dimension refers to the shared values, norms, symbols, customs and social practices that shape collective identity. Research shows that traditions, religion, family practices, symbolic languages, and art influence this change. For example, in Iran, the Islamic Revolution significantly impacted education, religion, dress codes, and family structure (Akhavan Sarraf et al., 2016).

The economic dimension, covered in 15 articles, refers to the impact of growth cycles, crises and structural reforms. Instances of this include being unemployed, inflation and industrialization. The "Lost Decade" in Brazil came to an end of economic growth, marked by individualism and frustration. The "Stagnation" cohort in Russia experienced the collapse of the Soviet economy, leading to pessimism and cynicism about the future (Schewe & Meredith, 2004).

The 1978 Reform marked China's transition to a market economy, generating progressive prosperity and competition (Tang et al, 2017). The reform generation was socialized amid economic openness, valuing merit and self-promotion. The post-reform generation grew up under stability and material consumption, developing an openness to change and self-transcendence.

Figure 7 shows a model for classifying generations. This model explains what influences the definition of generational cohorts. The diagram shows how different factors are connected in the definition of generations, showing that one factor can't define a generation on its own.

Figure 7*Structural-dynamic model for generational classification*

Source: Elaborated by the author

The first element of the flow represents the objective/purpose that guides the whole process. Surveying the historical context of society sets out the theoretical basis for the process. The dimensional distribution then connects existing information about the events, arranging them based on their nature for a systemic and holistic understanding.

The disaggregated application of the empirical phase to this structure can lead to unbalanced assessments and conclusions. Factors like history, politics, society, economics, technology and nature interact and affect how generations are formed, and these changes based on the context of each society. This shows that a multidimensional framework for analysis is important.

Below each model dimension are concrete examples of impactful events and phenomena, which support the proposed analyses. Investigations should map all main events by dimension when operationalizing the flow. The empirical strands check which events are relevant to people and seek homogeneous, consistent groupings. Finally, the delimitation of cohorts is defined by year of birth.

With regard to the presentation of results, there are situations in which studies indirectly touch on certain aspects of a dimension and do not objectively report the corresponding results. It is important to report them, even the absence of influential events, where appropriate.

Two studies report the age range at the time of the study, causing conceptual inconsistencies and difficulties in comparisons and interpretation. Generational and cohort study help us understand the impact of history on social groups. However, the period of socialization varies, so reporting cohorts by year of birth provides a more suitable timeline.

Furthermore, it is not appropriate to use the nomenclature of the dominant generational classification as a 'standard' to facilitate comparisons, as it reflects an identity ascribed by the process that conceived it. It is therefore recommended that the nomenclature be linked to the conceptual identity developed in the analyses, since it is not the same generation in different places, but different generations.

Final Considerations

Generational classification has been widely used to understand social dynamics. However, the dominance of the model based on the North American context limits the analysis of different realities. The article mapped generational classifications in different

societies, identified criteria and approaches, and pointed out potential risks of bias in the processes.

Limitations include the fact that there may be studies in other sources that are not included and in interdisciplinary areas that are not included. The review is relevant to theory and practice as it systematizes knowledge about generational classification and differentiation. It supports areas such as people management and marketing.

Six core dimensions have been identified for classifying generations and the need for their integration and reconciliation. The generational perspective is holistic and its essence must be preserved in the classification process to truly reflect societal reality. A multidimensional dynamic structural model was proposed to achieve this.

It is recommended that future research deepens theoretical reflection by adopting multidimensionality as a principle. Progress in research on generations depends on recognizing the complexity of the issue and developing approaches that are more sensitive to diversity.

References

- Aboim, S., & Vasconcelos, P. (2014). From political to social generations: A critical reappraisal of Mannheim's classical approach. *European Journal of Social Theory*, 17(2), 165–183.
- Akhavan Sarraf, A. R., Abzari, M., Isfahani, A. N., & Fathi, S. (2016). The impact of generational groups on organizational behavior in Iran. *Human Systems Management*, 35(3), 175-183. <https://doi.org/10.3233/HSM-160866>
- Aromataris, E., Lockwood, C., Porritt, K., Pilla, B., & Jordan, Z. (Eds.). (2024). *JBI manual for evidence synthesis*. JBI. <https://synthesismanual.jbi.global/>.
<https://doi.org/10.46658/JBIMES-24-01>
- Baran, M., & Sypniewska, B. (2024). Determinants of pro-environmental innovative behaviour: A comparison of three generations. *Journal of Innovation & Knowledge*, 9, 100613. <https://doi.org/10.1016/j.jik.2024.100613>
- Bartels, L., & Jackman, S. A. (2014). Generational model of political learning. *Electoral Studies*, 33, 7–18.
- Bell, A. (2020). Age-period-cohort analysis: A review of what we should and shouldn't do. *Annals of Human Biology*, 47(2), 208–217.
<https://doi.org/10.1080/03014460.2019.1707872>.
- Benítez-Márquez, M. D., Sánchez-Teba, E. M., Bermúdez-González, G., & Núñez-Rydman, E. S. (2022). Generation Z within the workforce and in the workplace: A bibliometric analysis. *Frontiers in Psychology*, 12, 736820.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.736820>
- Cambridge Dictionary. (n.d.). *Classification*. Retrieved from <https://dictionary.cambridge.org/pt/thesaurus/classification>.
- CEBMA. (2014). Critical Appraisal Checklist for a Qualitative Study. [Online]. Available: <https://cebma.org/wp-content/uploads/Critical-Appraisal-Questions-for-a -Qualitative-Study-July-2014-1.pdf> a
- CEBMA. (2014). Critical Appraisal Checklist For Cross-Sectional Study. [Online]. Available: <https://cebma.org/wp-content/uploads/Critical- Appraisal-Questions-for-a -Cross-Sectional-Study-July-2014-1.pdf> b
- Costanza, D. P., Badger, J. M., Fraser, R. L., Severt, J. B., & Gade, P. A. (2012). Generational differences in work-related attitudes: A meta-analysis. *Journal of Business and Psychology*, 27(4), 375–394. <https://doi.org/10.1007/s10869-012-9259-4>
- Costanza, D. P., Darrow, J. B., Yost, A. B., & Severt, J. B. (2017). A review of analytical methods used to study generational differences: Strengths and limitations. *Work, Aging and Retirement*, 3(2), 149–165. <https://doi.org/10.1093/workar/wax002>

- Costanza, D. P., Ravid, D. M., & Slaughter, A. J. (2021). A distributional approach to understanding generational differences: What do you mean they vary? *Journal of Vocational Behavior*, 127, 103585. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2021.103585>
- Costanza, D. P., Rudolph, C. W., & Zacher, H. (2023). Are generations a useful concept? *Acta Psychologica*, 241, 104059. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2023.104059>
- Cox, A., Hannif, Z., & Rowley, C. (2014). Leadership styles and generational effects: Examples of US companies in Vietnam. *The International Journal of Human Resource Management*, 25(1), 1–22.
- Creswell, J.W. & Creswell, J.D. (2017) *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. Newbury Park: Sage.
- De Run, E. C., & Ting, H. (2013). Generational cohorts and their attitudes toward advertising. *Market-Tržište*, 25(2), 143–160.
- DeCS/MeSH. (n.d.). *Generation*. Retrieved from https://decs.bvsalud.org/ths/?filter=ths_termall&q=generation&pg=1
- Dimock, M. (2019). Defining generations: Where Millennials end and Generation Z begins. *Pew Research Center*. Retrieved from <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/.end-and-generation-z-begins/>.
- Down, I., & Wilson, C. J. (2013). A rising generation of Europeans? Life-cycle and cohort effects on support for Europe. *European Journal of Political Research*, 52(4), 431–456. <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12001>
- Duh, H., & Struwig, M. (2015). Justification of generational cohort segmentation in South Africa. *International Journal of Emerging Markets*, 10(1), 89-101. <https://doi.org/10.1108/IJOEM-08-2012-0078>
- Egri, C. P., & Ralston, D. A. (2004). Generation cohorts and personal values: A comparison of China and the United States. *Organization Science*, 15(2), 210–220. <https://doi.org/10.1287/orsc.1030.0048>
- Embase. (n.d.). *Cohort effect*. Retrieved from <https://www.embase.com/emtree?id=23186&term=cohort+effect>
- Escalonilla, M., Cueto, B., & Pérez-Villadóniga, M. J. (2022). Is the Millennial Generation Left Behind? Inter-Cohort Labour Income Inequality in a Context of Economic Shock. *Social Indicators Research*, 164(285–321). <https://doi.org/10.1007/s11205-022-02958-x>
- Fannon, Z., & Nielsen, B. (2023). Age-period-cohort models. *Oxford Research Encyclopedia of Economics and Finance*. <https://oxfordre.com/economics/view/10.1093/acrefore/9780190625979.001.0001/acrefore-9780190625979-e-495>.

- Fernández-Durán, J. J. (2015). Defining generational cohorts for marketing in Mexico. *Journal of Business Research*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.06.049>
- Fitzenberger, B., Mena, G., Nimczik, J., & Sunde, U. (2022). Personality traits across the life cycle: Disentangling age, period and cohort effects. *The Economic Journal*, 132(646), 2141–2172. <https://doi.org/10.1093/ej/ueab093>.
- Fosse, E., & Winship, C. (2019). Analyzing age-period-cohort data: A review and critique. *Annual Review of Sociology*, 45(1).
- Gavreliuc, A. (2012). Continuity and change of values and attitudes in generational cohorts of the post-communist Romania. *Cognition, Brain, Behavior. An Interdisciplinary Journal*, 16(2), 191-212.
- Grasso, M. T. (2014). Age, period and cohort analysis in a comparative context: Political generations and political participation repertoires in Western Europe. *Electoral Studies*, 33, 63–76. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2013.06.003>
- Grasso, M. T., Farrall, S., Gray, E., Hay, C., & Jennings, W. (2018). Socialization and generational political trajectories: An age, period and cohort analysis of political participation in Britain. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*. <https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1476359>.
- Hung, K. H., Gu, F. F., & Yim, C. K. B. (2007). A social institutional approach to identifying generation cohorts in China with a comparison with American consumers. *Journal of International Business Studies*, 38(5), 836–853. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8400288>
- Inglehart, R. (1997). *Modernization and postmodernization: Cultural, economic, and political change in 43 societies*. Princeton University Press.
- Joshi, A., Dencker, J. C., Franz, G., & Martocchio, J. J. (2010). Unpacking generational identities in organizations. *Academy of Management Review*, 35(3), 392–414.
- Luo, L., & Hodges, J. S. (2020). The Age-Period-Cohort-Interaction Model for Describing and Investigating Inter-cohort Deviations and Intra-cohort Life-course Dynamics. *Sociological Methods & Research*. <https://doi.org/10.1177/0049124119882451>
- Mannheim, K. (1952). The problem of generations. In *Essays on the sociology of knowledge* (276–322). Routledge & Kegan Paul.
- Martínez-Estrella, E.-C., Samacá-Salamanca, E., García-Rivero, A., & Cifuentes-Ambra, C. (2023). Generation Z in Chile, Colombia, México, and Panama: Interests and new digital consumption habits. Their use of Instagram and TikTok. *Profesional de la información*, 32(2), e320218. <https://doi.org/10.3145/epi.2023.mar.18>
- McCrindle, M., & Fell, A. (2021). *Generation Alpha: Understanding Our Children and Helping Them Thrive*. Hachette Australia.

- McKercher, B. (2023). Age or generation? Understanding behaviour differences. *Annals of Tourism Research*, 103, 103656. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103656>
- McKercher, B., Lai, B., Yang, L., & Wang, Y. (2020). Travel by Chinese: A generational cohort perspective. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 25(4), 341–354.
- Milhome, J. C. (2022). *Gerações brasileiras: uma proposta de classificação e identificação dos valores pessoais e no trabalho* (Tese de doutorado). UFBA, Escola de Administração, Salvador.
- Munn, Z., Peters, M. D. J., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. *BMC Med Res Methodol*, 18(143). <http://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>
- Munn, Z., Pollock, D., Khalil, H., Alexander, L., McInerney, P., Godfrey, C. M., Peters, M., & Tricco, A. C. (2022). What are scoping reviews? Providing a formal definition of scoping reviews as a type of evidence synthesis. *JBI Evidence Synthesis*, 20(4), 950–952. <https://doi.org/10.11124/JBIES-21-00483>
- Mustafa, H., Mukhiar, S. N. S., Jamaludin, S. S. S., & Jais, N. M. (2021). Malaysian generational cohorts in the new media era: Historical events and collective memory. *Media Asia*. <https://doi.org/10.1080/01296612.2021.2018536>
- Noble, S. M., & Schewe, C. D. (2003). Cohort segmentation: An exploration of its validity. *Journal of Business Research*, 56, 979–987.
- Page, J. M., Moher, D., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., et al. (2021). PRISMA 2020 explanation and elaboration: Updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n160. <https://doi.org/10.1136/bmj.n160>.
- Parry, E., & Urwin, P. (2011). Generational differences in work values: A review of theory and evidence. *International Journal of Management Reviews*, 13(1), 79–96.
- Parry, E., & Urwin, P. (2021). Generational categories: A broken basis for human resource management research and practice. *Human Resource Management Journal*, 1–13. <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12353>
- Peretz, H., Fried, Y., & Parry, E. (2022). Generations in context: The development of a new approach using Twitter and a survey. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 95(2), 239-274. <https://doi.org/10.1111/joop.12376>
- Peters, M. D. J., Marnie, C., Tricco, A. C., Pollock D., Munn, Z., Alexander, L., McInerney, P., Godfrey, C. M., & Khalil, H. (2020). Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. *JBI Evid Synth*, 18(10), p. 2119-2126. <http://doi.org/10.11124/JBIES-20-00167>
- Pew Research. (2023). Retrieved from: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2023/05/22/how-pew-research-center-will-report-on-generations-moving-forward/>

- Piccerillo, L., Tescione, A., Iannaccone, A., & Digennaro, S. (2025). Alpha generation's social media use: sociocultural influences and emotional intelligence. *International Journal of Adolescence and Youth*, 30(1), 2454992. <https://doi.org/10.1080/02673843.2025.2454992>
- Ravid, D. M., Costanza, D. P., & Romero, M. R. (2024). Generational differences at work? A meta-analysis and qualitative investigation. *Journal of Organizational Behavior*. <https://doi.org/10.1002/job.2827>
- Rayyan. (n.d.). Rayyan for systematic reviews. Rayyan QCRI. Retrieved from <https://www.rayyan.ai>
- Rudolph, C. W., Costanza, D. P., Wright, C., & Zacher, H. (2019). Cross-temporal meta-analysis: A conceptual and empirical critique. *Journal of Business and Psychology*, 35, 733–750. <https://doi.org/10.1007/s10869-019-09659-2>
- Rudolph, C. W., Rauvola, R. S., Costanza, D. P., & Zacher, H. (2021). Generations and generational differences: Debunking myths in organizational science and practice and paving new paths forward. *Journal of Business and Psychology*, 36(6), 945–967.
- Ryder, N. B. (1965). The cohort as a concept in the study of social change. *American Sociological Review*, 30(6), 843–861
- Schewe, C. D., & Meredith, G. E. (2004). Segmenting global markets by generational cohorts: Determining motivations by age. *Journal of Consumer Behavior*, 4(1), 51–63.
- Schröder, M. (2024). *Work motivation is not generational but depends on age and period*. *Journal of Business and Psychology*, 39, 897–908. <https://doi.org/10.1007/s10869-023-09921-8>
- Schuman, H., & Scott, J. (1989). Generations and collective memories. *American Sociological Review*, 54(3), 359–381.
- Shaikh, A. A., Jamal, W. N., & Iqbal, S. M. J. (2021). The context-specific categorization of generations: An exploratory study based on the collective memories of the active workforce of Pakistan. *Journal of Public Affairs*, e264. <https://doi.org/10.1002/pa.2641>
- Shamseer, L., Moher, D., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., & Stewart, L. (2015). *PRISMA-P 2015 checklist: Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols*. BMJ, 349, g7647. <https://doi.org/10.1136/bmj.g7647>
- Strauss, W., & Howe, N. (1991). *Generations*. William Morrow.
- Tang, N., Wang, Y., & Zhang, K. (2017). Values of Chinese generation cohorts: Do they matter in the workplace? *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 143, 8–22. <https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2017.07.007>

- Tang, N., Zhen, D., & Guan, J. (2024). Generational changes in Chinese employees' work values. *Acta Psychologica Sinica*, 56(7), 876–894.
<https://doi.org/10.3724/SP.J.1041.2024.00876>
- Ting, H., Lim, T.-Y., de Run, E. C., Koh, H., & Sahdan, M. (2017). Are we Baby Boomers, Gen X and Gen Y? A qualitative inquiry into generation cohorts in Malaysia. *Kasetsart Journal of Social Sciences*, 38(3), 211–217.
<https://doi.org/10.1016/j.kjss.2017.06.004>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D., Horsley, T., Weeks, L., & Hempel, S. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473.
- Tung, L. C., & Comeau, J. D. (2014). Demographic transformation in defining Malaysian generations: The seekers (Pencari), the builders (Pembina), the developers (Pemaju), and generation Z (Generasi Z). *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 4(4), 383–403.
- Twenge, J. (2010). A review of the empirical evidence on generational differences in work attitudes. *Journal of Business and Psychology*, 25, 201–210.
- Wong, K. T., Zheng, V., & Wan, P. S. (2017). A dissatisfied generation? An age-period-cohort analysis of the political satisfaction of youth in Hong Kong from 1997 to 2014. *Social Indicators Research*, 130(2), 253–276.

ESTUDO 2

NOSSAS GERAÇÕES: UMA REVISÃO DE ESCOPO SOBRE ESTUDOS DAS GERAÇÕES BRASILEIRAS

RESUMO

O estudo das gerações tem sido amplamente utilizado para compreender padrões de comportamento, valores e transformações sociais. No entanto, a aplicação de classificações geracionais ao Brasil carece de uma análise crítica aprofundada. Esta revisão de escopo teve como objetivo mapear as características dos estudos sobre gerações brasileiras e suas evidências. Além disso, foi avaliada a adequação da classificação geracional mais utilizada, a dos Estados Unidos, à esta sociedade. Foram incluídos artigos científicos publicados entre 2013 e 2024 que abordam gerações na sociedade brasileira dentro das ciências sociais e comportamentais. Foram excluídos estudos que empregam o conceito de geração em contextos diversos a este ou em áreas específicas como a genética. As buscas foram realizadas nas fontes Scopus, Web of Science e SciELO, sem restrições de idioma. O delineamento metodológico seguiu o manual JBI e os Checklists PRISMA (P e SCR), em todas as fases da investigação, inclusive triagem às cegas e análise crítica dos métodos empregados nos artigos revisados. Foram selecionados e analisados 20 artigos. Evidenciou-se a predominância de abordagens quantitativas e a escassez de estudos qualitativos e longitudinais. Foi elaborada uma matriz “variáveis X especificidades geracionais”, a qual permitiu demonstrar que há variações intrageracionais importantes. Ademais, foi feito o cruzamento destes dados e demonstradas às características brasileiras divergentes da literatura internacional, organizadas por geração. Culminou-se na apresentação de avaliações críticas quanto à utilização da classificação norte-americana no Brasil. As evidências apontam que os eventos históricos e as condições geopolíticas e socioeconômicas ímpares do Brasil produzem padrões geracionais distintos dos observados em países desenvolvidos. Essas particularidades revelam a inadequação da aplicação de classes geracionais de outros países. Diante dessas constatações, este estudo recomenda fortemente a adoção, desenvolvimento, e aprimoramento de classificação geracional concebida a partir do contexto brasileiro. Tais resultados representam uma mudança de paradigmas para o campo no Brasil.

Palavras-chaves: Gerações; Gerações brasileiras, Estudos geracionais.

INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre gerações tem sido utilizado para aprimorar a compreensão sobre o comportamento humano e prover vários outros campos. Especialmente nas ciências sociais, traçar tendências e projeções a partir dos estudos geracionais propicia respaldos para ações e estratégias mercadológicas, de gestão de pessoas, de gestão dos processos de trabalho, de relações interpessoais, e de condutas políticas, dentre outras coisas.

O pioneiro trabalho de Mannheim (1952) trouxe consigo as primícias de uma conceituação mais madura e o sustentáculo para posteriores avanços do campo das gerações sociais. Desde então, a concepção de gerações foi se estabelecendo como um grupo de pessoas que em seus anos de formação, de construção de identidade, se confrontaram com eventos impactantes no mesmo contexto e espaço épico e sociocultural, dividindo memórias, e experienciando momentos com marcas comportamentais e de compreensão da realidade (Costanza et al., 2021).

As diferenças entre sociedades são um fator que promove grandes desafios aos investigadores. Trata-se das diferenças de contexto e percursos históricos. Os eventos épicos marcantes podem ser distintos e ainda que coincidam podem ter efeitos diferentes para cada nação. Outro fator preponderante a ser considerado são os contrastes de desenvolvimento e de cultura, seja para efeito interno às nações seja para proporção global (Egri & Ralston, 2004; Peretz et al., 2022).

O Brasil é um exemplo de muitos contrastes, internos e externos, sobretudo de cultura e de desenvolvimento. Principalmente em se considerando as dimensões continentais do país, ele é caracterizado pela complexa e diversa composição demográfica e cultural. No entanto, a produção acadêmica nacional neste campo ainda é carente de explorações (Cardoso, 2015; Milhome, 2022).

A população brasileira foi inicialmente composta de indígenas nativos e imigrantes das mais diversas etnias. A sua múltipla ancestralidade se conduziu por uma distribuição territorial não regulada, traduzida inclusive em acentuadas diferenças socioculturais entre as regiões do país. Tal singularidade se assevera quando considerada as históricas diferenças entre classes, e a sua história de transição política e econômica (Codato, 2005; Rocha-de-Oliveira et al., 2012). Essas peculiaridades estão presentes ainda na atual conjuntura, trazem desafios para investigadores, e se constituem em um rico objeto de pesquisa.

Há uma latente demanda por desenvolvimento teórico e aprimoramento do conhecimento sobre gerações no mundo (Aboim & Vasconcelos, 2014; Rudolph et al., 2020).

Bem como, há escassez de contemplação do contexto de cada sociedade nas iniciativas acadêmica no campo das gerações (Shaikh et al., 2021; Tang et al. 2024). Além disso, vale ressaltar que as produções acadêmicas sobre gerações brasileiras ainda não foram levantadas, analisadas e relatadas.

Em busca prévia, não encontramos trabalhos com este enfoque e abrangência condizente, o que reforça a importante necessidade de mapeamento das investigações existentes e sua sintetização. Desta forma, considerando esta eminente necessidade, bem como os possíveis desdobramentos e impactos sociais decorrentes da iniciativa científica sobre o constructo, este trabalho se debruçou sobre a seguinte questão: Quais as características dos estudos geracionais no Brasil?

Assim, o delineamento deste trabalho teve como objetivo “Mapear as características dos estudos sobre gerações brasileiras e suas evidências”. Para tanto, foi realizada uma revisão de escopo (Munn et al., 2018), seguindo as diretrizes propostas no Manual *JBI* (Aromataris et al., 2024), e o *checklist Preferred Reporting Items for Systematic Review* (PRISMA) – SCR (Tricco et al, 2018), ambos elaborados e recomendados pela liderança acadêmica mundial nesta metodologia.

Na execução do estudo foram selecionadas 20 produções por meio de busca nas fontes de dados escolhidas e triagem às cegas pela equipe da pesquisa. Foram realizadas análises como: enquadramento temático, abordagens, tendências de conteúdo, principais contribuições, lacunas, limitações dos trabalhos, e as agendas futuras apresentadas nos artigos. A estrutura da obra foi composta das seções de: introdução, referencial teórico, métodos, apresentação e discussão dos resultados, e considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta e discute as principais nuances que fundamentam a compreensão das gerações no contexto brasileiro e do mapeamento realizado nesta revisão de escopo. Traçou-se um breve panorama dos aspectos diversos a serem considerados. O conceito de gerações é definido como agrupamentos de indivíduos de uma sociedade que compartilham experiências marcantes em períodos históricos específicos (Mannheim, 1952; Peretz et al., 2022).

Esses agrupamentos transcendem as simples divisões cronológicas e consideram influências na formação das identidades coletivas e nos valores compartilhados (Costanza et al., 2023). Desse modo, as gerações são reconhecidas mediante a capacidade de eventos históricos moldarem comportamentos e perspectivas de forma distinta (Costanza et al., 2021; Ravid, Costanza & Romero, 2024). Nessa visão, são construções das dinâmicas sociais vinculadas às experiências dos indivíduos no período de socialização, momentos formativos das suas vidas (Inglehart, 1977; Schuman & Scott, 1989; Strauss & Howe, 1991; Parry & Urwin, 2021).

Gerações no contexto brasileiro: especificidades culturais, históricas e socioeconômicas do Brasil

O Brasil apresenta um contexto sociocultural e histórico único, marcado por sua diversidade étnica, profundas desigualdades sociais e uma história de transformações econômicas e políticas intensas (Codato, 2005). Essas particularidades tornam o país um campo rico e singular para a investigação científica sobre gerações.

Domingues (2002) traz contribuições para o debate ao aliar o conceito de “subjetividade coletiva” à análise das gerações na modernidade. Ele questiona visões que tratam as gerações como coletividades homogêneas e defende que as gerações são marcadas por heterogeneidade, interatividade e influência recíproca entre diferentes grupos etários. Seu estudo enfatiza a influência por condições históricas, econômicas e culturais das localidades.

O autor também ressalta que a pluralidade de estilos de vida e a individualização crescente tornam ainda mais desafiadora a compreensão do coletivo. Para Domingues, é fundamental considerar aspectos como gênero, classe e raça, na concepção das gerações. Nesta esteira, Schewe e Meredith (2004) se propuseram a elaborar sua abordagem pautada na

perspectiva brasileira. Eles apresentam uma abordagem para compreender a segmentação de mercado por meio de coortes geracionais, em alternativa às coortes de idade.

Desta forma, embora americanos, eles investiram no cenário brasileiro, de modo que identificaram seis coortes distintas: a Era Vargas (1930-1945), marcada por forte nacionalismo e a percepção do estado como solução para os problemas nacionais; o período Pós-Guerra (1946-1954), que enfatizava valores morais tradicionais; a Coorte do Otimismo (1955-1967), associada à juventude e ao "país do futuro"; os Anos de Ferro (1968-1979), definidos pelo regime militar e uma sociedade alienada; a Década Perdida (1980-1991), caracterizada por frustração e materialismo; e a coorte Be On Your Own (1992 em diante), destacada pela autossuficiência e o consumismo.

Essas definições refletem eventos históricos e transformações econômicas que moldaram os valores e comportamentos das diferentes gerações no Brasil. Mais adiante, Motta e Schewe (2008) avançam na adaptação do modelo de coortes para a realidade brasileira, buscando aprimoramento para análises acadêmicas e estratégicas dentro do país. Inclusive propondo ajustes como a mudança da categoria "Be On Your Own" para "Geração da Reestruturação"

Ikeda et al. (2008) também exploram o conceito de coortes como uma ferramenta de segmentação de mercado, analisando a influência de eventos históricos no Brasil sobre a formação de valores e comportamentos de consumo. Com base em uma revisão bibliográfica descritiva e analítica, os autores destacaram que a segmentação por coortes não se limita ao fator demográfico (idade), mas também abrange elementos psicográficos como valores e crenças moldados por experiências compartilhadas durante a transição para a fase adulta.

Os autores sublinham que, no Brasil, o uso de coortes em marketing ainda era pouco explorado na época da produção do trabalho, apesar de seu potencial para oferecer insights valiosos sobre comportamentos de consumo. Além disso, contribuem teoricamente ao articular a relevância dos momentos críticos vividos por diferentes grupos no país, proporcionando uma perspectiva para compreender como eventos históricos impactaram o mercado e a sociedade de forma mais ampla.

Mais adiante, Ikeda e Feitosa (2011) investigam a segmentação de mercado com base em coortes, explorando como eventos compartilhados impactam as preferências e comportamentos dos consumidores ao longo do tempo. Os autores realizam uma análise qualitativa para compreender as aplicações práticas dessa abordagem no mercado brasileiro, contribuindo para o debate sobre a adequação de modelos globais ao contexto local e incentivando o uso dessa metodologia em estudos futuros de comportamento do consumidor.

Rocha-de-Oliveira et al. (2012), por sua vez, realizaram uma análise crítica do conceito de Geração Y, questionando sua aplicabilidade ao contexto brasileiro. Os autores argumentam que a ideia de uma "geração planetária" desconsidera as particularidades históricas, econômicas e sociais do Brasil, tornando inadequada a mera reprodução de categorias geracionais originadas em países desenvolvidos. Eles propõem uma reflexão sobre a necessidade de contextualizar as gerações com base na realidade nacional, considerando aspectos como a desigualdade social, o acesso restrito à educação superior e as trajetórias laborais fragmentadas dos jovens brasileiros.

O estudo também contribui ao enfatizar que, no Brasil, a transição para a vida adulta é influenciada por condições estruturais que diferem significativamente daquelas presentes em países desenvolvidos. A permanência prolongada dos jovens no sistema educacional, o desemprego elevado e a informalidade no mercado de trabalho são fatores que impactam a construção da identidade geracional. Assim, os autores desafiam a homogeneização das gerações e propõem uma abordagem mais sensível às especificidades locais, reforçando a importância de uma leitura crítica das teorias globais aplicadas ao Brasil.

Desta forma, podemos perceber uma tendência da corrente teórica que estuda gerações a partir do cenário brasileiro, apontando para uma construção que parece amadurecer em direção a uma caminhada autônoma, que não evolui alienada aos movimentos e dinâmicas globais, mas almeja estabelecer condutas acadêmicas assertivas, que não feche os olhos para as múltiplas variáveis relevantes à concepção conceitual de gerações, especialmente no tocante à adequação diante das conjunturas locais. Todavia, se faz necessário verificar como está esta caminhada, quais as evoluções, e se permanece coerente com estes apontamentos ou obteve desdobramentos com contrapontos.

Outras considerações para os critérios de elegibilidade deste estudo

Nesta seção, trata-se de aspectos relativos à composição dos critérios de elegibilidade para o levantamento e triagem desta revisão. Deste modo busca-se dirimir sobreposições e confusões, e facilitar o discernimento quanto ao delinemanento conceitual-metodológico.

Temática

A base teórica conceitual dos estudos sobre gerações relatadas até aqui, possui sua gênese no campo das ciências sociais e comportamentais, como sociologia, administração, psicologia e comunicação. O foco está em explorar o conceito de geração como fenômeno social, histórico e cultural. Apesar desta demarcação é possível que profissionais de outras diversas áreas se arvorem a envidar esforços científicos em direção ao tema, e é até desejável que haja interação com outros ramos do conhecimento e mesmo estudos multidisciplinares, a fim de aprimorar e amplificar a compreensão sobre o tema.

No entanto, há o risco desta interação causar confusões conceituais e com isso acarretar conclusões científicas distorcidas. De modo que se faz relevante um esforço conjunto da academia para promover este discernimento. O termo gerações pode ter significado técnico diferente em outras áreas. Na área da tecnologia pode representar uma inovação tecnológica disruptiva ou uma nova versão de um produto.

Nas engenharias, por exemplo, pode representar um novo método ou estágio de processo produtivo, também pode ser usado como sinônimo de criação e ou produção de algo (Braga et al., 2022; DeCS/MeSH, n.d.). Assim, ao buscar pelo termo numa base de dados é muito comum o surgimento de múltiplas tipologias de pesquisas, mesmo se utilizando os filtros disponíveis nas plataformas.

No campo da biologia, genética e saúde há também particularidade nas quais o conhecimento sobre gerações sociais podem impactar sendo um vasto campo de exploração. Hospitais, clínicas, consultórios, companhias de planos de saúde e afins, podem trabalhar a perspectiva geracional para conhecer aspectos comportamentais relevantes de seu público, e com isso desenvolver melhores abordagens de captação, relacionamento, e acompanhamento de pacientes, seja na rede pública ou particular, promovendo insumos para aprimorar a eficácia das estratégias institucionais, e inclusive insumos para aprimoramento das estratégias de terapia e atenção médica (Costa Júnior & Couto, 2015).

No entanto, para profissionais do ramo, o termo também pode representar um processo evolutivo de vírus ou bactéria, ou novo formato de uma patologia, por exemplo. Estudos nessas áreas tendem a tratar de “geração” como transmissão ou transição biológica, focando em herança genética, mutação e evolução (Costa Júnior & Couto, 2015). Embora relevantes para outros campos, esses enfoques não dialogam diretamente com o conceito de geração aplicado às dinâmicas sociais e culturais.

Desta forma, para o propósito desta revisão de escopo, se fez interessante aplicar distinção temática, de modo que se alguma área afim importa o conceito de gerações sociais para trabalhar em conjunto com outra face do conhecimento seria possível considerar a seleção de tal trabalho, no entanto, não se enquadrariam estudos que utilizam o conceito de geração proveniente de áreas como tecnologia, biologia e engenharia, dentre outros em situação similar, onde o termo pode ter um significado técnico diferente.

Contexto

Esta revisão abrange estudos que discutem as gerações no contexto da sociedade brasileira. O objetivo é abranger a dinâmica geracional sob uma perspectiva ampla, considerando especificidades culturais, históricas e socioeconômicas nacionais. Todavia, há situações que se constituem como espécies de derivação da ideia de gerações em sociedade, embora circulando em torno dos campos onde reside a essência teórico conceitual ora trabalhada.

Tais estudos derivados podem se concentrar em contextos altamente específicos, e neste caso não se trata de questões relacionadas à amostra não representativa, mas do espectro contextual. Neste sentido, falamos da percepção de gerações no âmbito da herança e da hereditariedade, onde o início de uma nova geração se dá no momento na gestação de um novo indivíduo, pela procriação, via de regra dentro de um núcleo familiar.

Aqui não temos a intenção de discutir qual perspectiva é mais antiga do ponto de vista científico, apenas de apontar as diferenças. Trata-se de tomar como referência o processo de transição entre avós, pais, filhos, netos, sem necessariamente vincular isto a localização histórica e geográfica, mas possivelmente relacionando a outros constructos. Para esclarecer melhor podemos apontar exemplos a partir de alguns campos do conhecimento, a saber:

1. **Educação:** Estudos que tratam de gerações em contextos educacionais restritos podem apresentar análises, aplicáveis apenas a determinadas instituições ou níveis de

ensino (Fei et al., 2023). Neste sentido, por exemplo, há estudos que utilizam a nomenclatura "Alunos de primeira e segunda geração" no nível superior para fazer referência aos primeiros membros de uma família a ingressar em uma universidade (Felicetti et al., 2019; Lima, 2020).

2. ***Estudos étnicos relacionados a gerações migratórias:*** Pesquisas sobre grupos migratórios tendem a refletir realidades distintas, baseadas em identidades étnicas, culturais ou históricas específicas. Neste sentido, por exemplo, há estudos que utilizam a nomenclatura "imigrantes de primeira geração" para fazer referência às pessoas que mudaram de país e "imigrantes de segunda geração" para fazer referência aos filhos de imigrantes que nascem no país de destino (Braga, 2019; Tao et al., 2020).
3. ***Empresas e herança familiar:*** Estudos empresariais que abordam a passagem geracional em negócios de herança familiar tratam de dinâmicas limitadas a contextos organizacionais, o que não corresponde à análise proposta (Bērziņš & Pajuste, 2024). Neste sentido, por exemplo, há estudos que utilizam a nomenclatura "empresários de primeira geração" para fazer referência aos fundadores de empresas e "empresários de segunda geração" para fazer referência aos herdeiros que assumem a sucessão na propriedade/direção da empresa de seus pais (Sallay et al., 2024).

A origem desses tipos de estudo pode ser traçada a interesses específicos em políticas públicas, planejamento educacional, gestão empresarial ou integração de minorias culturais. Esses recortes, embora importantes, assumem um âmbito específico de modo que não se encaixam exatamente no objetivo desta revisão. Aqui nesta revisão propõe-se verificar estudos que almejam o entendimento de fenômenos geracionais em uma perspectiva mais ampla, aplicável à sociedade brasileira como um todo e a sua história, ainda que para isso apliquem estudos com amostra não representativas e/ou carentes de generalização.

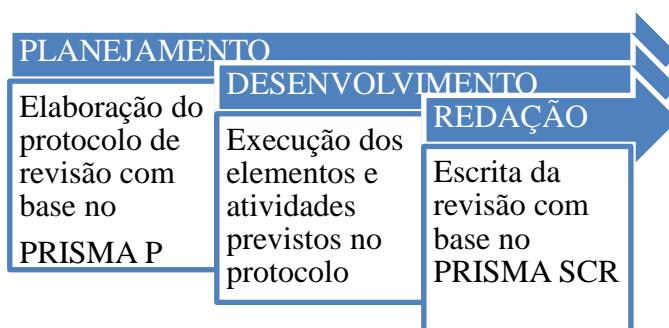
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo, na medida em que se empenha em desbravar e expor o conteúdo da produção acadêmica existente promove informação à academia (Quivy & Campenhoudt, 2005). Para alcance da resposta à pergunta proposta, foi elaborada e executada uma revisão de escopo, posto que se torna adequada à resolução de questões amplas e mapeamento da situação do conhecimento gerado sobre determinado tema, de modo mais abrangente, em detrimento a situações específicas (Munn et al., 2018; Munn et al., 2022;).

Conforme demonstrado na Figura 8, o desenho metodológico da pesquisa foi composto de três etapas: planejamento, desenvolvimento e redação.

Figura 8

Estrutura da revisão do escopo



Fonte: Elaboração pelo próprio autor

Planejamento

O processo de planejamento seguiu as recomendações do manual da Joanna Briggs Institute – JBI (Aromataris et al., 2024). Além disso, foram aplicados os checklists Preferred Reporting Items for Systematic Review, Prisma P e PRISMA SCR (Tricco et al., 2018; PRISMA-P Group, 2015). Desta forma, foi conduzida a elaboração do projeto envolvendo elementos como a formação da equipe, determinação da justificativa e lacuna a ser preenchida, bem como objetivos.

Na formulação da pergunta de pesquisa, utilizou-se o acrônimo PCC (População, Conceito, Contexto) (Peters et al., 2020), P - População brasileira, C - conceito de gerações, C - contexto da sociedade brasileira. Neste sentido, foi determinado o desenho metodológico,

fontes de informação, critérios de elegibilidade, informações a serem buscadas para extração, estratégias de sistematização e gestão dos dados, dentre outras coisas.

A equipe de pesquisa planejou o delineamento e elaborou o protocolo. Contou-se com auxílio e revisão de bibliotecários externos à equipe para formulação e revisão das estratégias de busca. O intuito foi de alcançar as obras necessárias, com mínimo viés. Assim, realizou-se uma sondagem preliminar, em 13 de maio de 2024, para testar as estratégias do protocolo pré-elaborado e verificar a existência de revisões. Não encontramos revisões com enfoque e abordagem similar, o que motivou e reforçou a continuidade da pesquisa.

Desenvolvimento

As bases de dados Scopus, Web of Science (WOS), e Scielo foram escolhidas pela relevância e grande quantitativo de periódicos indexados das áreas afins ao conceito-chave da pesquisa. Não foi feita qualquer restrição de idiomas e foram filtrados apenas artigos científicos. Devido ao propósito de contemplar a atividade de pesquisa recente e seu movimento, o período de publicação utilizado limitou de 2013 até a data de limite final, considerando para tal em 11 de novembro de 2024, data de realização das buscas nas bases.

No tocante às áreas de conhecimento, aplicou filtros. São eles: Business Economics or Social Sciences Other Topics or Education Educational Research or Public Administration or Sociology or Anthropology or Psychology or Communication or Cultural Studies or Family Studies or Ethnic Studies or Behavioral Sciences or Philosophy.

Devido ao volume de estudos sobre gerações, o levantamento foi delimitado pela ocorrência dos descritores nos TÍTULOS para string 1, e para a string 2 nos TÓPICOS, ou seja, títulos, resumos, e palavras-chave. Assim, as linhas de descritores foram ligadas através do operador booleano AND, e foram compostas da seguinte forma:

- STRING 1: “generation*”
- STRING 2: “Brasil*” or “Brazil*” or “brasil*” or “brazil*”

Assim, como exemplo, a linha completa de busca na WOS ficou da seguinte forma: (TI=(“generation*”)) AND TS=(“Brasil*” or “Brazil*” or “brasil*” or “brazil*”). A definição dos termos foi alinhada com o acrônimo utilizado na definição da pergunta. Neste sentido, a primeira linha é correspondente ao conceito, e a segunda engloba contexto e população respectivamente.

As referências foram exportadas no formato RIS com seus metadados em registro completo. Foi feita uma primeira limpeza dos dados por meio do Software Endnote na qual

foram removidos itens em duplicidade. Em seguida, migramos para o software Rayyan (n.d.), onde utilizamos sua ferramenta para rastrear e remover duplicados que sobraram da primeira varredura.

As referências remanescentes foram encaminhadas para a fase da triagem. Na sequência, foi realizado procedimento de calibração entre os membros da equipe pelo qual se testou os critérios de elegibilidade e o alinhamento técnico dos pesquisadores. Só então, o processo de triagem às cegas foi realizado.

Na triagem, dois pesquisadores executaram a seleção dos estudos de forma independente e sem conhecer o andamento um do outro. Ao término dos processos foram revelados os resultados e as escolhas divergentes foram discutidas e dirimidas em reunião, sendo o terceiro pesquisador responsável por definir os casos de divergências persistentes.

A triagem às cegas evoluiu primeiramente com a leitura dos títulos e resumos, removendo aqueles considerados incompatíveis, cuja leitura permitiu concluir sem dúvidas. Posteriormente, houve a leitura dos textos completos dos registros remanescentes, chegando à amostra encaminhada para análise. Foram obedecidos aos critérios de elegibilidade previamente estabelecidos no protocolo, que estão descritos na Tabela 7.

Os artigos foram examinados e foi realizada a extração dos dados. Como ferramenta usamos os softwares Word, Excel e Zotero. Os dados foram organizados e categorizados, para auxiliar na concepção foi adaptado ao modelo de Creswell e Cresswell (2017). Para apresentação dos elementos-chave foram elaboradas tabelas.

Foram verificados dados como abordagens, metodologias e instrumentos. Além disso, esmiuçados conteúdos como: principais contribuições, convergências e divergências, principais lacunas, principais limitações dos trabalhos e possíveis agendas futuras apresentadas nos artigos.

Considerou-se também conveniente a condução de uma apreciação crítica do delineamento das investigações encontradas. Desta forma, optou-se pelas ferramentas disponibilizadas pelo Center for Evidence-Based Management (CEBMa) para examinar a qualidade dos estudos qualitativos (CEBMa, 2014a) e transversais (CEBMa, 2014b).

Tabela 7*Critérios de elegibilidade*

| Característica | Critérios de Inclusão | Critérios de Exclusão |
|--|---|--|
| Temática | Adote a compreensão de gerações discutida no âmbito da sociologia, psicologia e ciências comportamentais, relacionado às pessoas. | Adote conceitos de gerações provenientes de outras áreas, como por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> • Diferentes gerações (níveis) de tecnologia, exemplos: internet 4G. • Geração no sentido de criação ou produção, exemplos: geração de energia elétrica, geração de insumos para fabricação de componentes. • Gerações no sentido natural ou pela evolução genética, exemplo: mutação celular, ou diferentes gerações de doença, como a covid 19. |
| Contexto | Que aborde o contexto da sociedade brasileira. | Que aborde outras sociedades diferentes da brasileira Que aborde contextos específicos, que não podem generalizar ou representar a sociedade brasileira, por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> • Na educação: Alunos de primeira e segunda geração de nível superior (primeiros membros de uma família a ingressar em uma universidade). • Nos estudos étnicos: imigrantes de primeira (pessoas que mudaram de país) e segunda geração (filhos de imigrantes que nascem no país de destino). • Nos estudos empresariais: empresários de primeira (fundadores de empresas) e segunda geração (herdeiros que assumem a sucessão na propriedade/direção da empresa de seus pais). |
| Escopo | <ul style="list-style-type: none"> • Estudos que se propõem a estudar gerações na sociedade brasileira. • Estudos que refletem o conceito teórico das gerações e situações derivadas, dentro do tema proposto, porém guardando relação interdisciplinar com as seguintes áreas: Business/Administration or Economics or Social Sciences Other Topics or Education Educational Research or Public Administration or Sociology or Anthropology or Psychology or Communication or Cultural Studies or Family Studies or Ethnic Studies or Behavioral Sciences or Philosophy. | <ul style="list-style-type: none"> • Estudos que apesar de utilizar os conceitos de geração não discutam o tema. • Estudos que tomarem como base exclusivamente elementos e parâmetros naturais/genéticos para tentar determinar classificações geracionais para pessoas, como por exemplo: análises laboratoriais com amostras genéticas de determinado grupo etário, fisiologia de determinado grupo etário, evolução patológica relacionada à predisposição genética, resistência a vírus ou bactéria de determinado grupo etário, e adjacentes. |
| Abordagem | Empírico (quantitativo ou qualitativo), teóricos. | Revisões (sistêmáticas, de escopo, integrativas), resenhas. |
| Critérios de qualidade/ tipo de publicação | <ul style="list-style-type: none"> • Artigos científicos. • revisado por pares em revistas acadêmicas indexadas. | Demais tipos de publicações, exemplo: Teses, dissertações, Livros, jornais, produções artísticas, etc. |
| Amostra | Todos os tipos. | Não houve. |
| Local de coleta | Todos os tipos. | Não houve. |
| Unidade de análise | Todos os disponíveis. | Não houve. |

Fonte: Elaboração pelo próprio autor

Redação

Por fim, foi executada a consolidação da revisão. Ou seja, a edição do presente artigo. A redação do documento se orientou pelo PRISMA SCR. Neste sentido, foi discorrida a síntese narrativa das evidências encontradas destacando os aspectos cruciais. Buscou-se refletir sobre os conteúdos das obras e demonstrar aspectos relevantes a formação das gerações brasileiras.

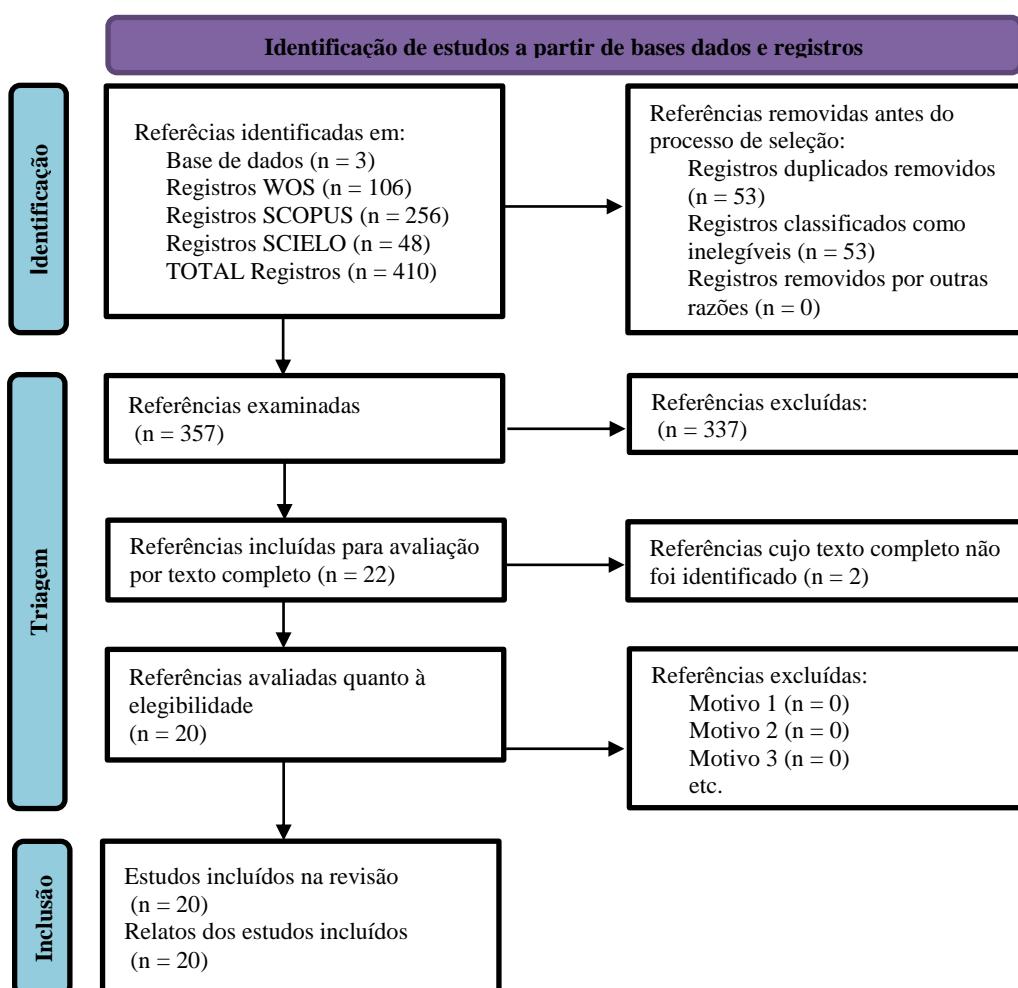
Em tempo, buscou-se discutir sobre os rumos da pesquisa sobre gerações no Brasil, sinalizando lacunas, propondo *insights*, especulando desdobramentos e possibilidades de novas investigações em face ao conhecimento acadêmico disponível até o momento.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta seção demonstra as características e a extensão dos estudos selecionados, os quais se propuseram a estudar gerações no Brasil. Ela discorre sobre as análises executadas e seus resultados. A Figura 9 apresenta o processo de triagem, desde a busca nas bases ao quantitativo final encaminhado para revisão, conforme as recomendações PRISMA (Page et al., 2020).

Figura 9

Fluxograma PRISMA de levantamento dos estudos



Fonte: Elaborado pelo autor com base nas recomendações PRISMA (Page et al., 2020).

A aplicação dos termos-chave e dos filtros nas fontes de dados gerou 106 resultados pela WOS, 256 pela SCOPUS, e 48 pela SCIELO, totalizando 410. Na sequência, realizou-se a remoção dos duplicados com as ferramentas automatizadas, excluindo 53 ocorrências no total. Sendo assim encaminhados 357 para a fase seguinte.

Na fase de triagem às cegas foram excluídas 303 publicações por critério de temática, 29 por contexto, e 3 por abordagem. Devido a sua indisponibilidade gratuita na ocasião, 2 trabalhos não foram recuperados (Severo et al., 2021; Tavares et al., 2021). Assim, 20 estudos foram incluídos na revisão e encaminhados para fase de análises.

Na Tabela 8, é apresentada a lista dos estudos selecionados para a revisão e suas características. Foram demonstrados seus elementos nucleares: objetivos, abordagem, técnicas de análise, amostra/corpus, instrumentos, setores e principais resultados. Na coluna de objetivos, estão destacadas em negrito as gerações que foram alvo da investigação. Os estudos estão agrupados pelas gerações abordadas, e por ano de publicação, nesta ordem.

Quanto às gerações abordadas, cinco estudos (25%) abordaram exclusivamente a geração Y e quatro (20%) focaram a geração Z. Apenas um estudo tratou da geração Alpha equivalente a 5%. Ou seja, a metade dos estudos focou exclusivamente uma geração. Dois (10%) trataram conjuntamente as gerações X, Y e Z, e Cinco (25%) trataram *Baby Boomers*, X e Y. Em dois (10%) não há enfoque em uma geração específica.

Tabela 8*Descriptivo geral das análises*

| Referência | Objetivo do Estudo | Abordagem Metodológica/ Técnica de análise | População/ Amostra - Corpus | Instrumentos de Coleta de Dados | Setor/Organi- zações Pesquisadas | Resultados Principais |
|-------------------------------------|--|--|--|---|---|--|
| Menetti, Kubo e Oliva, E. C. (2015) | Analisar e identificar as bases de comprometimento organizacional da geração Y em empresas de conhecimento intensivo | Quantitativa/ Estatística descritiva, teste t, ANOVA | Não probabilística, por conveniência. 187 respostas válidas de duas empresas de consultoria | Questionário online baseado na escala EBACO (Medeiros, 2003) | Empresas de consultoria | Identificação do perfil da geração Y; aplicação inovadora da EBACO; contribuições para gestão de pessoas |
| Hsiao e Casa Nova (2016) | Identificar os fatores que influenciam a Geração Y ao escolher a contabilidade como carreira | Quantitativa/ Estatística descritiva e multivariada | Amostragem não probabilística por conveniência./665 participantes da Feira de Carreiras da USP | Questionário online baseado no PVQ de Schwartz e no SCTI | Educação/Ensino Médio (São Paulo) | Identificação de fatores intrínsecos/extrínsecos; Comparação de percepções sobre prestígio da carreira contábil |
| Cordeiro e Albuquerque (2017) | Identificar os perfis de carreira predominantes entre a Geração Y no Brasil e investigar a influência de características demográficas e profissionais nesses perfis. | Quantitativa/ Análise de clusters ;Teste qui-quadrado ; Teste de Mann-Whitney | Jovens profissionais da Geração Y (nascidos entre 1982 e 1994) no Brasil. 2.376 participantes/não probabilística e intencional | Questionário eletrônico, SurveyMonkey, / Escala de Atitudes de Carreira Sem Fronteiras e Carreira Proteana desenvolvida por Briscoe, Hall e DeMuth (2006) | Diversos setores, com predomínio das classes A e B em São Paulo | Cinco perfis de carreira foram identificados: Lost, Stable Protean, Seeker, Organization Man/Woman, e Protean Career Architect, com este último sendo o mais predominante (23%) |
| Silva et. al (2020) | Analizar o efeito da relação entre liderança e engajamento no desempenho de millennials | Quantitativa/ SEM (SmartPLS), ANOVA, Mann-Whitney; | 312 respondentes; amostragem de conveniência | Questionário com 41 itens, escalas de Ahearne et al. (2005), Rees et al. (2013), Barrick et al. (2015) | 18 setores, maioria no setor de serviços (72,11%) | Diferenças culturais e impacto na liderança; relevância do engajamento para desempenho. Insights para liderança da geração Y |
| Lima, Nery e Miranda (2024) | Analizar a percepção dos millennials sobre previdência e contribuir para políticas públicas de educação previdenciária | Quantitativa/ Teste de Qui-Quadrado; | Amostra por conveniência (931 respostas válidas)/ População brasileira em geral | Questionário estruturado via LimeSurvey® | Não definido | Millennials preocupados, mas pouco ativos na previdência complementar; demanda por previdência flexível; falta de educação previdenciária |
| Tavares, Sawant e Ban (2018) | Identificar as características e preferências de viagem da Geração Z em Belo Horizonte | Quantitativa/ Análise de Componentes Principais (ACP); estatísticas descritivas | Não probabilística por conveniência/300 estudantes universitários | Questionário de múltipla escolha e escala Likert | Estudantes de Adm., Contabéis, Computação, Jornalismo e Publicidade | Insumos para marketing e desenvolvimento de produtos turísticos para a Geração Z; Identificação de padrões de consumo regionais |
| Barcellos e Gil (2019) | Analizar como jornalistas da Geração Z no Brasil lidam com tecnologias emergentes e criam narrativas específicas em plataformas de mídia convergentes | Qualitativa/Análise qualitativa indutiva, com categorização em quatro dimensões: modelo organizacional, prioridades de conteúdo, orientação técnica e princípios deontológicos | Estudantes universitários de jornalismo (125 participantes)/ Intencional ou não probabilística | Entrevistas Semiestruturadas; relatórios técnicos; questionários; diário de pesquisa; painéis de observação. | Educação/Jornalismo | Insights sobre práticas jornalísticas da Geração Z. Avaliação de habilidades técnicas e práticas (como digital learners). Identificação de organizações e modelos de trabalho. Identificação de critérios de produção. |

| Referência | Objetivo do Estudo | Abordagem Metodológica/ Técnica de análise | População/ Amostra - Corpus | Instrumentos de Coleta de Dados | Setor/Organi- zações Pesquisadas | Resultados Principais |
|-----------------------------------|--|--|--|--|--|--|
| Rocha et. al (2023) | Analisar a atenção visual, percepção de transparência e atitude de mulheres brasileiras da Geração Z sobre diferentes formatos de divulgação de patrocínios em anúncios nativos no Instagram | Quantitativa/ ANOVA de Friedman; Modelagem de equações estruturais | Não probabilística por conveniência/ (149 universitárias) | Eye-tracker; Questionários/ Escalas: Wojdynski et al. (2018); Rhee e Jung (2019) | Não aplicável; anúncios de influenciadora digital brasileira | Relação entre transparência e atitude; Dados para marketing ético; Reforço dos valores éticos da Geração Z |
| Purcini et. al (2024) | Comparar a influência dos tipos de origem (COO versus GI) e mundos do vinho (Novo versus Velho Mundo) nas atitudes de consumidores brasileiros da Geração Z | Quantitativa (desenho experimental)/ ANOVA de medidas repetidas; | 98 participantes; amostragem não probabilística | Questionário fechado. escala Likert de 9 pontos (Boscolo et al., 2020) | Nenhuma organização específica; foco no setor de vinhos | Evidência da maior influência do Country of Origin - COO sobre Geographic Indication - GI; preferências por países do Velho Mundo |
| Tortorella et.al (2019) | Investigar o efeito da experiência dos praticantes e diferenças geracionais sobre a adoção de princípios da produção enxuta. Aborda gerações X,Y, Z | Quantitativa/ Análise multivariada; para os 14 princípios do Sistema Toyota de Produção | Não probabilística, por conveniência/132 respondentes provenientes de empresas diversas | Questionário com informações demográficas e adoção de princípios de Lean Production – LP/ escala de Liker (2004) | Indústrias manufatureiras brasileiras | Evidencia interações entre experiência e diferenças geracionais no contexto da Lean Production; estratégias específicas para diferentes gerações. Gerações X,Y,Z |
| Barros, Melo e Farias (2021) | Analisar a percepção do desempenho no trabalho na modalidade de home-office, comparando índices médios entre diferentes gerações no Brasil. Aborda gerações X,Y, Z | Quantitativa/ Estatística descritiva, teste anova, teste t. utilizou uma escala validada para medir a percepção de desempenho no trabalho remoto | 399 participantes, com distribuição por geração (X, Y, Z) e gênero/ amostragem não probabilística | Questionário com perguntas fechadas online SurveyMonkey/ A escala foi desenvolvida por Queiroga, Borges-Andrade e Coelho Júnior (2015) | Setores público e privado, diversos segmentos, em regime de home office. | O estudo destaca a importância de avaliar a adaptação ao trabalho remoto, considerando diferenças geracionais e setoriais. |
| Silva et.al (2015) | Investigar delimitações geracionais no Brasil e avaliar suas influências no comprometimento organizacional Aborda gerações Baby Boomers, X e Y | Quantitativa/ Análise factorial confirmatória, regressão hierárquica e MANOVA | 102.540 trabalhadores em 394 organizações/ Amostragem aleatória com 1.800 respondentes | Questionário eletrônico com 55 itens em escala Likert de 5 pontos/ Escala Likert (D'amato & Herzfeldt, 2008; Meyer & Allen, 1991) | Diversos setores, com empresas de mais de 100 empregados | Delimitações geracionais para o Brasil; alinhamento de práticas de gestão às necessidades geracionais. Gerações Baby Boomers, X e Y |
| Severo et.al (2017) | Analizar percepções de gerações sobre sustentabilidade ambiental, práticas e consumo sustentável Aborda gerações Baby Boomers, X e Y | Quantitativa e descritiva/Análise factorial exploratória, regressão linear, ANOVA; | Amostragem não probabilística (conveniência); 824 respondentes válidos | Questionário online com escala Likert de 5 pontos/ escala validada adaptada de Strauss & Howe (1991) | Não específico a setores/organizações | Escala validada para análise de sustentabilidade e consumo; diferenciação geracional |
| Severo, Guimarães e Dorion (2018) | Medir as relações antecedentes da consciência ambiental considerando os constructos de produção mais limpa, responsabilidade social e eco-inovação Aborda gerações Baby Boomers, X e Y | Quantitativa/ Modelagem de Equações Estruturais (SEM) com análise factorial exploratória e confirmatória | Não probabilística por conveniência,1123 respondentes | Questionário online (Likert de 5 pontos) | Não aplicável | Desenvolvimento de escala validada para medições intergeracionais; Identificação de influências organizacionais na consciência ambiental e no consumo sustentável. Gerações Baby Boomers, X e Y |

| Referência | Objetivo do Estudo | Abordagem Metodológica/ Técnica de análise | População/ Amostra - Corpus | Instrumentos de Coleta de Dados | Setor/Organizações Pesquisadas | Resultados Principais |
|-------------------------------------|--|---|---|--|---|---|
| Severo et.al (2019) | Analisar a influência das redes sociais sobre a consciência ambiental e a responsabilidade social das gerações Baby Boomers, X e Y | Quantitativa e descritiva/ Modelagem de Equações Estruturais (MEE); | Amostragem não probabilística, "bola de neve"; 2.692 casos válidos | Questionário online em escala Likert de 5 pontos/ Escalas de Roberts & Bacon (1997) e GRI (2015) | Indivíduos, não vinculados a organizações específicas | Correlação entre consciência ambiental e responsabilidade social; Recomendação de uso de redes sociais para ações integradas.Gerações Baby Boomers, X e Y |
| Melo, Faria e Lopes (2019) | Analizar a construção da identidade profissional de mulheres gerentes das gerações Baby Boomers, X e Y | Qualitativa/ Análise temática com base nas dimensões de Hill (1993) | Amostragem intencional e por acessibilidade; 32 entrevistadas: Baby Boomers (6), Geração X (11), Geração Y (15) | Entrevistas semiestruturadas | Setores públicos, bancário e tecnológico. | Pouca interferência das características geracionais na construção da identidade profissional; enfatiza habilidades interpessoais e aprendizagem contínua |
| Carvalho, Monteiro e Martins (2022) | Analizar as experiências formativas de estudantes de licenciatura para trabalhar com futuras gerações, particularmente a Geração Alpha, considerando o desenvolvimento das tecnologias digitais | Qualitativa/ Análise qualitativa com categorização temática | 57 estudantes de cursos de licenciatura de uma universidade/ amostragem por conveniência | Questionário online | Educação superior | Os participantes reconhecem os desafios impostos pela Geração Alpha, especialmente no uso de tecnologias digitais, e identificam a necessidade de uma formação docente que integre essas tecnologias. Geração Alpha |
| Ostermann, Moyano e Laufer (2019) | Examinar diferenças na percepção de posicionamento de marca entre coortes geracionais que se relacionam diretamente com a UERGS Aborda classes gerações identificadas com base no contexto do Brasil especificamente. | Multimétodo (qualitativa e quantitativa)/ Análise factorial com rotação Varimax; Anova; post hoc Dunnnett C | Não representativa, por conveniência e cota. 273 participantes | Questionários impressos e entrevistas semiestruturadas/ Escalas de Alwi & Kitchen (2014) e Noble & Schewe (2003) | Setor educacional (UERGS) | Evidências empíricas de diferenças geracionais na percepção de marca em IES; atributos relevantes para posicionamento de marca. Gerações brasileiras, com base em classificações previamente definidas por outros autores: Otimismo (1937 – 1950); Anos de Ferro (1951 – 1962); Década Perdida (1963 – 1974); Individualismo (1975 – 1992) e Pós 1992 (1993 – Em diante) |
| Prado (2013) | Analizar as relações inter e intrageracionais entre crianças pequenas e entre elas e as professoras, considerando implicações para uma pedagogia da Educação Infantil Não há enfoque em uma geração específica | Qualitativa (etnográfica)/ Análise descritiva e reflexiva baseada em registros etnográficos | Não probabilística intencional. Duas turmas (3-4 anos e 5-6 anos) | Observação participante, caderno de campo, fotografias, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos | Instituição pública de Educação Infantil | Evidência da capacidade das crianças de inovar e questionar; reflexão sobre práticas pedagógicas inclusivas |
| Cardoso (2015) | Interpretar as metamorfoses da questão geracional no mundo desenvolvido, utilizando a discussão clássica de Karl Mannheim como fio condutor, e pôr em perspectiva a experiência brasileira. Não há enfoque em uma geração específica | Teórica/ Interpretação teórica e comparativa, com base na revisão de literatura e dados secundários | Não aplicável (artigo teórico) | Não aplicável (artigo teórico) | Não aplicável (artigo teórico) | Contrapõe padrões públicos e republicanos do mundo europeu a padrões privados e mercantilizados no Brasil, discutindo transformações lentas no contexto brasileiro |

Fonte: Elaboração pelo próprio autor

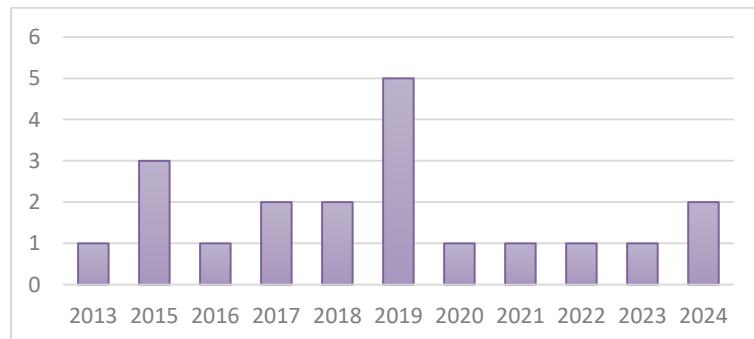
Apenas um artigo da amostra abordou coortes geracionais cuja identificação foi realizada a partir do contexto brasileiro. Isto demonstra que os estudos sobre gerações aplicados no Brasil têm se pautado pela classificação geracional predominante na literatura. Em outras palavras, ao investigar características de gerações no Brasil têm-se utilizado, majoritariamente, coortes de um suposto “padrão global”.

Conforme demonstrado na Figura 10, os artigos desta revisão estão distribuídos entre 2013 e 2024. Pode-se destacar os anos de 2019 como pico na quantidade de produções, seguido do ano de 2015. Apenas em 2014 não foi verificada ocorrência de publicação, desde então, há pelo menos uma publicação por ano. Percebe-se uma tendência de crescimento até 2019.

Porém, há um arrefecimento a partir do ano seguinte. Isto coincide com o início da pandemia de Covid, mas não há informações suficientes para estabelecer essa relação de causa e consequência. Na sequência, ocorre certa estabilização em relação ao volume do interesse acadêmico.

Figura 10

Artigos publicados por ano



Fonte: Elaboração pelo próprio autor

Observa-se que os trabalhos procuram correlacionar o conceito de gerações a diversos campos. Amiúde, elas aparecem como uma ferramenta facilitadora para identificar padrões e tendências que possam apoiar os segmentos alvo das investigações. Desta forma, a perspectiva geracional aparece como coadjuvante, aparelhando os estudos em substituição a divisões populacionais como as sociodemográficas.

Na Figura 11, pode-se visualizar os diversos temas que foram vinculados às gerações nas investigações. Destaca-se o tema carreira, presente em quatro dos estudos, o qual guarda

proximidade ao tema educação, presente em três. Na sequência, encontra-se: comportamento, sustentabilidade e consumo, 3 vezes cada.

Figura 11

Temática dos estudos



Fonte: Elaboração pelo próprio autor

A Tabela 9 apresenta uma síntese do delineamento dos estudos organizada por tipo de abordagem e ano de publicação. A coluna de abordagens metodológicas revela a frequência dos tipos de abordagem utilizados. A coluna técnicas de análises permite visualizar as principais técnicas por tipo dentre as abordagens. A última coluna, além dos instrumentos de coleta de dados, aponta se foram utilizadas escalas validadas e quais, e utilizaram-se dados primários ou secundários.

Os estudos quantitativos destacam-se em termos de frequência, 14 ocorrências (70%). Houve quatro ocorrências de estudos qualitativos (20%), enquanto apenas um estudo empregou metodologia mista e outro foi classificado como teórico. Essa distribuição indica um foco considerável na medição estatística dos fenômenos geracionais, com menor investimento em análises interpretativas e abordagens integradas.

Tabela 9*Abordagem metodológica, técnica de análise e instrumento de coleta de dados*

| Referência | Abordagem Metodológica | Técnica de análise | Instrumentos de Coleta de Dados |
|-------------------------------------|-------------------------|---|--|
| Cardoso (2015) | Teórica | Interpretação teórica e comparativa, com base na revisão de literatura. | Dados secundários. |
| Menetti, Kubo e Oliva (2015) | Quantitativa | Estatística descritiva, teste t, ANOVA | Questionário estrut. online Escala EBACO (Medeiros, 2003). |
| Silva et.al (2015) | Quantitativa | Análise fatorial confirmatória, regressão hierárquica e MANOVA; | Questionário Estrut.online, 55 itens em Escala validada (D'amato & Herzfeldt, 2008; Meyer & Allen, 1991). |
| Hsiao e Casa Nova (2016) | Quantitativa | Est. descritiva. Kruskal-Wallis, U de Mann-Whitney, ANOVA, post-hoc de Tukey | Questionário Estrut./ PVQ de Schwartz e no SCTI. |
| Cordeiro e Albuquerque (2017) | Quantitativa | Análise de clusters ;Teste qui-quadrado; Teste de Mann-Whitney | Questionário estruturado online, SurveyMonkey/Escala de Atitudes de Carreira S/ Front. e Carreira Proteana de Briscoe, Hall e DeMuth (2006). |
| Severo et.al (2017) | Quantitativa | Análise fatorial exploratória, regressão linear, ANOVA | Questionário estruturado online/ ; escala validada adaptada de Strauss & Howe (1991). |
| Severo, Guimarães e Dorion (2018) | Quantitativa | Modelagem de Equações Estruturais (SEM) com análise fatorial exploratória e confirmatória | Questionário estruturado online/ Escalas de Roberts e Bacon (1997), Vergragt et al. (2016), Peng e Liu (2016) |
| Tavares, Sawant e Ban (2018) | Quantitativa | Análise de Componentes Principais (ACP); estatísticas descritivas | Questionário estruturado e escala Likert. |
| Severo et.al (2019) | Quantitativa | Mod. Equações Estruturais (MEE) | Questionário estrut., online (bola de neve); Escalas de Roberts & Bacon (1997) e GRI (2015). |
| Tortorella et.al (2019) | Quantitativa | Análise de Cluster, Qui-Quadrado (χ^2) com Tabelas de Contingência | Questionário estruturado/ escala de Liker (2004). |
| Silva et. al (2020) | Quantitativa | SEM (SmartPLS), ANOVA, Mann-Whitney | Questionário estruturado, 41 itens, escalas de Ahearne et al. (2005), Rees et al. (2013), Barrick et al. (2015). |
| Barros, Melo e Farias (2021) | Quantitativa | Estatística descritiva, teste anova, teste t | Questionário estruturado online (SurveyMonkey) Escala validada de Queiroga, Borges-Andrade e Coelho Júnior (2015). |
| Rocha et. al (2023) | Quantitativa | ANOVA de Friedman; Modelagem de equações estruturais. | Eye-tracker; Questionários estruturados/ Escalas: Wojdynski et al. (2018); Rhee e Jung (2019). |
| Lima, Nery e Miranda (2024) | Quantitativa | Teste de Qui-Quadrado; | Questionário estruturado via LimeSurvey. |
| Purcini et. al (2024) | Quantitativa | ANOVA de medidas repetidas; | Questionário estruturado fechado/Escalas de Alwi & Kitchen (2014) e Noble & Schewe (2003). |
| Ostermann, Moyano e Laufer (2019) | Mista (quali. e quanti) | Análise fatorial com rotação Varimax; Anova; post hoc Dunnett C/ Análise de conteúdo | Questionários estruturado (adaptado das escalas de Alwi e Kitchen (2014) e Noble e Schewe (2003)) e entrevistas semiestruturadas. |
| Prado (2013) | Qualitativa | Análise descritiva e reflexiva baseada em registros etnográficos | Observação participante, caderno de campo, fotografias, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos. |
| Barcellos e Gil (2019) | Qualitativa | Análise indutiva, com categorização em quatro dimensões: modelo organizacional, prioridades de conteúdo, orientação técnica e princípios deontológicos. | Entrevistas Semiestruturadas; relatórios técnicos; questionários; diário de pesquisa; painéis de observação. |
| Melo, Faria e Lopes (2019) | Qualitativa | Análise temática com base nas dimensões de Hill (1993) | Entrevistas semiestruturadas. |
| Carvalho, Monteiro e Martins (2022) | Qualitativa | Análise qualitativa com categorização temática | Questionário online semiestruturado |

Fonte: Elaboração própria pelo autor

Os dados primários foram amplamente utilizados, 19 estudos coletaram informações diretamente dos participantes. Já os dados secundários foram empregados apenas em um estudo (Cardoso, 2015), sendo este essencialmente teórico e baseado em literatura pregressa. Isto sugere uma tendência nas pesquisas sobre gerações no Brasil de opção pela coleta direta, ao invés de recorrer a bases de dados existentes ou análises históricas aprofundadas.

Do ponto de vista empírico, há uma carência acentuada de estudos qualitativos. Contudo, dentre os instrumentos dos estudos qualitativos, destaca-se as entrevistas semiestruturadas (três ocorrências). Também observasse a utilização de análises baseadas em interpretação temática e em análise de conteúdo categorial.

O uso de observação participante e diário de pesquisa, embora presente, foi encontrado em apenas um estudo, indicando que abordagens etnográficas e reflexivas poderiam ser mais exploradas. Por outro lado, nota-se uma relevante ausência de coletas por discussão coletiva, como em grupos focais.

Quando consideradas investigações quantitativas, o questionário estruturado aparece em todas. Ele é o instrumento de pesquisa mais frequente, presente em 15 dos 20 estudos. Além disso, na maioria das vezes são utilizadas ou adaptadas escalas validadas. Esta perspectiva aponta para uma preocupação com a validade e confiabilidade das medições.

Técnicas de comparação entre grupos (ANOVA, Teste t, Teste de Mann-Whitney) são as mais utilizadas. A Modelagem de Equações Estruturais (SEM) vem crescendo, sendo um indicativo de sofisticação estatística. Além disso, há um uso moderado de análises fatoriais para validação de escalas e redução de variáveis. Métodos de segmentação como *clusters* são explorados, mas menos frequentes. Por fim, técnicas mais simples, como estatística descritiva, continuam sendo base para muitas pesquisas.

A seguir estão apresentadas as análises críticas das pesquisas. Conforme é possível visualizar na Tabela 10, os estudos qualitativos analisados obtiveram observações positivas para os itens Q1, Q2 e Q3. Eles também descreveram claramente como o trabalho de campo foi realizado (Q4). Esses elementos indicam uma estrutura bem delineada e rigor na apresentação dos procedimentos metodológicos. Isto que reforça a consistência das propostas dentro do escopo analisado e possibilita melhor replicabilidade.

A priori, nenhum estudo tem disponibilizado o item Q5. Por outro lado, a maioria dos estudos justifica diretamente os procedimentos de análise de dados (Q6: "Sim" na maioria). Contudo, há uma fragilidade no controle de qualidade e na validação cruzada dos achados em geral.

As evidências também apontam que análises por mais de um pesquisador (Q7) não têm sido amplamente adotada. Isto pode indicar fragilidade na confiabilidade dos achados e introdução de viés interpretativo. Mas, todos os estudos tiveram creditados os itens Q8 e Q9, o que reforça a validade interna dos estudos, indicando que há coerência entre os objetivos, métodos e conclusões.

Tabela 10

Avaliação crítica qualitativa - checklist para estudos do CEBMa
(Resposta: Sim, Não, Não se pode afirmar)

| REFERÊNCIA: Autor e data | Q1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 | Q6 | Q7 | Q8 | Q9 | Q10 |
|---|-----|-----|-----|-----|---------------------------|-----|---------------------------|-----|-----|-----|
| Prado (2013) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Sim | Não |
| Barcellos e Gil (2019) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não pode se afirmar | Sim | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Não |
| Melo, Faria e Lopes (2019) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Não |
| Ostermann, Moyano e Laufer (2019) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Não |
| Carvalho, Monteiro e Martins (2022) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Não | Sim | Sim | Não |
| Legenda: Q1. O estudo aborda uma questão ou problema claramente focado?/Q2. O método de pesquisa (desenho do estudo) é apropriado para responder à pergunta de pesquisa?/ Q3. O contexto foi claramente descrito? /Q4.Como o trabalho de campo foi realizado? Foi descrito em detalhes? Os métodos de coleta de dados foram claramente descritos?/Q5. As evidências (notas de campo, transcrições de entrevistas, gravações, análises documentais, etc.) poderiam ser inspecionadas independentemente por outros?/Q6. Os procedimentos de análise de dados são confiáveis e teoricamente justificados? Medidas de controle de qualidade foram usadas?/Q7. A análise foi repetida por mais de um pesquisador para garantir confiabilidade?/Q8. Os resultados são credíveis, e, se sim, são relevantes para a prática?/Q9. As conclusões são justificadas pelos resultados?/Q10. Os achados do estudo são transferíveis para outros contextos? | | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelo próprio autor baseado no checklist do Center for Evidence Based Management (2014).

Por fim, nenhum dos estudos afirma categoricamente que os resultados podem ser transferidos para outros contextos (Q10: "Não" em todos os casos). Tal evidência sugere que os estudos são altamente contextualizados. Embora isto reduza a aplicabilidade dos achados para além do contexto investigado, está coerente com suas propostas metodológicas.

Quanto aos estudos quantitativos analisados, conforme demonstrado na Tabela 11, no geral, eles demonstram uma base metodológica bem estruturada. Evidencia-se pela definição

clara do problema de pesquisa e a adequação dos métodos utilizados. Além disso, a seleção dos sujeitos foi descrita de forma precisa, garantindo um delineamento rigoroso das amostras.

Esses aspectos refletem um compromisso com a coerência metodológica e a transparência na condução das pesquisas, o que contribui para a confiabilidade dos resultados apresentados. Todos os 14 estudos analisados quantitativos (100%) atenderam a esses critérios fundamentais (Q1, Q2 e Q3), reforçando a consistência metodológica.

Tabela 11

Avaliação crítica de pesquisas quantitativas - checklist para estudos transversais (survey) do CEBMa (Resposta: Sim, Não, Não se pode afirmar).

| REFERÊNCIA (Autor e data) | Q1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 | Q6 | Q7 | Q8 | Q9 | Q10 | Q11 | Q12 |
|-------------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|---------------------------|---------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|
| Menetti et al. (2015) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Silva et al. (2015) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Hsiao e Casa Nova (2016) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Cordeiro e Albuquerque (2017) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Não | Sim | Sim |
| Severo et al.(2017) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Não | Sim | Sim |
| Severo, et al. (2018) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Sim |
| Tavares et al.(2018) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Não | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Ostermann et al. (2019) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Severo et al. (2019) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não pode se afirmar | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Tortorella et al. (2019) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Sim |
| Silva et al. (2020) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Barros et al., (2021) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Não | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Rocha et al., 2023 | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Sim |
| Lima et al.,(2024) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Não | Não | Sim | Sim | Não | Sim | Não |
| Purcini et.al (2024) | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Sim | Sim | Sim | Não | Sim | Não |

Legenda: Q1. A pesquisa aborda uma questão/problema claramente definido?/ Q2. O método de pesquisa é apropriado para responder à pergunta de pesquisa?/ Q3. O método de seleção dos sujeitos está

| REFERÊNCIA (Autor e data) | Q1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 | Q6 | Q7 | Q8 | Q9 | Q10 | Q11 | Q12 |
|---|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|
| claramente descrito?/ Q4. A forma como a amostra foi obtida poderia introduzir viés de seleção?/ Q5. A amostra é representativa em relação à população à qual os resultados serão referidos?/ Q6. O tamanho da amostra foi baseado em considerações prévias de poder estatístico?/ Q7. Foi alcançada uma taxa de resposta satisfatória?/ Q8. As medições (questionários) são provavelmente válidas e confiáveis?/ Q9. A significância estatística foi avaliada?/ Q10. Intervalos de confiança foram fornecidos para os principais resultados?/ Q11. Poderia haver fatores de Risco de viés e/ou má interpretação não considerados?/ Q12. Os resultados podem ser aplicados à sua organização? | | | | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelo próprio autor baseado no checklist do Center for Evidence Based Management (2014).

No entanto, a análise revela que nenhuma das pesquisas afirma contar com uma amostra representativa da população-alvo. Além disso, a maioria dos estudos (10 de 14) não realizou cálculos prévios de poder estatístico para definir o tamanho da amostra (Q6). Essa limitação metodológica sugere a necessidade de maior rigor na determinação dos participantes, de forma a garantir inferências mais precisas e representativas.

A ausência de representatividade e de cálculos de poder estatístico pode comprometer a validade externa dos achados e restringir sua aplicabilidade a um contexto mais específico. A taxa de resposta dos estudos avaliados apresenta variação, sendo satisfatória em 7 de 14 casos (50%), mas não de maneira unânime (Q7).

Por outro lado, os instrumentos de coleta de dados, como questionários e escalas, foram amplamente validados, garantindo confiabilidade e consistência em todos os trabalhos analisados (14 de 14, 100%; Q8). Esse cuidado metodológico é um ponto positivo, pois assegura que os dados coletados sejam robustos, reduzindo possíveis vieses no levantamento das informações e aumentando a credibilidade dos resultados obtidos.

Outro aspecto relevante é que todos os estudos consideraram a significância estatística ao avaliar seus resultados (Q9), reforçando a precisão analítica. Entretanto, nenhum dos estudos forneceu intervalos de confiança para os principais achados (Q10), o que pode comprometer a transparência e dificultar uma avaliação mais precisa das estimativas.

Essa ausência de intervalos de confiança sugere a necessidade de maior detalhamento estatístico para fortalecer a clareza dos resultados apresentados e permitir uma avaliação mais confiável da magnitude dos efeitos observados. Por fim, há uma questão sobre a aplicabilidade prática dos achados, já que a maioria dos estudos não garante sua transferência para organizações e contextos diversos (11 de 14, 79%; Q12).

Esse fator sugere que muitos resultados podem permanecer restritos ao meio acadêmico, sem uma conexão clara com a realidade organizacional. Essa limitação indica

uma oportunidade para futuras pesquisas ampliarem o escopo de suas análises, incorporando abordagens que favoreçam a aplicabilidade dos achados no campo prático.

Especificidades brasileiras

As associações de gerações a variáveis específicas realizadas nos estudos coletados entregaram resultados relacionados às classificações tradicionais americanas. Apesar de em alguns casos não ser o foco dos estudos, por vezes sinalizaram características que atribuíram às gerações.

Tabela 12*Matriz: variáveis x especificidades geracionais*

| REFERÊNCIA | Variáveis relacionadas às Gerações | Resultados Baby Boomers | Resultados Geração X | Resultados Geração Y | Resultados Geração Z | Resultados Geração Alpha |
|-------------------------------------|--|--|--|--|--|---|
| Barcellos e Gil (2020) | Tecnologias digitais e carreira | | | | Não corresponde a "nativos digitais". Acesso desigual à tecnologia e letramento | |
| Barros, Melo e Farias (2021) | Desempenho e trabalho remoto/covid 19 | | Melhor desemp. e adaptação ao home-office do que gerações Y e Z. | Desempenho abaixo da Geração X, apesar da familiaridade com tecnologia. | Menor desempenho e adaptação ao home-office, apesar da alta conectividade digital. | |
| Cardoso (2015) | Papel do Estado e do mercado na socialização | | Marcada pela ausência de padrão estruturado de ascensão social | Crescimento da escolarização, imobilidade social e mercado de trabalho precarizado | Marcada por desigualdades intergeracionais, e informalidade trabalhista | |
| Carvalho, Monteiro e Martins (2022) | Tecnologias digitais, ensino da Geração Alpha e carreira | Influência de valores tradicionais | Aponta dificuldades de adaptação | Reconhece avanços tecnológicos, mas com desafios no ensino digital | Forte identificação com tecnologias digitais, mas dificuldades na formação docente | hiperconectada, dinâmicos e interativos |
| Cordeiro e Albuquerque(2017) | Carreira proteana | | | Elevada adoção de atitudes de carreira proteana, mas, não é homogênea. | | |
| Hsiao e Casa Nova (2016) | Carreira | | | Valoriza autonomia, criatividade e flexibilidade. Prioriza segurança e estabilidade, não prestígio. | | |
| Lima, Nery e Miranda (2024) | Previdência | | | Mais de 90% se preocupa com aposentadoria; mas, baixa adesão à prev.complementar | | |
| Melo, Faria e Lopes (2019) | Carreira e gênero feminino | Valorização da disciplina, estabilidade e lealdade. Enfatizam responsabilidade e visão estratégica | Desenvolveram autonomia, pragmatismo e adaptabilidade. Valorizam empregabilidade e não estabilidade | Buscam crescimento rápido, flexibilidade e desafios Preferem propósito e realização pessoal, aprendizado contínuo e inovação | | |
| Menetti, Kubo e Oliva (2015) | Comprometimento e valores organizacionais | | | Baixo comprometimento, alto desempenho e rotatividade | | |
| Purcini et al. (2024) | Consumo e publicidade. | | | | Baixa familiaridade e envolv.com vinhos e se baseia no país de origem do produto. | |
| Rocha et al., (2023) | Publicidade digital. | | | | Valoriza transparência e ética. | |
| Severo et al. (2017) | Sust. ambiental (ESA), Práticas amb. (EP), Consumo sustent. (SC) | Maior preocupação com ESA e menor engajamento EP | Intermediário entre reflexão ESA e EP. Priorizam estabilidade e qualidade de vida. | Maior EP e SC, influenciada por tecnologia e redes sociais. | | |
| Severo et al. (2019) | Consciência ambiental, resp. social, redes sociais | Maior responsabilidade social | Maior responsabilidade social, equilíbrio profissional e pessoal | Menor engajamento em questões socioambientais, apesar conectividade | | |
| Severo, Guimarães e Dorion (2018) | Consciência Ambiental, Prod. Limpa, Resp. Social, Eco-inovação | Maior percepção das práticas sustentáveis | Percepção intermediária das práticas sustentáveis | Menor percepção das práticas sustentáveis | | |
| Silva et al. (2015) | Comprometimento organizacional | Valorizam significado do trabalho e resp. social. Priorizam estabilidade/ identificação com a org. | Focam aprendizado, estabilidade e crescimento. Ceticismo em relação a empresas devido a experiências de reestruturação | Valorizam equilíbrio trabalho-vida, aprendizado, relações interpessoais autonomia e flexibilidade. Menos comprometimento do que outras gerações. | | |
| Silva et al. (2020) | Liderança, engajamento,e desempenho | | | Demonstram ansiedade, contestação e insubordinação. Valorizam aprendizado e equilíbrio vida/trabalho | | |
| Tavares, Sawant e Ban (2018) | Preferências de viagem | | | | Preferência por turismo de sol e mar, itinerários predefinidos, WiFi e preço | |
| Tortorella et al., (2019) | Produção enxuta (LP) e valores | | Não associação significativa com a adoção de LP | Há dificuldades para alinhar seus valores à LP | Maior propensão a LP, independentemente da experiência | |

Fonte: Elaboração pelo próprio autor

Os principais resultados estão compilados e demonstrados na Tabela 12. Na primeira coluna estão as referências, posicionadas em ordem alfabética. Na segunda, estão listadas as variáveis utilizadas nos estudos para examinar as gerações. Da terceira à sétima coluna estão sintetizados os principais resultados por geração.

A disposição segue uma matriz em que as colunas representam as gerações (*Baby Boomers, X, Y, Z e Alpha*) e as linhas indicam os temas investigados nos artigos revisados. As informações foram organizadas para destacar padrões e contrastes entre as gerações. Cada estudo contribui com uma variável específica (tecnologia, carreira, sustentabilidade, consumo, previdência etc.), permitindo visualizar diferenças e semelhanças ao longo do tempo.

A Tabela 13, na sequência, reúne características das gerações que se diferenciam das classificações internacionais. Ela é segmentada por geração, apresentando observações que contrastam com a literatura predominante. Isto permite uma observação crítica, evidenciando como fatores históricos, econômicos e sociais influenciam o comportamento das gerações no Brasil. Em vez de apenas listar traços típicos, ela destaca desvios e particularidades nacionais.

Em seguida, a tabela 14 sistematiza os principais argumentos críticos ao uso das tipologias geracionais internacionais no contexto brasileiro. As colunas mantêm a divisão por geração, enquanto as linhas reúnem diferentes tipos de críticas. O objetivo dessa tabela é demonstrar limitações da categorização global quando aplicada ao Brasil. As críticas estão organizadas de modo a destacar como fatores como desigualdade, informalidade e contexto político alteram a experiência geracional.

Tabela 13*Características divergentes a literatura internacional*

| Geração | Baby Boomers | Geração X | Geração Y (Millennials) | Geração Z | Geração Alpha |
|--|--|---|--|--|--|
| Características Divergentes reportadas na literatura brasileira | Participavam em movimentos sociais e resistência à ditadura militar no Brasil, diferenciando-se da americana (Carvalho et al., 2022). Maior engajamento em questões sociais. Valorizam o significado do trabalho e a responsabilidade social empresarial. (Melo et al., 2019); Severo et al., 2017; Severo et al., 2018; Severo et al., 2019; Silva et al., 2015; Silva et al., 2020). | Identificou-se características como: criatividade, autoconfiança e busca pela liberdade. Apresentou a maior percepção de desempenho no home-office. (Barros et al., 2021). Priorizam aprendizado, desenvolvimento e estabilidade profissional, pois, testemunharam o fim da ditadura militar e cresceram em meio à instabilidade econômica dos anos 1980 e começo dos anos 90. (Severo et al., 2017; Severo et al., 2018; Severo et al., 2019; Silva et.al, 2015; Melo et al., 2019). | A classificação americana assume um grupo coeso e digitalmente integrado, no Brasil, não é um bloco homogêneo (Cordeiro & Albuquerque, 2017). Segundo Lima et al., (2024), são retratados como imediatistas e um pouco preocupados com o futuro, porém, o seu estudo contesta essa visão ao mostrar que mais de 90% de sua amostra se preocupam com a aposentadoria. Hsiao e Casa Nova (2016) apontam a valorização da autonomia, criatividade e flexibilidade no trabalho, diferenciando-se de estudos internacionais que enfatizam a busca por status e ascensão rápida. trabalhar em equipe ou envolver-se em causas comunitárias, tiveram impacto menor, divergindo da literatura. Fatores financeiros e de segurança no emprego ainda são relevantes para essa geração, o que também demonstra preocupação com o futuro. Mas, a reputação da profissão é percebida de forma distinta. É caracterizada por sua alta mobilidade de trabalho decorrente da insegurança do mercado. (Barros et al., 2021; Melo et al., 2019;(Menetti, et al., 2015; Silva et al., 2015). Menor engajamento em questões socioambientais, apesar da alta conectividade. (Severo et al., 2018; Severo et al., 2019; Tortorella et al. 2019). | A geração Z demonstrou habilidades digitais, mas, necessita de educação adicional direcionada. Assim, não correspondem integralmente ao conceito de "nativos digitais", usualmente atribuído a ela. Preferem modelos horizontalizados e deliberativos, narrativas simplificadas (Barcellos & Gil, 2019). Há forte engajamento em movimentos sociais e lutas por diversidade e inclusão (Carvalho et al., 2022). Rocha et al., (2023) destaca que a Geração Z brasileira valoriza a ética e a transparência, diferenciando-se de padrões globais. | Há hiperconectividade, porém, associada a deficiências e desigualdades educacionais (Carvalho et al., 2022). |

Fonte: Elaboração pelo próprio autor

Tabela 14

Principais Críticas quanto ao uso da classificação norte-americana no Brasil

| Geração | Baby Boomers | Geração X | Geração Y (Millennials) | Geração Z | Geração Alpha |
|---|--|--|--|---|---|
| Principais Críticas quanto ao uso da classificação no Brasil | O Brasil não teve uma experiência de <i>boom</i> populacional, ciclo de prosperidade e estabilidade socioeconômica divulgada nos EUA e na Europa no pós-guerra (Cardoso, 2015). A transição brasileira para a modernidade foi marcada pela urbanização acelerada e pelas desigualdades estruturais (Cardoso, 2015). Também foi marcada por lutas políticas (Carvalho et al., 2022). A Classificação baseada no contexto americano não leva em conta fatores locais como o impacto da ditadura e da industrialização tardia (Carvalho et al., 2022; Severo et al., 2019; Silva et.al, 2015; Silva et.al, 2020). | A transição da Geração X no Brasil foi muito mais marcada pela informalidade e pela ausência de políticas públicas estruturadas, o que dificulta a comparação com o modelo americano (Cardoso, 2015; Silva et al., 2015; Silva et al. 2020). Crescimento em período de transição política e hiperinflação, com desafios econômicos distintos dos americanos (Carvalho et al., 2022). | O uso da classificação americana ignora o impacto da desigualdade social na experiência da geração brasileira (Cordeiro & Albuquerque, 2017; Barros et al., 2021; Hsiao & Casa Nova, 2016; Menetti et al, 2015; Silva, et al. 2015). No Brasil, o ensino superior e o trabalho formal não garantem mais ascensão social e são precarizados (Cardoso, 2015). Assim como o acesso à educação financeira é (Lima et al.,2024). Há a experiência com estabilidade econômica durante o Plano Real e ascensão do Brasil nos BRICs. Porém, sinaliza-se padrões internos de consumo desiguais. Isto representa contexto diferente (Carvalho et al. 2022; Severo et al., 2017). | Questiona-se sobre a aplicação do conceito de "nativos digitais" de Prensky (2001) à realidade brasileira, pois os estudantes apresentaram diferenças no acesso à tecnologia. Reporta-se a necessidade de considerar desigualdades sociais, de infraestrutura e de acesso à tecnologia (Barcellos & Gil, 2019; Cardoso, 2015; Carvalho et al., 2022). | O conceito de Geração Alpha global não considera diferenças de acesso e impactos das desigualdades educacionais e tecnológicas no Brasil (Carvalho et al., 2022). |

Fonte: Elaboração pelo próprio autor

As tabelas apresentadas evidenciam que a aplicação de classificações geracionais internacionais deve ser feita com cautela, pois há diferenças substanciais na forma como cada grupo vivencia fatores como trabalho, tecnologia, consumo e valores socioculturais. Além disso, as características atribuídas a cada geração nem sempre se manifestam de maneira homogênea, sendo influenciadas por desigualdades estruturais e transformações locais. As críticas ao enquadramento tradicional reforçam a necessidade de interpretações que levem em conta especificidades nacionais, evitando generalizações que desconsiderem as dinâmicas próprias da sociedade brasileira.

DISCUSSÃO

As evidências reportadas pelos estudos encontrados demonstram que, embora seja possível identificar aspectos recorrentes, há variações significativas dentro de cada coorte. Isto é, diferenças intrageracionais, como as demonstradas na Tabela 13. Isso significa que, mesmo dentro de uma coorte geracional, os indivíduos não compartilham necessariamente as mesmas experiências, comportamentos ou condições socioeconômicas, pois fatores como classe social, acesso à educação e desigualdade regional influenciam suas trajetórias.

Gerações mais jovens demonstram forte envolvimento digital, mas não necessariamente isso se traduz em melhor desempenho, aquisição de competência ou maior comprometimento, por exemplo. Há também desafios intergeracionais, como a precarização do trabalho e o impacto de desigualdades sociais.

As evidências apresentadas na tabela 14 enfatizam que as gerações brasileiras apresentam traços distintos em relação às descrições internacionais. Os *Baby Boomers* foram politicamente mais engajados, enquanto a Geração X enfrentou um contexto de instabilidade econômica que influenciou suas preferências profissionais. A Geração Y, embora caracterizada como digitalmente fluente e imediatista, demonstra preocupações com estabilidade financeira e aposentadoria, desafiando estereótipos. A Geração Z valoriza transparência e ética, mas enfrenta barreiras educacionais. E, embora hiperconectada, a Geração Alpha sofre com desigualdades estruturais.

Adicionalmente, a Tabela 14 reúne críticas à aplicação direta da classificação geracional americana ao Brasil. O conceito de Baby Boomers, por exemplo, não se aplica da mesma forma, pois o país não viveu um ciclo de prosperidade similar ao dos EUA, na época. A experiência da Geração X foi marcada pela informalidade e falta de políticas estruturadas. Para a Geração Y, o trabalho formal não é mais garantia de ascensão social. A Geração Z, por sua vez, não pode ser considerada "nativa digital" sem sopesar desigualdades de acesso. Já a Geração Alpha cresce em um cenário de hiperconectividade, mas também de desafios educacionais.

Outra vertente a ser ponderada é que aparentemente o papel da educação tem sido historicamente negligenciado no processo de construção do conceito de gerações e do período de socialização, podendo ter relevância, se não como um fator protagonista da formação da identidade geracional, ao menos como um elemento moderador deste processo. Isto visto que as pessoas tendem a conviver por mais tempo com seus educadores e com o espaço das escolas do que com seus pais, antes de ingressar no ambiente de trabalho (Prado, 2013).

Há estudos internacionais que criticam a ideia de que as classes geracionais utilizadas genericamente são coortes homogêneas (Ravid, Costanza & Romero, 2024). Argumenta-se que se experiências compartilhadas em determinados períodos realmente criassem coesão entre indivíduos de uma mesma geração, deveria haver redução da variabilidade dentro dessas coortes, e esta redução ainda não foi verificada (Costanza et al., 2021).

Em uma compreensão convergente a esta vertente teórica, a presente revisão dos estudos brasileiros encontrados sinaliza que as classes geracionais americanas não são homogêneas ao contexto brasileiro. Há evidências de eventos relevantes e características geracionais divergentes àqueles usualmente atribuídos à classificação americana.

Por outro lado, asseveram-se argumentos de que variações nos padrões comportamentais, como a motivação, não são explicados por efeitos de geração (Mckercher, 2023). As demonstrações da presente revisão colaboram ao expor que um dos motivos das fragilidades apontadas sobre perspectivas geracionais está na subestimação de fatores geopolíticos e socioeconômicos nos processos de concepção e análises das geracionais.

Neste sentido, aponta-se a fragilidade da perspectiva geracional devido ao atual impasse metodológico e conceitual de dissociação dos efeitos de idade, período e coorte (Costanza et al., 2017; Costanza, Rudolph & Zacher, 2023). Adicionalmente, aponta-se evidências contundentes de que fenômenos como a motivação para o trabalho variam conforme o ciclo de vida (efeitos de idade) e transições históricas que afetam igualmente a coletividade (efeitos de período) (Schröder, 2024).

Embora esta crescente corrente teórica, os estudos brasileiros encontrados nesta revisão ainda não se ocuparam do exercício estatístico de separação destes efeitos. Por vezes, as coortes geracionais apenas são invocadas para substituir variáveis demográficas na definição de sua amostra/corpus, com pouco aprofundamento de discussões comparativas ou reflexões quanto à pertinência da aplicação das classes.

No entanto, ainda não se pode negar indubitavelmente a aptidão holística do conceito de gerações para estudar fenômenos sociais. Mais ainda, um dos fatores da incompletude dos resultados em análises geracionais está no estreitamento da aplicação de seu conceito. Estes fatores representam lacunas na literatura focada no Brasil em termos de aprofundamento teórico frente aos desdobramentos contemporâneos.

Deste prisma, é possível depreender que uma mudança de perspectivas sobre o tema, no cenário brasileiro, pode causar também desafios práticos em campos como o da gestão de pessoas. Outra instância latente a estas circunstâncias do trabalho científico reside no desafio

de desenvolver composições metodológicas adequadas para incursões em um país com grandes desigualdades regionais e sociais.

Por outro lado, as constatações apontadas por esta revisão demonstram a urgente necessidade de atenção dos cenários geopolíticos e socioeconômicos no processo de classificação de gerações. Além disso, pode-se afirmar que a aplicação das classes geracionais americanas de forma genérica constitui-se inadequada. Estas conclusões coadunam a compreensão de que a classificação de gerações deve ser realizada conforme o contexto de cada sociedade (Peretz, Fried & Parry, 2022).

Neste sentido, podemos destacar sua consonância com as constatações nascentes de autores como Rocha-de-Oliveira et al., (2012), que refletiram sobre a existência ou não de uma geração Y no Brasil. Uma das maiores críticas às evoluções da teoria geracional estão em uma suposta miopia na consideração dos elementos que constituem as coortes (Aboim & Vasconcelos, 2014). Não seria a geração Alpha, por exemplo, uma concepção exageradamente pautada nas influências das tecnologias digitais, em detrimento de outras dimensões igualmente relevantes?

Esse ponto convida a repensar a rigidez e a linearidade de algumas faces das construções teóricas sobre gerações. Bem como, uma demanda pela adoção de um modelo mais dinâmico e contextualizado para o Brasil, onde os limites entre gerações são mais permeáveis. Isso pode abrir espaço para uma análise mais inclusiva e representativa das realidades.

Iniciativas de Classificação Geracional Brasileiras

O Brasil já possui iniciativas de pensar as gerações brasileiras de forma contextualizada. Entretanto, apesar deste movimento de descolonização intelectual no uso de padrões internacionais culturalmente institucionalizados (Cardoso, 2015; Rocha-de-Oliveira et al., 2012), estudos brasileiros ainda têm dedicado energia e recursos preciosos a explorar a aplicação da classificação geracional concebida para outro país.

Ainda que haja duras críticas quanto a generalização infundada pelo uso de uma classificação geracional predominante na literatura (Costanza et al., 2017; Peretz, Fried & Parry, 2022), ela permanece utilizada como padrão referência. Há uma necessidade urgente de se colocar em tela as gerações brasileiras, sob pena do fatídico desperdício de patrimônio científico.

Dentre as estas iniciativas, Silva et al. (2015) propuseram de delimitações geracionais ajustadas ao Brasil. Suas delimitações de coorte são: *Baby Boomers* (1946-1964), marcados pelo pós-guerra e o auge da industrialização; Geração X (1965-1985), caracterizada pela transição do regime militar para a redemocratização e pelo período de instabilidade econômica; e Geração Y (1986 em diante), moldada pela globalização, consolidação da democracia e avanços tecnológicos no Brasil.

Com base nas delimitações temporais propostas, identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as gerações em todos os nove constructos analisados. Além disso, o modelo de mensuração mostrou índices de ajuste adequados, confirmando a validade dos nove constructos.

Ostermann et al., (2019) utilizou classes nacionais a fim de nortear a comparação intergeracional, diferentes gerações foram retiradas, adaptadas, compiladas e descritas com base em autores que estudaram coortes geracionais no contexto brasileiro. Apontou também eventos históricos relevantes e ponderações. As classes foram: Otimismo (1937-1950), Anos de Ferro (1951-1962), Década Perdida (1963-1974), Individualismo (1975-1992) e Pós 1992 (1993 em diante), associando-as a eventos como o regime militar, crises econômicas e avanços tecnológicos.

As principais referências utilizadas para esta classificação são: Ikeda et al.,(2008): Identificação de coortes baseadas em eventos históricos no Brasil; Ikeda e Feitosa (2011): Discussão sobre segmentação de mercado com base em coortes; Motta e Schewe (2008): Proposição de coortes geracionais brasileiras associadas a eventos socioeconômicos; e Schewe e Meredith (2004): Segmentação brasileira baseada em coortes geracionais, destacando motivações por idade e eventos históricos.

Por fim, Milhome e Rowe (2020) propuseram uma classificação geracional brasileira baseada em eventos históricos marcantes. Sendo elas: Geração nacionalista (1910 a 1929); Geração pré-ditadura (1930 a 1943); Geração reprimida (1944 a 1958); Geração Diretas (1959 a 1968); Geração Hiperinflação (1969 a 1978); Geração Social (1979 a 1991); Geração 4.0 (1992 a 2004).

Cardoso (2015) se propôs a uma reflexão teórica sobre as transformações sociais, trazendo à luz o cenário brasileiro. Sinalizou que a gênese dos pensamentos de Mannheim foi contemporânea a ascensão do nazismo, fascismo, totalitarismos e segunda guerra mundial, e que isso o teria feito ponderar seus pensamentos, e atentar para os conflitos geracionais.

Ele teceu considerações críticas ao que visualizou como viés normativo e funcionalista da teoria clássica, pautado em uma demanda por controle e orientação para

assegurar a preservação da ordem social, em detrimento à capacidade transformacional das gerações mais novas. Assim, constituiu-se negligências aos impactos da cisão de classes, além de questões de raça e gênero.

Neste sentido, a ideia de uma transição geracional ordenada e previsível, contrasta com as experiências históricas de contestação juvenil da realidade brasileira. Sociedade transpassada pela precariedade, informalidade e modernização tardia. Em suas considerações Cardoso (2015) sinaliza o Estado como distante e pouco efetivo nas transições sociais da maior parcela dos brasileiros.

Lacunas

Para além do supracitado descompasso relativo a comparativos entre efeitos de coortes geracionais, período, idade e ciclo de vida, a literatura sobre gerações brasileiras carece de estudos que se arvorem a refletir o conceito de gerações e os métodos utilizados para explorá-las. As classificações geracionais brasileiras ainda são respaldadas por poucos estudos, padecem de baixa adesão. Elas necessitam ser exploradas, aprofundadas, aprimoradas e aplicadas em estudos comparativos, inter e intrageracionais. É vital uma rede de cooperações acadêmicas mais engajadas. Isto promoverá amadurecimento teórico/científico ao campo.

Por outro lado, os estudos encontrados e examinados, não obtiveram volume amostral e dados representativos. Nota-se ainda, fragilidades metodológicas como imprecisões nas informações de delimitação geográfica e sociodemográfica das investigações. O que dificulta posteriores agrupamentos e cruzamentos dos achados. Cabe o empenho pelo aprimoramento do rigor acadêmico no campo.

Esta revisão também acusa um largo território inexplorado referente às diversidades culturais, sociais e regionais do país na pauta das gerações. Uma agenda extensa e desafiadora. Diante do exposto o campo das gerações brasileiras ainda é incipiente e demanda investigações destes cenários de forma estruturada e contínua, bem como estudos longitudinais (demanda global).

Há uma necessidade de cuidar da seleção e detalhamentos dos fatores sociodemográficos a fim de promover alicerce a desenvolvimentos pontuais que possam ser acoplados ao delineamento do perfil geracional nacional, de modo a amparar comparativos para além dos interesses específicos de cada estudo. Outra vertente passível de desdobramentos é o olhar para as gerações entre o setor público e privado brasileiros.

Aliás, a pauta sobre políticas públicas no país que contemplem a diversidade de gerações, a justiça intergeracional e a sustentabilidade em campos como a assistência, a educação e a saúde, também despontam como um fator de grande relevância social. Grande iceberg, o qual apenas a primeiras faces de seu cume foram desbravadas, muito embora os esforços presentes na comunidade acadêmica.

Limitações do estudo

Esta revisão foi conduzida com bases nos estudos disponíveis nas fontes de dados selecionadas. Isto pode ter excluído trabalhos relevantes publicados em outras fontes, como periódicos não indexados nestas plataformas. O período de análise, a partir de 2013, limitou a inclusão de estudos anteriores, o que poderia ampliar a abrangência. E, embora os critérios de elegibilidade tenham buscado garantir consistência na seleção dos estudos, excluiu potenciais investigações interdisciplinares de outras áreas, com a de saúde, o que também poderia enriquecer a discussão.

Por outro lado, a revisão revelou uma forte predominância de abordagens quantitativas, porém, os artigos analisados apresentam limitações em termos de representatividade da população brasileira. Nenhum estudo revisado afirma contar com amostra estatisticamente representativa, a maioria das amostras são não probabilísticas e há ausência de cálculos prévios de poder estatístico, o que restringe a capacidade de generalização dos achados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo mapear e analisar as evidências dos estudos das gerações brasileiras, e identificou suas principais contribuições, lacunas e tendências. Embora a investigação tenha constatado um crescimento do volume das pesquisas do campo no Brasil ao longo da última década, a maioria dos estudos analisados aborda classes geracionais dos EUA. Isto acusa uma forte vinculação à referência estrangeira.

Dentre os resultados obtidos na investigação, foi elaborada uma matriz “variáveis X especificidades geracionais”, a qual permitiu demonstrar que há variações intrageracionais importantes. Ademais, foi feito o cruzamento destes dados e demonstradas as características brasileiras divergentes da literatura internacional, organizadas por geração. Culminou-se na apresentação de avaliações críticas quanto à utilização da classificação norte-americana no Brasil.

As evidências apontam que os eventos históricos e as condições geopolíticas e socioeconômicas ímpares do Brasil produzem padrões geracionais distintos dos observados em países desenvolvidos. Essas particularidades revelam a inadequação da aplicação de classes geracionais de outros países.

Diante dessas constatações, este estudo recomenda fortemente a adoção, desenvolvimento, e aprimoramento de classificação geracional concebida a partir do contexto brasileiro. Tais resultados representam uma mudança de paradigmas para o campo no Brasil. Assim, emerge um universo de possibilidades inexploradas, tanto do ponto de vista teórico como prático.

A presente investigação foi conduzida com base nos dados disponíveis nas fontes selecionadas e teve um recorte de período entre 2013 e a data de coleta dos dados. Isto pode ter limitado seu alcance, no sentido de não ter incluído algum estudo relevante em fontes distintas. Entretanto, suas ponderações diante dos estudos encontrados são alarmantes.

O campo das gerações no Brasil ainda é incipiente e demanda um esforço acadêmico coletivo para consolidar um corpo teórico robusto e metodologicamente refinado. Adicionalmente, é essencial que futuras pesquisas adotem metodologias mais diversificadas e rigorosas. Somente por meio de um olhar crítico e situado será possível compreender com maior precisão os fenômenos geracionais no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Aboim, S., & Vasconcelos, P. (2014). From political to social generations: A critical reappraisal of Mannheim's classical approach. *European Journal of Social Theory*, 16(1), 106–123. <https://doi.org/10.1177/1368431012459696>
- Aromataris, E., Lockwood, C., Porritt, K., Pilla, B., & Jordan, Z. (Eds.). (2024). *JBI manual for evidence synthesis*. JBI. <https://synthesismanual.jbi.global>. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-24-01>
- Barcellos, Z., & Gil, P. (2019). Generation Z journalists: What to expect from them in times of media degradation. *Medijske Studije/Media Studies*, 10(20), 50–68
- Barros, M. J. F., Melo, P., & Farias, C. S. S. (2021). Perception of work performance in home-office mode: Comparison among different generations in Brazil. *RISUS – Journal on Innovation and Sustainability*, 12(3), 41–47.
- Bērziņš, J., & Pajuste, A. (2024). Family firm successions: First-generation transitions in Latvia. *Finance Research Letters*, 64, 105410. <https://doi.org/10.1016/j.frl.2024.105410>
- Braga, A. (2019). O “ser filho de imigrante” na vida social dos jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 9(2), 379-399. <https://doi.org/10.4322/2316-1329.097>
- Braga, J., Santos, T., Shadman, M., Silva, C., Tavares, L. F. A., & Estefen, S. (2022). Converting offshore oil and gas infrastructures into renewable energy generation plants: An economic and technical analysis of the decommissioning delay in the Brazilian case. *Sustainability*, 14(13783). <https://doi.org/10.3390/su142113783>
- Cardoso, A. (2015). Metamorfoses da questão geracional: O problema da incorporação dos jovens na dinâmica social. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, 58(4), 875–911.
- Carvalho, R. N., Monteiro, C. E. F., & Martins, M. N. P. (2022). Challenges for university teacher education in Brazil posed by the Alpha Generation. *Research in Education and Learning Innovation Archives*, (28), 76–90.
- CEBMA. (2014). Critical Appraisal Checklist for a Qualitative Study. [Online]. Available: <https://cebma.org/wp-content/uploads/Critical-Appraisal-Questions-for-a -Qualitative-Study-July-2014-1.pdf> a
- CEBMA. (2014). Critical Appraisal Checklist For Cross-Sectional Study. [Online]. Available: <https://cebma.org/wp-content/uploads/Critical- Appraisal-Questions-for-a -Cross-SectionalStudy-July-2014-1.pdf> b
- Costanza, D. P., Darrow, J. B., Yost, A. B., & Severt, J. B. (2017). A review of analytical methods used to study generational differences: Strengths and limitations. *Work, Aging and Retirement*, 3(2), 149–165. <https://doi.org/10.1093/workar/wax002>

- Costanza, D. P., Ravid, D. M., & Slaughter, A. J. (2021). A distributional approach to understanding generational differences: What do you mean they vary? *Journal of Vocational Behavior*, 127, 103585. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2021.103585>
- Costanza, D. P., Rudolph, C. W., & Zacher, H. (2023). Are generations a useful concept? *Acta Psychologica*, 241, 104059. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2023.104059>
- Codato, A. N. (2005). Uma história política da transição brasileira: Da ditadura militar à democracia. *Revista de Sociologia Política*, 25, 83–106.
- Cordeiro, H. T. D., & Albuquerque, L. G. (2017). Career profiles of Generation Y and their potential influencers. *BAR - Brazilian Administration Review*, 14(3).
- Costa Júnior, F. M., & Couto, M. T. (2015). Geração e categorias geracionais nas pesquisas sobre saúde e gênero no Brasil. *Saúde e Sociedade*, 24(4), 1299-1315. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015140408>
- Creswell, J.W. & Creswell, J.D. (2017) *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. Newbury Park: Sage
- DeCS/MeSH. (n.d.). *Generation*. Retrieved from https://decs.bvsalud.org/ths/?filter=ths_termall&q=generation&pg=1
- Dimock, Michael (2019) Defining generations: Where Millennials and Generation Z begins. *Pew Research Center*. <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/> (03/07/2019).
- Domingues, J. M. (2002). *Gerações, modernidade e subjetividade coletiva*. *Tempo Social*, 14(1), 67-89.
- Duh, H., & Struwig, M. (2015). Justification of generational cohort segmentation in South Africa. *International Journal of Emerging Markets*, 10(1), 89-101. <https://doi.org/10.1108/IJOEM-08-2012-0078>
- Egri, C. P., & Ralston, D. A. (2004). Generation cohorts and personal values: A comparison of China and the United States. *Organization Science*, 15(2), 210-220.
- Fei, L., Kang, X., Sun, W., & Hu, B. (2023). Global research trends and prospects on the first generation college students from 2002 to 2022: A bibliometric analysis via CiteSpace. *Frontiers in Psychology*, 14, 1214216. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1214216>
- Felicetti, V. L., Morosini, M. C., & Cabrera, A. F. (2019). Estudante de primeira geração (P-Ger) na educação superior brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, 49(173), 28-43. <https://doi.org/10.1590/198053146481>
- Fernández-Durán, J. J. (2015). Defining generational cohorts for marketing in Mexico. *Journal of Business Research*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.06.049>
- Howe, N., & Strauss, W. (1991). *Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069*. William Morrow & Company.

- Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials Rising: The Next Great Generation*. Vintage Books.
- Hsiao, J., & Casa Nova, S. P. C. (2016). Abordagem geracional dos fatores que influenciam a escolha de carreira em contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 27(72), 393–407.
- Ikeda, A. A., & Feitosa, I. (2011). Segmentação de mercado com base em coortes: Uma investigação qualitativa. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(3), 102–120.
- Ikeda, A. A., Campomar, M. C., & Pereira, C. A. (2008). Segmentação de mercado com base em coortes: Uma análise teórica e prática. *Revista Brasileira de Marketing*, 7(1), 4–26.
- Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1990). *Culture Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1997). *Modernization and postmodernization: Cultural, economic, and political change in 43 societies*. Princeton University Press.
- Joshi, A., Dencker, J. C., Franz, G., & Martocchio, J. J. (2010). Unpacking generational identities in organizations. *Academy of Management Review*, 35(3), 392–414.
- Lima, D. V., Nery, D. N., & Miranda, C. S. (2024). Uma análise da percepção da geração dos millennials sobre a previdência. *Revista Ambiente Contábil*, 16(1), 442–468.
- Lima, R. G. (2020). Para além do 'trânsfuga de classe': A socialização plural em narrativas da primeira geração de formados no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 35(104), e3510414. <https://doi.org/10.1590/3510414/2020>
- Lopes Melo, M. C. O., Faria, V. S. P., & Lopes, A. L. M. (2019). A construção da identidade profissional: estudo com gestoras das gerações Baby Boomers, X e Y. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(Esp.), 832–843.
- Lyons, S., & Kuron, L. (2014). Generational differences in the workplace: A review of the evidence and directions for future research. *Journal of Organizational Behavior*, 35(S1), S139–S157.
- Mannheim, K. (1952). *Essays on the sociology of knowledge*. Routledge & Kegan Paul.
- McCrindle, M., & Fell, A. (2021). *Generation Alpha: Understanding Our Children and Helping Them Thrive*. Hachette Australia.
- Menetti, S. A. P., Kubo, E. K. M., & Oliva, E. C. (2015). A geração Y brasileira e o seu comprometimento organizacional em empresas de conhecimento intensivo. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 14(2), 2-13.

- Meredith, G. E., Schewe, C. D., & Karlovich, J. (2002). Defining markets, defining moments: America's 7 generational cohorts, their shared experiences, and why businesses should care. *Hungry Minds*.
- Milhome, J. C. (2022). *Gerações brasileiras: uma proposta de classificação e identificação dos valores pessoais e no trabalho* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador.
- Milhome, J. C., & Rowe, D. E. O. (2020). Gerações brasileiras: Uma proposta de classificações a partir de eventos históricos marcantes. *XLIV Encontro da ANPAD – EnANPAD 2020*. Universidade Federal da Bahia.
- Motta, P. C., & Schewe, C. D. (2008). *Are marketing management decisions shaped during one's coming of age?*. *Management Decision*, 46(6), 845-861.
<https://doi.org/10.1108/00251740810890249>
- Munn, Z., Peters, M. D. J., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. *BMC Med Res Methodol* 18(143). <http://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>
- Munn, Z., Pollock, D., Khalil, H., Alexander, L., McInerney, P., Godfrey, C. M., Peters, M., & Tricco, A. C. (2022). What are scoping reviews? Providing a formal definition of scoping reviews as a type of evidence synthesis. *JBI Evidence Synthesis*, 20(4), 950–952. <https://doi.org/10.11124/JBIES-21-00483>
- Ostermann, C. M., Moyano, C. M., & Laufer, J. (2019). Posicionamento de marca em instituição de ensino superior: A percepção das coortes geracionais brasileiras. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 21(3), 416–434.
- Parry, E., & Urwin, P. (2021). Generational categories: A broken basis for human resource management research and practice. *Human Resource Management Journal*, 31(1), 1-13. <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12353>
- Peretz, H., Fried, Y., & Parry, E. (2022). Generations in context: The development of a new approach using Twitter and a survey. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 95(2), 239-274. <https://doi.org/10.1111/joop.12376>
- Prado, P. D. (2013). Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande. *Pro-Posições*, 24(1), 139–157.
- Purcini, G., Barretta, L. M., Ferreira, L., & Lourençao, M. (2024). Analyzing the impact of country-of-origin, geographical indication and wine world on low-involvement Generation Z potential consumers' attitudes toward wine ads. *International Journal of Wine Business Research*, 36(4), 591–612.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4^a ed.). Lisboa: Gradiva.

- Rayyan. (n.d.). Rayyan for systematic reviews. Rayyan QCRI. Retrieved from <https://www.rayyan.ai>
- Ravid, D. M., Costanza, D. P., & Romero, M. R. (2024). Generational differences at work? A meta-analysis and qualitative investigation. *Journal of Organizational Behavior*. <https://doi.org/10.1002/job.2827>
- Rocha, P. I., Lourençao, M., Teixeira, A. A., Araújo, E. G., Giraldi, J. M. E., & Oliveira, J. H. C. (2023). Generation Z response toward sponsorship disclosure on Instagram: Where do they look? What do they perceive? How do they act? *Young Consumers*, 24(4), 445–467.
- Rocha-de-Oliveira, S., Piccinini, V. C., & Bitencourt, B. M. (2012). Juventudes, gerações e trabalho: É possível falar em Geração Y no Brasil? *Organização & Sociedade*, 19(62), 551–558. <https://doi.org/10.1590/s1984-92302012000300010>
- Rudolph, C. W., Rauvola, R. S., & Zacher, H. (2020). Generations and generational differences: Debunking myths in organizational science and practice and paving new paths forward. *Journal of Business and Psychology*, 35, 733-750. <https://doi.org/10.1007/s10869-020-09715>
- Ryder, N. B. (1959). *The cohort as a concept in the study of social change*. American Sociological Review, 24(6), 843-861.
- Sallay, V., Wieszt, A., Varga, S., & Martos, T. (2024). Balancing identity, construction, and rules: Family relationship negotiations during first-generation succession in family businesses. *Journal of Business Research*, 174, 114483. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2023.114483>
- Schewe, C. D., & Meredith, G. (2004). Segmenting global markets by generational cohorts: Determining motivations, values, and purchasing behaviors. *Journal of Consumer Research*, 31(1), 93-102. <https://doi.org/10.1086/383544>
- Schröder, M. (2024). Work motivation is not generational but depends on age and period. *Journal of Business and Psychology*, 39(897–908). <https://doi.org/10.1007/s10869-023-09921-8>
- Schuman, H., & Scott, J. (1989). Generations and collective memories. *American Sociological Review*, 54(3), 359-381.
- Severo, E. A., Guimarães, J. C. F., & Dorion, E. C. H. (2018). Cleaner production, social responsibility and eco-innovation: Generations' perception for a sustainable future. *Journal of Cleaner Production*.
- Severo, E. A., Guimarães, J. C. F., Brito, L. M. P., & Dellarmelin, M. L. (2017). Environmental sustainability and sustainable consumption: The perception of Baby Boomers, Generation X, and Y in Brazil. *Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA*, 11(3), 92–110.
- Severo, E. A., Guimarães, J. C. F., Dellarmelin, M. L., & Ribeiro, R. P. (2019). A influência

- das redes sociais na consciência ambiental e na responsabilidade social das gerações. *Brazilian Business Review*, 16(5), 501–518.
- Severo, E. A., de Sousa, J. C., Montenegro, C. B., & de Queiroz Pimenta, R. C. (2021). Corporate entrepreneurship, educational institutions, and generational perceptions in Brazil. *International Journal of Innovation and Learning*, 29(4), 449–474.
<https://doi.org/10.1504/IJIL.2021.115495>
- Shaikh, A. A., Jamal, W. N., & Iqbal, S. M. J. (2021). The context-specific categorization of generations: An exploratory study based on the collective memories of the active workforce of Pakistan. *Journal of Public Affairs*, e2641.
<https://doi.org/10.1002/pa.2641>
- Silva, R. C., Dutra, J. S., Veloso, E. F. R., & Trevisan, L. N. (2020). Leadership and performance of Millennial generation in Brazilian companies. *Management Research: Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, 18(1), 1–16.
- Silva, R. C., Dutra, J. S., Veloso, E. F. R., Fischer, A. L., & Trevisan, L. N. (2015). Generational perceptions and their influences on organizational commitment. *Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, 13(1), 5–30.
- Tao, Y., Essers, C., & Pijpers, R. (2020). Family and identity: Intersectionality in the lived experiences of second-generation entrepreneurs of Chinese origin in the Netherlands. *Journal of Small Business Management*.
<https://doi.org/10.1080/00472778.2019.1710014>
- Tavares, J. M., Sawant, M., & Ban, O. (2018). A study of the travel preferences of Generation Z located in Belo Horizonte (Minas Gerais – Brazil). *e-Review of Tourism Research*, 15(2–3), 223–239.
- Tavares, J. M., Cobanoglu, C., & Ivanov, S. (2021). Generation Z, non-generation Z, and nontravelers: Travel motivation for sea cruises. *Tourism in Marine Environments*, 16(2), 113–124. <https://doi.org/10.3727/154427321X16201192810523>
- Tortorella, G., Miorando, R., Meiriño, M., & Sawhney, R. (2019). Managing practitioners' experience and generational differences for adopting lean production principles. *The TQM Journal*, 31(5), 758–771.
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D., Horsley, T., Weeks, L., & Hempel, S. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473.
- Twenge, J. (2010). A review of the empirical evidence on generational differences in work attitudes. *Journal of Business and Psychology*, 25, 201–210.
- World Values Survey. (2025). World Values Survey. Retrieved from <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSContents.jsp>

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A dissertação desenvolvida teve como foco a compreensão das gerações contemporâneas e suas classificações no contexto global e brasileiro, tema de reconhecida relevância acadêmica e social. Investigar como diferentes sociedades concebem e categorizam gerações, assim como examinar as especificidades dos estudos das gerações brasileiras, permitiu aprofundar o debate sobre a aplicabilidade e as limitações da classificação geracional predominante.

Estas considerações sintetizam de maneira crítica os principais resultados obtidos nos dois estudos realizados, refletem sobre as contribuições teóricas e metodológicas da pesquisa, além de destacar limitações e apontar caminhos promissores para futuras investigações. Adicionalmente, são abordadas as implicações práticas decorrentes dos achados e é apresentada uma reflexão final sobre o potencial transformador do conhecimento gerado nesta pesquisa.

Os resultados obtidos nos dois estudos realizados nesta dissertação permitem identificar importantes evidências, padrões e particularidades no campo. O primeiro estudo evidenciou a ampla diversidade dos critérios adotados por diferentes trabalhos acadêmicos ao classificar gerações de uma sociedade.

Embora os eventos históricos sejam centrais na construção dessas coortes, também há consideráveis influências simultâneas de outras dimensões, com diferentes níveis de relevância a depender do contexto analisado. Além disso, ficou clara a inadequação da utilização universal e irrestrita da classificação desenvolvida no contexto norte-americano, em cenários geopolíticos diversos àquele na qual foi concebida. Isto reforça a necessidade urgente de abordagens que contemplam especificidades locais e regionais.

O segundo estudo revelou que a produção acadêmica brasileira encontrada sobre gerações é predominantemente quantitativa, e apontou uma escassez crítica de pesquisas qualitativas e longitudinais. Constatou-se também que as gerações brasileiras possuem características próprias significativas, frequentemente divergentes das classificações internacionais.

Essas divergências são particularmente evidentes em aspectos relacionados ao comportamento no trabalho, engajamento socioambiental, relacionamento com tecnologias digitais e expectativas em relação ao futuro. Por fim, identificaram-se importantes lacunas conceituais e metodológicas nas pesquisas com a população brasileira, destacando a

necessidade de maior rigor e aprofundamento nos estudos sobre as especificidades das gerações brasileiras.

Assim, este trabalho traz importantes contribuições para o avanço teórico e metodológico dos estudos sobre gerações, destacando a necessidade de adotar perspectivas mais contextuais e sistematicamente multidimensionais. Reforça-se o valor central da dimensão histórica para a compreensão dos fenômenos geracionais. Mas ainda, identifica-se a presença e a relevância das dimensões social, política, tecnológica, econômica, cultural e natural.

Entretanto, o ponto-chave da argumentação desta dissertação reside na imperativa necessidade de integração e conciliação destas dimensões para saneamento, apuro e amplificação da leitura. Ocorre que uma das maiores valências da perspectiva geracional é seu caráter holístico. Há que se preservar esta nuance no processo de classificação. Esta salvaguarda perpassa a adoção da multidimensionalidade como princípio. De modo que sem isso não se pode conceber gerações que de fato espelhem a realidade das sociedades.

Ademais, uma das principais contribuições desta dissertação é destacar a importância do contexto brasileiro, com suas singularidades históricas, culturais e socioeconômicas, na formação de gerações específicas e distintas da predominante. Nesse sentido, esta pesquisa abre caminho para uma compreensão mais rica e detalhada das gerações brasileiras, permitindo futuras investigações mais assertivas e fundamentadas em contextos locais específicos.

Reconhece-se algumas limitações a serem consideradas na interpretação dos resultados. Primeiramente, a escolha das bases de dados (Scopus, Web of Science e SciELO) pode ter limitado o alcance da pesquisa, uma vez que outras fontes relevantes podem não ter sido exploradas, potencialmente deixando de fora contribuições acadêmicas importantes.

Foram tomadas as providências recomendadas pelo manual JBI e pelo PRISMA para redução de riscos de viés, inclusive com a participação de uma equipe de pesquisadores no processo e o apoio de bibliotecários externos. Apesar disso, a metodologia adotada, incluindo as estratégias de busca e os critérios de seleção dos artigos (palavras-chave e critérios de inclusão/exclusão), pode ter gerado vieses involuntários que influenciaram os resultados finais.

Outra limitação significativa reside na heterogeneidade conceitual e metodológica observada nos estudos analisados. Essa diversidade dificulta uma comparação direta e abrangente dos achados, exigindo cautela ao generalizar conclusões. Por fim, a limitação temporal da coleta de dados pode ter excluído estudos mais recentes ao período delimitado na

pesquisa, o que implica a necessidade de constante atualização e revisão para que as conclusões permaneçam válidas e aplicáveis ao contexto em constante transformação.

Com base nos resultados e nas limitações obtidos nesta pesquisa, diversas oportunidades para futuras investigações emergem como caminhos promissores. Recomenda-se fortemente o desenvolvimento de estudos longitudinais que permitam captar as transformações geracionais ao longo do tempo, diferenciando com maior precisão os efeitos da idade, período e geração.

Além disso, é fundamental investir em metodologias qualitativas, especialmente grupos focais e abordagens etnográficas, que possam aprofundar a compreensão sobre as nuances culturais, sociais e regionais. Outra importante recomendação é o desenvolvimento e a validação de instrumentos específicos, como escalas multidimensionais. Mais ainda, podem ser adaptadas à realidade brasileira, permitindo classificações geracionais mais consistentes e ajustadas às particularidades locais.

Adicionalmente, sugere-se a realização de estudos comparativos entre diferentes regiões brasileiras, com o objetivo de explorar as diferenças culturais e socioeconômicas, ampliando o entendimento das gerações em contextos diversificados dentro do país. Por fim, pesquisas futuras poderiam beneficiar-se de uma perspectiva comparativa internacional, especialmente na América Latina, proporcionando uma análise mais ampla das especificidades regionais e contribuindo significativamente para a literatura global sobre gerações.

Os achados colaboram para amadurecimento do campo e têm potencial para dar suporte a processos de classificação de gerações mais robustos metodologicamente e que concebam classes mais precisas e sintonizadas a realidade social. Além disso, podem implicar em ajustes substanciais nos rumos da pesquisa nacional propiciando um exame mais qualificado das nuances do país.

Por outro lado, importantes implicações práticas podem beneficiar diversos segmentos da sociedade brasileira. A compreensão detalhada das especificidades geracionais brasileiras oferece suporte valioso para a formulação de políticas públicas direcionadas, como por exemplo, as relacionadas à previdência social, educação e ao mercado de trabalho. Há o fornecimento de insumos importantes para o avanço da gestão organizacional.

Colabora-se alertando para a necessidade de suspensão do uso de referências geracionais arraigadas, porém, teoricamente infundadas para o contexto brasileiro. Além disso, enfatiza a importância estratégica da diversidade geracional nas organizações, proporcionando ambientes de trabalho mais inclusivos, dinâmicos e produtivos.

Consequentemente, também oferecem subsídios ao desenvolvimento de estratégias de marketing mais assertivas, que respeitem e valorizem as particularidades culturais e geracionais do público brasileiro. Além disso, tais mudanças de paradigmas podem municiar outras áreas como a de saúde, e fomentar também iniciativas interdisciplinares.

Ao concluir esta pesquisa, destaca-se a importância de olhar para o futuro das gerações brasileiras, considerando os complexos desafios globais contemporâneos e regionais, como avanços tecnológicos acelerados, crises ambientais iminentes e constantes mudanças políticas e econômicas. Esses fatores possuem um potencial significativo para moldar e influenciar as futuras classes.

Este trabalho ressalta que estudar gerações não apenas permite compreender melhor as diferenças e especificidades entre grupos sociais distintos, mas também promove inclusão social, combate estereótipos prejudiciais e fortalece a coesão intergeracional. Ao valorizar a diversidade e respeitar as diferenças geracionais, abre-se espaço para diálogos construtivos e enriquecedores entre indivíduos e grupos sociais diversos.

Por fim, é essencial adotar uma perspectiva otimista em relação ao potencial da pesquisa acadêmica como instrumento fundamental para gerar conhecimentos capazes de impactar positivamente a sociedade. Compreender as gerações de forma crítica e contextualizada pode contribuir decisivamente para a construção de um futuro mais consciente, inclusivo e harmonioso, em que a diversidade geracional seja plenamente conhecida e valorizada como um dos pilares essenciais para o desenvolvimento social e cultural.

REFERÊNCIAS DA INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

- Alwin, D. F., & Krosnick, J. A. (1991). Aging, cohorts, and the stability of sociopolitical orientations over the life span. *American Journal of Sociology*, 97(1), 169–195.
- Aromataris, E., Lockwood, C., Porritt, K., Pilla, B., & Jordan, Z. (Eds.). (2024). *JBI manual for evidence synthesis*. JBI. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-24-01>
- Brug, W. van der, & Rekker, R. (2020). Dealignment, realignment and generational differences in the Netherlands. *West European Politics*, 44(4), 776–801.
- Codato, A. N. (2005). Uma história política da transição brasileira: Da ditadura militar à democracia. *Revista de Sociologia Política*, 25, 83–106.
- Costanza, D. P., Ravid, D. M., & Slaughter, A. J. (2021). A distributional approach to understanding generational differences: What do you mean they vary? *Journal of Vocational Behavior*, 127, 103585. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2021.103585>
- Duh, H., & Struwig, M. (2015). Justification of generational cohort segmentation in South Africa. *International Journal of Emerging Markets*, 10(1), 89–101.
- Egri, C. P., & Ralston, D. A. (2004). Generation cohorts and personal values: A comparison of China and the United States. *Organization Science*, 15(2), 210–220.
- Fernández-Durán, J. J. (2016). Defining generational cohorts for marketing in Mexico. *Journal of Business Research*, 69(2), 435–444.
- Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1990). *Culture Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1997). *Modernization and postmodernization: Cultural, economic, and political change in 43 societies*. Princeton University Press.
- Lyons, S., & Kuron, L. (2014). Generational differences in the workplace: A review of the evidence and directions for future research. *Journal of Organizational Behavior*, 35(S1), S139–S157.
- Mannheim, K. (1952). The problem of generations. In *Essays on the sociology of knowledge* (pp. 276–322). Routledge & Kegan Paul.
- Meredith, G., Schewe, C. D., & Karlovich, J. (2002). *Defining markets, defining moments: America's 7 generational cohorts, their shared experiences and why business should care*. New York, NY: Hungry Minds.
- Milhome, J. C. (2022). *Gerações brasileiras: uma proposta de classificação e identificação dos valores pessoais e no trabalho* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador.

- Parry, E., & Urwin, P. (2011). Generational differences in work values: A review of theory and evidence. *International Journal of Management Reviews*, 13(1), 79–96.
- Ravid, D. M., Costanza, D. P., & Romero, M. R. (2024). Generational differences at work? A meta-analysis and qualitative investigation. *Journal of Organizational Behavior*. <https://doi.org/10.1002/job.2827>
- Rocha-de-Oliveira, S., Piccinini, V. C., & Bitencourt, B. M. (2012). Juventudes, gerações e trabalho: É possível falar em geração Y no Brasil? *Revista Organizações e Sociedade*, 19(62), 551–558.
- Rudolph, C. W., Costanza, D. P., Wright, C., & Zacher, H. (2019). Cross-temporal meta-analysis: A conceptual and empirical critique. *Journal of Business and Psychology*, 35, 733–750. <https://doi.org/10.1007/s10869-019-09659-2>.
- Ryder, N. B. (1965). The cohort as a concept in the study of social change. *American Sociological Review*, 30, 843–861.
- Schewe, C. D., & Meredith, G. E. (2004). Segmenting global markets by generational cohorts: Determining motivations by age. *Journal of Consumer Behavior*, 4(1), 51–63.
- Schuman, H., & Scott, J. (1989). Generations and collective memories. *American Sociological Review*, 54(3), 359–381.
- Shaikh, A. A., Jamal, W. N., & Iqbal, S. M. J. (2021). The context-specific categorization of generations: An exploratory study based on the collective memories of the active workforce of Pakistan. *Journal of Public Affairs*, e2641. <https://doi.org/10.1002/pa.2641>
- Schröder, M. (2024). Work motivation is not generational but depends on age and period. *Journal of Business and Psychology*, 39(897–908). <https://doi.org/10.1007/s10869-023-09921-8>
- Strauss, W., & Howe, N. (1991). *Generations: The history of America's future, 1584 to 2069*. William Morrow.
- Tang, N., Zhen, D., & Guan, J. (2024). Generational changes in Chinese employees' work values. *Acta Psychologica Sinica*, 56(7), 876–894. <https://doi.org/10.3724/SP.J.1041.2024.00876>
- Twenge, J. A. (2010). A review of the empirical evidence on generational differences in work attitudes. *Journal of Business and Psychology*, 25, 201–210.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PROTOCOLO PRISMA P – ESTUDO 1

INFORMAÇÕES ADMINISTRATIVAS

1. Título

GENERATIONAL CLASSIFICATIONS IN SOCIETIES: A SCOPING REVIEW

2. Registro do Protocolo

Este protocolo não foi registrado em plataforma

3. Autores

- Iuri Alberto de Jesus Sacramento - Mestrando, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: iuri.alberto@hotmail.com
- Diva Ester Okazaki Rowe - Professora, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: diva@ufba.br
- Andrea Valéria Steil - Professora, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: andrea.steil@ufsc.br
- Péricles Nobrega de Oliveira - Doutor, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: periclesnobrega@gmail.com

. Contribuições dos autores

- (Descrever as contribuições individuais dos autores. Exemplo: desenvolvimento metodológico, extração de dados, análise.)
 - Iuri Alberto de Jesus Sacramento – responsável principal pelo protocolo e pela revisão de escopo, sua elaboração e confecção, e efetiva execução, planejando e operacionalizando a revisão na íntegra.
 - Diva Ester Okasaki Rowe – colaboração no planejamento, na orientação do processo, na elaboração dos critérios, na composição aspectos teórico-conceituais e metodológicos, no voto de minerva da triagem dos estudos, nas análises e na revisão dos aspectos estruturais e das análises.
 - Andrea Valéria Steil – colaboração no planejamento, na orientação do processo, nos aspectos metodológicos (especialista no método), e revisão dos aspectos estruturais e conceituais.
 - Péricles Nobrega de Oliveira – colaboração no planejamento, nos testes dos critérios de busca e elegibilidade, no levantamento, na triagem, e na revisão dos aspectos estruturais.
- Identificar o garantidor do estudo: (Favor indicar quem é o responsável principal pelo protocolo.) : Iuri lberto de Jesus Saacramento

4. Emendas: Não se aplica.

5. Fontes de financiamento

Fontes

- Não há financiamento para este estudo.

Patrocinador

- . Não se aplica.

Papel do patrocinador ou financiador

- . Não se aplica

INTRODUÇÃO

6 . Justificativa

A classificação geracional é amplamente utilizada para compreender dinâmicas sociais, influenciando práticas organizacionais, formulação de políticas públicas e estratégias de mercado. No entanto, observa-se uma predominância do modelo americano na delimitação das gerações, o que pode levar a interpretações enviesadas e pouco adaptadas a outras realidades sociais e culturais. Assim, esta revisão busca mapear classificações geracionais adotadas em diferentes sociedades.

7. Objetivos

Geral: Mapear classificações de gerações das sociedades no mundo e suas características

Específicos:

- Identificar dimensões e parâmetros utilizados para definir classificações geracionais.
- Mapear abordagens, técnicas e instrumentos utilizados nos estudos analisados.
- Sintetizar evidências e propor recomendações metodológicas para futuras investigações.

MÉTODOS

8 . Critérios de Elegibilidade

- **Inclusão:** Estudos acadêmicos revisados por pares que abordem a classificação geracional no contexto das ciências sociais e humanas, desde que atendam aos seguintes critérios: (1) utilizem o conceito de gerações conforme discutido na sociologia, psicologia e ciências comportamentais; (2) apresentem uma abordagem contextualizada das sociedades; e (3) proponham classificações geracionais baseadas em critérios explícitos.
- **Exclusão:** Estudos que não proponham uma classificação geracional original e estruturada, utilizando-a apenas como um conceito auxiliar para análises secundárias. Serão excluídos também estudos que adotem o termo 'geração' fora do contexto das

ciências sociais e humanas, como aqueles que se referem a gerações tecnológicas (ex.: evolução de dispositivos eletrônicos) ou gerações biológicas (ex.: evolução genética e mutações celulares). Além disso, serão excluídos trabalhos que apenas utilizem classificações geracionais já estabelecidas sem propor novas reflexões conceituais ou metodológicas sobre o tema.

9. Fontes de Informação

- Bases de dados eletrônicas: Scopus, Web of Science e Scielo.
- Período de busca: Sem limite inicial, até 06 de novembro de 2024.
- Filtros aplicados: Apenas artigos acadêmicos revisados por pares.

10. Estratégia de Busca

As estratégias foram desenvolvidas considerando a diversidade de terminologias utilizadas para se referir à classificação geracional, com uso de palavras-chave extraídas de vocabulários controlados, como o Medical Subject Headings (MeSH) e o Emtree.

Serão aplicados os seguintes descritores e operadores booleanos:

STRING 1:

“generation*”.

STRING 2:

"class*"or"group*"or"categor*"or"arrang*"or"grad*"or"organiz*"or"order*"or"cod*"or"label*"or"taxonom*"or"assort*"or"disposit*"or"division*"or"section*"or"designat*"or"rank*"or"serie*"or"kind*"or"sort*"or"type*"or"cohort*"or"ident*".

Segue exemplo de linha de busca na WOS: (TI=(“generation*”)) AND TI=(“class*"or"group*"or"categor*"or"arrang*"or"grad*"or"organiz*"or"order*"or"cod*"or"label*"or"taxonom*"or"assort*"or"disposit*"or"division*"or"section*"or"designat*"or"rank*"or"serie*"or"kind*"or"sort*"or"type*"or"cohort*"or"ident*").

A estratégia de busca foi testada previamente para avaliar sua sensibilidade e precisão, garantindo a recuperação dos estudos mais relevantes. O refinamento das buscas contou com apoio de especialistas em ciência da informação para garantir a adequação dos descritores às bases selecionadas.

As buscas serão limitadas a títulos para aumentar a precisão e evitar a inclusão de estudos irrelevantes. Foram considerados sinônimos e variações linguísticas para lidar com a heterogeneidade terminológica e ampliar o escopo dos resultados. Os registros serão exportados no formato RIS e gerenciados pelo software EndNote, com remoção de duplicatas automática e manual.

Após essa etapa, os registros serão importados para o software Rayyan, permitindo a triagem cega por dois revisores independentes. A análise inicial envolveu a leitura de títulos e resumos, seguida da avaliação do texto completo para definição dos estudos incluídos. Divergências serão resolvidas por um terceiro revisor para garantir imparcialidade na seleção.

11. Processo de Seleção dos Estudos

- Uso dos softwares Endnote e Rayyan para triagem e gestão de referências.
- Triagem cega dos títulos e resumos por dois revisores independentes.
- Discussão de divergências com um terceiro revisor.
- Análise do texto completo para definição final dos estudos incluídos.

12. Método de Extração de Dados

- Uso de formulários estruturados em planilhas eletrônicas.
- Categorizado conforme Creswell & Creswell (2017).
- Extração de informações sobre objetivos, abordagens, instrumentos de coleta, dimensões contempladas e resultados principais.

14. Itens Extraídos

- Identificação do estudo (autores, título, ano, periódico).
- Classificações geracionais propostas.
- Critérios e dimensões utilizadas na classificação.
- Metodologia empregada.

15. Avaliação do Risco de Viés

- Uso das ferramentas CEBMa para estudos qualitativos e transversais. (decidido durante o processo)
- Análise de transparência, reproduzibilidade e validade dos métodos empregados.

16. Síntese dos Dados

- Apresentação em tabelas e figuras.
- Análise comparativa entre diferentes estudos.
- Identificação de padrões, convergências e divergências nos critérios de classificação.

17. Confiança na Evidência

- Análise crítica baseada em checklist PRISMA.
- Consideração da robustez metodológica dos estudos incluídos.

APÊNDICE B - PROTOCOLO PRISMA P – ESTUDO 2

INFORMAÇÕES ADMINISTRATIVAS

1. Título

Nossas Gerações: Uma Revisão de Escopo sobre Estudos das Gerações Brasileiras.

2. Registro

Este protocolo não foi registrado em plataforma.

3. Autores

- Iuri Alberto de Jesus Sacramento - Mestrando, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: iuri.alberto@hotmail.com
- Diva Ester Okazaki Rowe - Professora, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: diva@ufba.br
- Andrea Valéria Steil - Professora, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: andrea.steil@ufsc.br
- Péricles Nobrega de Oliveira - Doutor, Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: periclesnobrega@gmail.com

. Contribuições

Cada autor contribuiu com [detalhar funções, como seleção de estudos, extração de dados, análise]. O garantidor da revisão é [Nome do responsável].

- (Descrever as contribuições individuais dos autores. Exemplo: desenvolvimento metodológico, extração de dados, análise.)
 - Iuri Alberto de Jesus Sacramento – responsável principal pelo protocolo e pela revisão de escopo, sua elaboração e confecção, e efetiva execução, planejando e operacionalizando a revisão na íntegra.
 - Diva Ester Okasaki Rowe – colaboração no planejamento, na orientação do processo, na elaboração dos critérios, na composição aspectos teórico-conceituais e metodológicos, no voto de minerva da triagem dos estudos, nas análises e na revisão dos aspectos estruturais e das análises.
 - Andrea Valéria Steil – colaboração no planejamento, na orientação do processo, nos aspectos metodológicos (especialista no método), e revisão dos aspectos estruturais e conceituais.
 - Péricles Nobrega de Oliveira – colaboração no planejamento, nos testes dos critérios de busca e elegibilidade, no levantamento, na triagem, e na revisão dos aspectos estruturais.

- Identificar o garantidor do estudo: (Favor indicar quem é o responsável principal pelo protocolo.) : Iuri lberto de Jesus Saacramento

4. Emendas

Não se aplica.

5. Apoio

Fontes

- Não há financiamento para este estudo.

Patrocinador

- . Não se aplica.

Papel do patrocinador ou financiador

- . Não se aplica

INTRODUÇÃO

6. Justificativa

O conhecimento sobre gerações tem sido amplamente utilizado para entender comportamentos, valores e preferências, especialmente nas ciências sociais. No entanto, a realidade brasileira apresenta desafios particulares para essa abordagem, devido à diversidade cultural, histórica e socioeconômica do país. A produção acadêmica sobre gerações no Brasil ainda carece de uma sistematização clara, o que dificulta a construção de um panorama consolidado sobre o tema. Assim, esta revisão busca mapear e analisar as pesquisas existentes, identificando as principais abordagens teóricas, metodologias adotadas, lacunas e tendências. Com isso, pretende-se contribuir para o avanço do conhecimento sobre gerações no Brasil e fornecer subsídios para investigações futuras e aplicações práticas em diferentes campos do saber.

7. Objetivos

Mapear as características dos estudos sobre gerações brasileiras e suas evidências.

8. MÉTODOS

Critérios de elegibilidade

Inclusão: serão incluídos estudos que discutem gerações no contexto da sociedade brasileira, contemplando abordagens sociológicas, psicológicas, antropológicas e comportamentais. Serão considerados artigos publicados entre 2013 e 11 de novembro de 2024, indexados em

Scopus, Web of Science e SciELO. Além disso, serão incluídos estudos que analisam a relação entre gerações e fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais no Brasil, bem como pesquisas que adotam diferentes metodologias, sejam quantitativas, qualitativas ou mistas.

Exclusão: Estudos que abordam gerações em contextos não sociais, como aqueles focados exclusivamente em aspectos tecnológicos, biológicos, genéticos ou de engenharia. Além disso, serão excluídas pesquisas que tratam de gerações no sentido de sucessão familiar empresarial sem ligação com a análise geracional em um contexto social mais amplo, bem como estudos que analisam gerações apenas sob a ótica de desenvolvimento de produtos ou marketing sem um enquadramento sociológico, psicológico ou antropológico.

9. Fontes de informação

Foram consultadas as bases **Scopus, Web of Science e Scielo**.

10. Estratégia de busca

A busca será realizada nas bases Scopus, Web of Science e Scielo utilizando os seguintes descritores: "generation*", "Brasil*", "Brazil*". As strings de busca serão combinadas com operadores booleanos para refinar os resultados. Os termos serão aplicados nos títulos para a string 1 e nos títulos, resumos e palavras-chave para a string 2. Além disso, serão aplicados filtros para considerar exclusivamente artigos científicos revisados por pares e excluir estudos fora do escopo definido nos critérios de elegibilidade.

11. Registros do estudo

Gestão de dados

Uso dos softwares Endnote e Rayyan para triagem e gestão de referências.

Processo de seleção

Triagem será realizada por dois revisores independentes, às cegas, com decisões divergentes resolvidas por um terceiro pesquisador.

Processo de coleta de dados

Extração de dados realizada por meio de planilhas padronizadas no Excel.

12. Itens de dados

Os dados extraídos incluíram:

- Tipo de estudo
- Amostra
- Metodologia
- Principais achados

- Limitações

13. Resultados e priorização

Os principais resultados buscados serão:

- Características dos estudos geracionais no Brasil
- Bases teóricas e metodologias utilizadas
- Tendências e lacunas na literatura

14. Risco de viés nos estudos individuais

Utilização da ferramenta CEBMa para avaliação da qualidade dos estudos qualitativos e transversais. (decidido durante o processo)

15. Síntese dos dados

A síntese dos dados será feita de forma narrativa, organizando os resultados em categorias temáticas.

Medidas estatísticas

Se aplicável, serão utilizadas medidas estatísticas para análise dos dados.

Análises adicionais

Análises adicionais poderão ser realizadas para explorar padrões emergentes.

16. Viés de meta-análise

Serão considerados vieses de publicação e seleção.

17. Confiança nas evidências cumulativas

A força da evidência será discutida com base na coerência dos achados e qualidade dos estudos revisados.

APÊNDICE C - Relato de Impactos da Dissertação

Diante das demandas da sociedade pelo conhecimento acadêmico, este apêndice visa descrever os impactos potenciais e reais decorrentes da presente dissertação.

1. Impactos Acadêmicos e Científicos

O desenvolvimento dessa dissertação gerou dois artigos científicos com potencial para publicação em periódicos de alto impacto, dada a originalidade da proposta metodológica e da abordagem temática. Os conteúdos aplicam a análise crítica das classificações geracionais no mundo e o estado da produção acadêmica sobre esta pauta no contexto brasileiro. Os estudos mencionados são:

- GENERATIONAL CLASSIFICATIONS IN SOCIETIES: A SCOPING REVIEW - Submetido ao XLIX EnANPAD (2025)
- NOSSAS GERAÇÕES: UMA REVISÃO DE ESCOPO SOBRE ESTUDOS DAS GERAÇÕES BRASILEIRAS - Desenvolvido e a ser submetido.

2. Contribuições para campos do conhecimento

Tais estudos promoveram contribuições para o campo de estudo ao promover a revisão da literatura, de modo a pavimentar o caminho para estudos posteriores. Bem como, proporcionaram avanços teóricos e metodológicos, como na proposição de um modelo estrutural-dinâmico multidimensional para classificação de gerações, destacando-se pela inovação conceitual e metodológica, e na reflexão quanto à aplicação do modelo norte-americano ao cenário brasileiro.

3. Impactos Sociais

Quanto à aplicação dos resultados, a pesquisa colabora para suporte a políticas de gestão, especialmente nas áreas: organizacional, de pessoas, e de marketing. Aponta-se a relevância da consideração de especificidades de cada localidade, especialmente as geracionais brasileiras.

O aprofundamento do conhecimento sobre as gerações possibilita intervenções sociais mais precisas e inclusivas, com redução de estereótipos e preconceitos relacionados às gerações, contribuindo para melhoria da qualidade de vida nas populações. Além de prover base para futuras políticas públicas, pois as conclusões podem subsidiar ações que promovam a equidade intergeracional e a sua adaptação às realidades locais.

4. Impactos Culturais

Quanto à valorização do patrimônio cultural o trabalho, propõe reconhecer as singularidades culturais das gerações, a partir de sua concepção, preservando o patrimônio histórico e social dos diferentes grupos geracionais. Quanto à educação e sensibilização, a dissertação gera insumos que promovem a compreensão sobre as dinâmicas geracionais nos contextos.

APÊNDICE D - Tabela 15

Descriptivo geral dos estudos analisados no estudo 1

| Referência | Sociedade/ Localidade (contexto regional/ nacional) | Objetivo do Estudo | Abordagem Metodológica/ Técnica de análise | População/ Amostra - Corpus | Instrumentos de coleta de dados | Setor/ Organização pesquisada | Resultados Principais |
|--|---|---|--|--|--|---|--|
| Duh, H., & Struwig, M. (2015). Justification of generational cohort segmentation in South Africa. <i>International Journal of Emerging Markets</i> , 10(1), 89-101. | África do Sul | Avaliar a segmentação geracional no país e descrever características da Geração Y | Teórica/Análise histórica e sociopolítica | Consumidores sul-africanos/Dados secundários | Uso de dados secundários por revisão de literatura | Não aplicável | Segmentação geracional adaptada ao contexto sul-africano |
| Egri, C. P., & Ralston, D. A. (2004). Generation cohorts and personal values: A comparison of China and the United States. <i>Organization Science</i> , 15(2), 210–220. | China e Estados Unidos | Examinar os valores pessoais de gerações nos dois contextos culturais. | Quantitativa e comparativa/ MANCOVA; Schwartz Value Survey (SVS) | Gestores e trabalhadores dos dois países/ 774 amostragem por conveniência (China) e 784 amostragem aleatória (EUA) | Schwartz Value Survey (SVS) | Empresas estatais (China) e diversas indústrias (EUA) | Proposta de classificação de gerações para a China. Diferenciação intergeracional em dois contextos culturais; implicações organizacionais |
| Hung, K. H., Gu, F. F., & Yim, C. K. B. (2007). A social institutional approach to identifying generation cohorts in China with a comparison with American consumers. <i>Journal of International Business Studies</i> , 38(5), 836–853. https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8400288 | China, com comparações nos EUA | Identificar coortes geracionais na China e analisar diferenças em valores e consumo | Quantitativa/Análise fatorial, ANCOVA, regressão logística | Consumidores chineses urbanos/ 2970 e 32.670 participantes/Probabilidade estratificada | Entrevistas e questionários | Não aplicável | Modelo de segmentação para economias em transição, com classificação de gerações distinta para a China |
| Tang, N., Wang, Y., & Zhang, K. (2017). Values of Chinese generation cohorts: Do they matter in the workplace? <i>Organizational Behavior and Human Decision Processes</i> , 143, 8–22. | China | Investigar variações nos valores humanos básicos entre coortes geracionais e suas implicações no trabalho | Quantitativa/CFA, regressão hierárquica, ANOVA | Trabalhadores chineses manufatura/ 2010 funcionários/ amostragem intencional (não probabilística) | Questionário de Valores de Retratos (PVQ). | Empresas manufat. | Aplicabilidade limitada da Teoria da Modernização Evolutiva na China; novo modelo de classificação geracional |
| McKercher, B., Lai, B., Yang, L., & Wang, Y. (2020). Travel by Chinese: A generational cohort perspective. <i>Asia Pacific Journal of Tourism Research</i> , 25(4), 341–354 | Chengdu, província de Sichuan, China. | Investigar como diferentes gerações de chineses comprehendem, valorizam e praticam o turismo, utilizando a Teoria de Coorte Geracional. | Mista (quantitativa e qualitativa), com abordagem exploratória/ Análise estatística descritiva (ANOVA, Qui-quadrado) e análise de conteúdo temática. | Estudantes de turismo e hotelaria do Chengdu Polytechnic, seus pais e avós/ Amostragem intencional por conveniência (famílias dos estudantes). | Questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas. | Instituição educacional | Ampliação da Teoria de Coorte Geracional para o turismo; impacto geracional na propensão e prioridade de viagens. |
| Akhavan Sarraf, A. R., Abzari, M., Isfahani, A. N., & Fathi, S. (2016). The impact of generational groups on organizational behavior in Iran. <i>Human Systems Management</i> , 35(3), 175–183. https://doi.org/10.3233/HSM-160866 | Irã | Identificar e classificar grupos geracionais no Irã e explorar suas implicações para o comportamento organizacional | Qualitativa/Análise de entrevistas de tipo não reportado | Especialistas acadêmicos e gestores experientes/ Amostragem intencional não probabilística de 13 especialistas | Entrevistas estruturadas e análise documental | Setores industrial e de serviços | Proposta de classificação geracional específica para o Irã |

| Referência | Sociedade/ Localidade (contexto regional/ nacional) | Objetivo do Estudo | Abordagem Metodológica/ Técnica de análise | População/ Amostra - Corpus | Instrumentos de coleta de dados | Setor/ Organização pesquisada | Resultados Principais |
|---|---|---|--|--|--|---|--|
| De Run, E. C., & Ting, H. (2013). Generational cohorts and their attitudes toward advertising. <i>Market-Tržište</i> , 25(2), 143–160. | Sarawak, Malásia | Identificar os coortes geracionais e analisar atitudes em relação à publicidade | Mista (qualitativa e quantitativa) /Análise de conteúdo, regressão, ANOVA / Modelo de Pollay e Mittal | Residentes de Sarawak/48 entrevistas (amostragem intencional) + 1.410 questionários (Não aleatória) | Entrevistas abertas e questionários estruturados | Não aplicável | Identificação de 5 coortes geracionais em Sarawak; influência de crenças sobre atitudes |
| Tung, L. C., & Comeau, J. D. (2014). Demographic transformation in defining Malaysian generations: The seekers (Pencari), the builders (Pembina), the developers (Pemaju), and generation Z (Generasi Z). <i>International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences</i> , 4(4), 383–403. | Malásia | Formular rótulos geracionais baseados nas transformações socioeconômicas e demográficas da Malásia nos últimos 70 anos (de 1940 até 2010), criando coortes próprias que refletem a realidade local. | Estudo teórico-conceitual /Análise interpretativa com base em dados estatísticos históricos, aplicação da teoria da transição demográfica e da teoria geracional | População malaia ao longo de quatro gerações/ Análise documental e estatística baseada em dados secundários oficiais (estatísticas nacionais e históricas) | Fontes secundárias: estatísticas governamentais, literatura histórica e econômica, relatórios oficiais | Setores econômicos nacionais (agricultura, indústria, serviços) | Formulação de quatro coortes geracionais próprias da Malásia. Estabelecimento de parâmetros históricos e socioeconômicos locais para análise de gerações. Enfoque crítico à hegemonia de rótulos geracionais globais |
| Ting, H., Lim, T.-Y., de Run, E. C., Koh, H., & Sahdan, M. (2017). Are we Baby Boomers, Gen X and Gen Y? A qualitative inquiry into generation cohorts in Malaysia. <i>Kasetsart Journal of Social Sciences</i> , 38(3), 211–217. https://doi.org/10.1016/j.kjss.2017.06.004 | Malásia (contexto nacional) | Identificar eventos externos formativos e definir coortes geracionais malaia | Qualitativa/Análise de conteúdo com ATLAS.ti | Cidadãos malaio de diferentes idades e etnias/80 entrevistas (proposito) | Entrevistas abertas | Não aplicável | Identificação de cinco coortes geracionais específicas |
| Mustafa, H., Mukhiar, S. N. S., Jamaludin, S. S. S., & Jais, N. M. (2021). Malaysian generational cohorts in the new media era: Historical events and collective memory. <i>Media Asia</i> . https://doi.org/10.1080/01296612.2021.2018536 | Malásia (contexto nacional) | Identificar e categorizar os coortes geracionais da Malásia com base em memórias coletivas e eventos históricos significativos | Qualitativa/Análise de conteúdo | Cidadãos malaio com 18 anos ou mais/66 participantes, divididos em sete faixas etárias (Propositivo) | Grupo focal | Sociedade malaia em geral | Categorização única para gerações malaia; importância de eventos nacionais |
| Shaikh, A. A., Jamal, W. N., & Iqbal, S. M. J. (2021). The context-specific categorization of generations: An exploratory study based on the collective memories of the active workforce of Pakistan. <i>Journal of Public Affairs</i> , e2641. https://doi.org/10.1002/pa.2641 | Paquistão (província de Punjab) | Explorar a viabilidade da aplicação específica da teoria das gerações no contexto paquistanês e categorizar a força de trabalho ativa em coortes geracionais | Qualitativa/Análise temática | Acadêmicos e especialistas industriais/50 participantes (Propositivo) | Grupos focais e Entrevistas semiestruturadas | Tecnologia da Informação, setor farmacêutico e bancário | Proposta de classificação geracional no contexto paquistanês |
| Cox, A., Hannif, Z., & Rowley, C. (2014). Leadership styles and generational effects: Examples of US companies in Vietnam. <i>The International Journal of Human Resource Management</i> , 25(1), 1–22. | Vietnã | Investigar as orientações de valor das coortes geracionais vietnamitas e sua receptividade a estilos de liderança participativa e orientada para desempenho em empresas multinacionais norte-americanas | Qualitativa, de caráter exploratório/ Análise qualitativa temática, com triangulação entre entrevistas, observações e documentos. | Funcionários e gerentes de cinco multinacionais norte-americanas no Vietnã/ Amostragem intencional, com 57 entrevistas individuais (25 gerentes e 32 funcionários) e 6 grupos focais por coorte etária | Entrevistas semiestruturadas, grupos focais e observação não participante. | Setores automotivo, energia e bens de consumo | Demonstra a receptividade variável a estilos de liderança entre diferentes gerações vietnamitas; Evidencia a adaptabilidade das gerações mais velhas e a afinidade das gerações mais novas com estilos ocidentais; Introduz uma tipologia geracional baseada em marcos históricos locais |

| Referência | Sociedade/ Localidade (contexto regional/ nacional) | Objetivo do Estudo | Abordagem Metodológica/ Técnica de análise | População/ Amostra - Corpus | Instrumentos de coleta de dados | Setor/ Organização pesquisada | Resultados Principais |
|--|---|---|--|---|---|---|---|
| Gavreliuc, A. (2012). Continuity and change of values and attitudes in generational cohorts of the post-communist Romania. <i>Cognition, Brain, Behavior. An Interdisciplinary Journal</i> , 16(2), 191-212. | Região Oeste da Romênia | Investigar se a revolução romena de 1989 alterou os valores e atitudes dos cidadãos em diferentes gerações | Quantitativa/ ANOVA de escalas validadas | Habitantes da Região Oeste da Romênia/ (1.481 participantes) /amostragem estratificada por cotas | Questionários estruturados | Não aplicável | Conservação de valores intergeracionais mesmo diante de mudanças sociais |
| Down, I., & Wilson, C. J. (2013). A rising generation of Europeans? Life-cycle and cohort effects on support for Europe. <i>European Journal of Political Research</i> , 52(4), 431–456. https://doi.org/10.1111/1475-6765.12001 | Europa (15 países da UE) | Identificar se o suporte à UE varia ao longo do ciclo de vida ou entre gerações | Quantitativa/ Modelos de efeitos aleatórios cruzados (Yang; Land, 2008). | Cidadãos europeus (15–85 anos)/Dados do Eurobarometer (1976–2008) amostragem estratificada | Questionários Eurobarometer | Não aplicável. | Reconciliou estudos conflitantes; previsão de suporte futuro |
| Grasso, M. T. (2014). Age, period and cohort analysis in a comparative context: Political generations and political participation repertoires in Western Europe. <i>Electoral Studies</i> , 33, 63–76. https://doi.org/10.1016/j.electstud.2013.06.003 | Europa Ocidental | Investigar como diferentes gerações se engajam em atividades políticas institucionais e extra-institucionais com base no contexto histórico de socialização política | Quantitativa/ Modelos multinível, Modelos Aditivos Generalizados Mistos (GAMMs) | Nascidos entre 1909 e 1981, de 10 democracias/ amostragem estratificada com dados (European Values Study 1981–2008) | Base de dados de estudos de valores europeus (EVS) com questionários aplicados | Não aplicável diretamente a setores ou organizações específicas | Evidências para a teoria das gerações políticas. Confirmação de que o contexto histórico de socialização é central para a formação de padrões de participação política. Concepções de coortes para Europa Ocidental |
| Grasso, M. T., Farrall, S., Gray, E., Hay, C., & Jennings, W. (2018). Socialization and generational political trajectories: An age, period and cohort analysis of political participation in Britain. <i>Journal of Elections, Public Opinion and Parties</i> . | Reino Unido | Testar uma teoria unificada sobre socialização política e engajamento intergeracional | Quantitativa/ Modelos APC (Idade-Período-Coorte) e GAM | População britânica/Dados do BSAS (1983-2012)/ amostragem aplicado face a face | Dados secundários do BSAS, com questionário aplicado face a face | População geral | Contexto de socialização explica padrões intergeracionais |
| Schewe, C. D., & Meredith, G. E. (2004). Segmenting global markets by generational cohorts: Determining motivations by age. <i>Journal of Consumer Behavior</i> , 4(1), 51–63. | Rússia/Brasil | Investigar a aplicabilidade do marketing por coortes geracionais em diferentes contextos nacionais, propondo classificações baseadas em eventos históricos formadores de valores. | Estudo teórico-conceitual com abordagem qualitativa e exploratória/ Análise qualitativa, com organização e interpretação temática a partir de eventos definidores. | Consumidores no Brasil e Rússia, com foco em grupos etários definidos pelas coortes/ Fontes históricas, literatura científica, imprensa nacional, entrevistas com especialistas | Análise documental, entrevistas com especialistas, focus groups em Brasil e Rússia. | Setor de marketing e consumo | Proposição de coortes específicas para Brasil e Rússia; Ampliação da literatura ao considerar contextos emergentes; Aplicabilidade direta ao marketing e à sociologia do consumo |
| Fernández-Durán, J. J. (2015). Defining generational cohorts for marketing in Mexico. <i>Journal of Business Research</i> . | México | Propor uma nova classificação de coortes geracionais para consumidores urbanos mexicanos | Quantitativa/ CUSUM; Regressões logísticas. | Consumidores urbanos mexicanos/10.377 entrevistas/amostragem probabilística estratificada. | Dados da pesquisa ENVUD2010. | Não aplicável | Nova classificação de gerações para o México |
| Milhome, J. C. (2022). Gerações brasileiras: uma proposta de classificação e identificação dos valores pessoais e no trabalho (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador. | Brasil | Propor uma classificação de gerações especificamente para o contexto brasileiro, a partir de eventos históricos marcantes. | Qualitativa exploratória e descritiva/ Análise de conteúdo | Brasileiros nascidos entre 1946 e 2002/ 452 indivíduos respondentes | Questionário aberto subjetivo, via digital Survey Monkey | Não aplicável | Propõe classificação específica de gerações para o contexto brasileiro, contemplando eventos históricos moldaram diferentes percepções e valores geracionais. |

Fonte: Elaboração pelo próprio autor